





EX-LIBRIS

RUBENS BORBA
ALVES DE MORAES

Je ne fay rien
sans
Gayeté

(Montaigne, Des livres)

Ex Libris
José Mindlin

MEMORIAS

DA

RUA DO OUVIDOR

(Publicadas em folhetins semanaes no JORNAL DO COMMERCIO)

PELO

Dr. Joaquim Manoel de Macedo.



RIO DE JANEIRO.

Typographia PERSEVERANÇA, rua do Hospicio n. 85.

.....
1878.

MEMORIAS DA RUA DO OUVIDOR.

CAPITULO I.

Como a actual *rua do Ouvidor*, tão soberba e vaidosa que é, teve a sua origem em um *desvio*, chamando-se primitivamente *Desvio do Mar*, e começando então (de 1568 a 1572) do ponto em que fazia angulo com a *rua Direita*, neste tempo com uma só linha de casas e á beira do mar. Como em 1590, pouco mais ou menos, o *Desvio do Mar*, recebeu a denominação de *rua de Aleixo Manoel*, sendo ignorada a origem dessa denominação; o autor destas *Memorias* recorre a uns velhos manuscritos que servem em casos de aperto, e acha nelles a tradição de *Aleixo Manoel*, cirurgião de todos e barbeiro só de fidalgos; começa a referil-a, mas suspende-a no momento em que vai entrar em scena a heroína, que é mameluca, jovem e linda, e deixa os leitores a esperar por elle sete dias.

A rua do Ouvidor, a mais passeiada e concorrida, e mais leviana, indiscreta, bisbilhoteira, esbanjadora, futil, novelleira, polyglotta e encyclopedica de todas as ruas da cidade do Rio de Janeiro, falla,

occupa-se de tudo; até hoje, porém, ainda não referio á quemquer que fosse a sua propria historia.

Se tão elegante, vaidosa, tafulona e rica no seculo actual, por ventura lhe apraz esquecer o passado, para não confessar a humildade de seu berço, pois que é do *Ouvidor*, cerre bem os *ouvidos*; porque tomei a peito escrever-lhe a historia, mas com tanta verdade e rectidão que se lembrando-lhe seus tempos primitivos, ella tiver de amuar-se pelo resentimento de sua soberba de fidalga nova, ha de sorrir depois a algumas saudosas e gratas recordações que avivarei em seu espirito perdidamente absorvido pela garridice e pelo governo da moda.

As *Memorias da rua do Ouvidor* têm, em falta de outras, um incontestavel, grande e precioso merecimento, pois começa já e immediatamente, sendo os seus hypotheticos leitores poupados aos tormentos do *prologo*, *proemio*, *introducção*, ou cousa que o valha, em que, de costume, o autor, abysmado em diluvios de modestia, abusa da paciencia do proximo com a exhibição de sua propria pessoa affixada no frontespicio do monumento.

*

Salvo o respeito devido á sua actual condição de rica, bella e ufanosa dama, tomo com a minha auto-

ridade de memorista-historiador, e exponho ao publico a rua do *Ouvidor* em seus coeirinhos de menina recém-nascida e pobre.

A actual rainha da moda, da elegancia e do luxo nasceu...

E' indeclinavel principiar por triste confissão de ignorancia: não sei, não pude averiguar a data do nascimento da rua que desde 1780 se chama do *Ouvidor*, do que a ella disse não resulta prejuizo algum, e pelo contrario ganha muito em sua condição de *senhora*; porque isenta de anniversario natalicio conhecido, não ha quem ao certo lhe possa marcar a idade, questão delicadissima na vida do *bello sexo*. Que afortunada predestinação dessa *rua do Ouvidor*!...

São menos felizes que ella as proprias senhoras nascidas no ultimo dia de Fevereiro em anno bissexto, as quaes tem o condão de anniversario natalicio só de quatro em quatro annos...

Mas memorista-historiador que sou, não hesito em atraiçoar o segredo da idade aproximada da rua do *Ouvidor*, que tão louçã, namoradeira e galante, conta com certeza mais de trezentos *Janeiros*.

Sabem todos que a cidade de S. Sebastião do Rio de Janeiro, fundada por Mem de Sá em 1567, teve o seu assento sobre o monte de S. Januario (depois chamado do *Castello*); mas, perdido o receio

de ataques inopinados dos Tamoyos, começaram logo os colonos a descer do monte e a estabelecer-se na planície.

Primeiramente levantarão á beira do mar casas e choupanas com uma só linha, formando, o que alguns annos mais tarde recebeu o nome de rua da *Misericordia*; em seguida foram adiantando suas rudes construcções pela praia de *Nossa Senhora do O'*, que a mudar de denominação se foi chamando *Lugar do Ferreiro da Polé*, *Praça do Carmo*, *Terreiro do Paço*, *Largo do Paço*, e emfim *Praça D. Pedro II*.

Da praia de *Nossa Senhora do O'* (onde logo depois de 1567 um devoto erguêra pequena capella com essa santa invocação) as casas e palhoças continuárão a levantar-se mais ou menos separadas uma das outras e ainda á beira do mar, e tambem em uma só linha, que muito em breve formárão a primitiva rua *Direita* que é desde 1870 rua *Primeiro de Março*.

Tudo isso foi obra de 1568 a 1572, e não admira, porque as primeiras casas erão de construcção muito ligeira e evidentemente provisórias.

Mas em anno que correu entre o de 1568 e o de 1572 alguns collonos abrirão á pouca distancia do começo da rua que se denominou *Direita*, uma entrada em angulo recto com ella, e cada qual foi

improvisando grosseiro *ubi* para si e para sua familia aos lados dessa aberta feita sobre areas e por entre mesquinha vegetação denunciadora de antigo dominio do mar.

E, curiosa, interessante, notavel, notabilissima idéa ou inspiração daquelles colonos portuguezes tão bisonhos e tão sem malicia !... como aquella *aberta* ainda não era rua, e elles precisavão designal-a por algum nome, chamárão-na *Desvio do Mar*. Desvio !...

Eis o berço da bonita, vaidosa e pimpona actual *rua do Ouvidor* ! Fica, pois, historiado que ellá nasceu de um *desvio*, e desvio da rua *Direita*, ou do *caminho direito* o que, a fallar a verdade, não era de bom agouro.

Todavia foi alli augmentando logo o numero dos tectos abrigadores ; como, porém, se já estivesse prevendo e prelibando seus destinos futuros, o *Desvio do Mar* ostentou desde os seus primitivos annos suas duas series de cabanas de aspecto rustico, mas agradavel, e perfeitamente alinhadas e parallelas.

O *Desvio* teve por primeiros moradores gente pobre, no trabalho porém activa ; peões que exercião misteres, operarios, e um cirurgião que era barbeiro dos nobres.

Mas no anno de 1590 e sem intervenção nem audiencia da Camara Municipal o *Desvio do Mar* por

accordo geral dos colonos subio ao grão honorífico de rua urbana com o nome de *Aleixo Manoel*.

Tal foi a primeira denominação que recebeu, deixando de chamar-se — Desvio — a rua, cujas Memórias escrevo, *Aleixo Manoel!* nome masculino, feio, ingrato, peão sem raiz de fidalguia, nem carta de nobreza.

Procurei nas chronicas do tempo, e nas obras de monsenhor Pizarro e de Balthazar da Silva Lisboa algum *Aleixo Manoel*, que tivesse deixado nome na historia; mas foi trabalho baldado, não encontrei entre os fidalgos da nascente colonia esse positivo e irrecusavel avô da actual *rua do Ouvidor*; não ha, porém, meio de dissimular o parentesco; porque em livros que escapárão ao incendio do archivo da Camara Municipal da cidade do Rio de Janeiro em 1791, se acha escripta e mencionada a tal denominação de *rua de Aleixo Manoel*.

Ah! que nem por isso se arrepie resentida, e que não maldiga do seu memorista a Exma. *rua do Ouvidor*.

Até aqui o pouco que deixo relatado é sériamente tradicional quanto ao *Desvio*, e em tudo mais positivamente historico; quero, porem, em honra e gloria da *rua do Ouvidor* dar a todo transe, em falta de origem aristocratica impossivel, origem ro-

manesca a denominação de *Aleixo Manoel* que ella teve no outro tempo.

Para casos de aperto, como este o *memorista*, que se reserva direitos confessos de imaginação, deve ter sempre velhos manuscriptos ricos de tradições que expliquem o que se ignora.

Não exijo dos meus leitores que tenham por incontestavel a tradição que apanhei nos meus velhos manuscriptos. Liberdade ampla de aceital-a ou não.

Aleixo Manoel, colono portuguez, era cirurgião e tambem barbeiro; mas barbeiro só de fidalgos: morava no monte de S. Januario perto do collegio dos padres jesuitas; como porém poucos doentes tivesse, e ainda menos fidalgos a barbear, lembrou-se um dia de procurar fortuna, explorando a guerra.

Neste ponto a minha tradição se aproveita de uma lugubre pagina da historia.

Como os indios *Tamoyos*, irreconciliaveis e odiennos inimigos dos Portuguezes, hostilisassem a estes quasi constantemente, atacando e destruindo seus estabelecimentos ruraes na capitania de S. Vicente, e ainda mais na do Rio de Janeiro, o governador Antonio Salema, resolvendo exterminar aquella tribu selvagem, fez partir contra ella duas columnas expedicionarias, uma de S. Vicente e outra da cidade de S. Sebastião do Rio de Janeiro, para nesta capita-

nia levarem a ferro e fogo o extermínio a essa tribo funesta e indomável.

Aleixo Manoel alistou-se voluntario na columna expedicionaria fluminense, que foi commandada por Christovão de Barros.

A historia guarda a lembrança da justificada, mas horrorosa guerra: o incendio devorou dezenas de aldêas de indios, e destes mais de dez mil forão mortos, mais de sete mil prisioneiros e reduzidos á escravidão, e os *Tamoyos* que puderão escapar mettêrão-se pelas florestas, emigrando para muito longe, e para sempre.

Mas o que a historia não diz, e a minha tradição informa, é que a tremenda expedição rendeu a *Aleixo Manoel* dous escravos *tamoyos*, a quem elle generoso e a custo salvára da medonha hecatombe de uma horda apanhada de surpresa em sua aldêa, nas proximidades de Cabo-Frio.

Os] dous escravos erão um indio quasi sexagenario, e uma india, sua neta, de tres annos de idade; — um homem já a envelhecer, e uma menina á criar; mas para conseguir salvá-os da morte, Aleixo Manoel os tomou á sua conta.

A menina evidentemente não era de raça pura *tupy*; era uma linda mameluca: a aldêa selvagem estabelecida perto de Cabo-Frio occupado por fran-

cezes, e as relações amigas e frequentes destes com os *tamoyos* das vizinhanças, seus aliados, explicavão o cruzamento das duas raças naquella bonita e interessante criança.

De volta á cidade Aleixo Manoel não quiz continuar a residir no monte de S. Januario, e fazendo construir boa e espaçosa cabana no *Desvio do Mar*, nella se estabeleceu, como cirurgião e ainda barbeiro; mas barbeiro só de fidalgos.

Os dous escravos recebêrão o baptismo: o indio já meio velho chamou-se *Thomé*, e a menina ainda criança *Ignez*

Deus abençôa sempre as boas acções e sobre todas as virtudes, a caridade.

Aleixo Manoel colheu em breve proveitoso e merecido premio de seu nobre e generoso impulso de amor do proximo para com os dous infelizes. Thomé mandado por seu senhor a trazer-lhe do monte do Desterro (depois de Santa-Thereza) a famosa e optima agua da Carioca, internava-se na floresta, e nella recolhiaervas, folhas, cortiças e raizes de arvores, cujas virtudes medicinaes por experiencia, embora rude, conhecia, e as levava ao cirurgião, a quem indicava as molestias em cujo tratamento ellas aproveitavão.

Com esses novos recursos therapeuticos Aleixo

Manoel, começou graças ao pobre escravo, á distinguir-se por admiradas victorias medicas, ganhou fama ; teve clinica extensa e rendosa, reconstruiu sua cabana que se tornou casa muito regular e de bonito aspecto exterior, bem que de um só pavimento e addicionou-lhe a um lado uma cerca ou gradil de varas, fechando pela frente pequeno jardim e canteiros de legumes, seguindo-se para o fundo o quintal.

E com todo esse luxo o cirurgião não teve animo de privar-se da gloria de barbear fidalgos.

No entanto Ignez ia crescendo a traquinar pela casa e pelo jardim e o *senhor* de dia em dia cada vez se deixava enfeitiçar mais pela *escrava*.

Mas Aleixo Manoel já era notabilidade, cirurgião famoso, o mais considerado dos moradores do *Desvio do Mar*, e não havia quem pensasse em dar ao *Desvio* a denominação de rua de *Aleixo Manoel*.

Ao correr do anno de 1590 o cirurgião principiou á observar certa mudança de costumes em alguns fidalgos, que em vez de mandal-o chamar á suas casas, como dantes, vinhão barbear-se na delle.

Nos primeiros dias ufanou-se muito daquella alteração de costumes, attribuindo-a á honraria e consideração pessoal que lhe querião prestar pelo credito e pela estima que gozava.

Depois notou que os fidalgos que para barbear-se vinhão á sua casa erão Gil Eanes, Lopo de Mello e mais quatro ou cinco, todos de nobres familias mas tambem todos celebres na cidade por vida licenciosa e pervertida.

Tendo notado isso, desconfiou logo de freguezes taes, pôz-se de observação dissimulada e cuidadosa, e bem depressa certificou-se de que os seus fidalgos, quando chegavão para barbear-se, mettião os olhos pela porta do interior da casa, e que afóra essa curiosidade impertinente, fazião *ronda* diaria e suspeita pelo *Desvio do Mar*.

Aleixo Manoel não levou muito tempo a procurar a explicação do phenomeno; mas cahio das nuvens, lembrando-se de Ignez.

A mameluca fulgurava então entre os 17 e os 18 annos de idade, e com seus bellos olhos negros, sua boca lindissima, seu rosto encantador, e seu corpo de contornos admiraveis, maravilhava pela formosura. Era uma arrebatadora morena esperta, faceira, e — sem o pensar, voluptuosa.

Aleixo Manoel cahio das nuvens, porque só então reflectio no que já sabia, só então reconheceu muito séria e gravemente que a *menina* sua escrava já era *mulher*.

Elle adorava Ignez com enlevos e cultos de amor

innocente e santo; até esse dia, porém, de quêda do alto das nuvens ou se illudia nos segredos ainda não manifestos da natureza da sua affeição, ou de-véras só amava Ignez com o ardor e a pureza de pai estremecido.

Os fidalgos libertinos lhe alvoroçárão o animo: sabia que seus escandalos e attentados ficavão sempre impunes, quando as victimas erão gente do povo.

Gil Eanes, Lopo de Mello e os outros que o procuravão para barbear-se que intenções trarião?... Nenhum por certo pensava em casar com uma moça que, além de filha de india, era escrava; que que-rião então fazer della ?...

Nessa afflictiva e revoltante conjunctura, Aleixo Manoel apenas escapou de ter sido o primeiro re-publicano da *rua do Ouvidor*, e ahi o mais antigo patriarcha das idéas do meu bom amigo o Sr. Octaviano Hudson.

Mas que havia de fazer Aleixo Manoel?... era impossivel, ou seria loucura metter-se em briga com fidalgos.

Fidalgos! a classe humana superhumanizada, privilegiada e purificada, a classe do seu culto e da sua paixão!.. quem diria que o seu maior tor-mento lhe viria de fidalgos?

Aleixo Manoel velou uma noite inteira a meditar, e a imaginar; mas na manhã seguinte achou-se se não tranquillo, ao menos, porém, esperançoso do bom resultado do plano que forjára.

Nesse plano a primeira e essencial condição era em casa a defesa e a segurança de Ignez, quando elle estivesse ausente.

O cirurgião não procurou auxilio fóra da familia: tinha sob seu tecto cão fiel, velho; mas robusto e forte; um indio, o avô de Ignez.

Poz de sobreaviso, mas em segredo absolutamente recommendado o já octogenario Thomé, que se endireitou garbozo, como o jacatirão, e murmurou surda e ameaçadoramente :

— Deixa elles !

Além das instrucções que deu ao velho indio, o que mais fez Aleixo Manoel, elle lá o soube e nós provalmente o iremos sabendo; continuou, porém, respeitoso e humilde a receber em casa os taes fidalgos, e a barbeal-os, como dantes, salva a idéa sinistra e repulsada, que ás vezes lhe vinha, de experimentar o córte da navalha nas gargantas dos privilegiados seductores de donzellas pobres.

Entretanto, o cirurgião muitas vezes ficava scismando, e a lembrar-se e relembrar-se de que não era nem pai, nem tio, nem irmão, nem primo de

Ignez, e que por consequencia não havia impedimentos...

E' verdade que elle tinha cincoenta annos e a menina dezeseite; mas por isso mesmo! velho que se apaixonou por menina, perde logo com o coração a medida do tempo, principalmente futuro, para ella a florecer, e para elle a murchar.

Ignez estava percebendo mil cousas; mas era uma *innocentinha* que não via cousa alguma; divertia-se muito assim; mimo e princeza da casa; a linda escrava era, desde pequenina, a *senhora de seu senhor*.

Uma tarde Ignez....

Evidentemente é este o momento, em que a linda mamecula entra, manifesta-se em scena, e pois que a minha tradição da rua *de Aleixo Manoel* não pôde caber toda neste folhetim, eu seria o mais inexperiente e insensato dos folhetinistas, se não interrompesse a narração, deixando os meus leitores curiosos de contemplar a bella e voluptuosa Ignez em sua primeira hora de travessa, viva e um pouco maliciosa revelação.

Esperar é o tormento do desejo; mas vale a pena esperar sete dias pela contemplação de uma jovem formosa.

CAPITULO II.

Continuação e fim da tradição achada nos velhos manuscritos. Como Ignez, a mameluca depois de pentear e despentear a cabelleira do seu senhor de direito e seu escravo de facto, e depois de rir e de zombar muito delle, vê e ouve, fingindo não ver nem ouvir os pervertidos fidalgos que a namoravão, fica scismando, deixa de scismar, apura-se em faceirice, e Aleixo Manoel põe-se de cabelleira nova. Consequencias do apuro da faceirice, da cabelleira nova e das denuncias confidenciaes de João de Pina e da mãe Sebastiana. Casamento e cêa com dous convidados em desapontamento e contra vontade á mesa, e outras cousas que saberá, quem lèr este capitulo, *et cetera, et cetera*. Fim da tradição da romanesca origem da denominação de rua *de Aleixo Manoel* que em 1590 recebeu a actual de *rua do Ouvidor*.

Era uma tarde.....

Convém não esquecer os costumes do tempo.

No seculo decimo sexto e ainda até quasi o fim do decimo oitavo, os antigos colonos portuguezes

não tinham no Brazil *café* para tomal-o com a aurora ; mas almoçavão com o sol ás seis ou sete horas da manhã, e jantavão com elle em pino ao meio-dia, salvo o direito de merendar (hoje se diz *fazer lunch*) ás dez horas da manhã.

Actualmente a sociedade *civilisada* almoça á hora em que os velhos portuguezes jantavão, e jantão de luzes á mesa á hora em que se levantavão da cêa aquelles nossos avós.

Historia de progresso e de civilisação, que levão e estendem o sol de seus dias até depois da meia-noite com a illuminação a gaz, e, ainda preguiçosos, saúdão o rompimento de suas auroras ás 9 horas da manhã, quando abrem as cortinas dos seus macios leitos, e tomão, ainda bocejantes, o seu *café madrugador*.

Portanto, a *tarde* tem hoje horas novas, que se confundem com a noite, e eu começava este capitulo, indicando a *tarde* do outro tempo, que actualmente é a hora em que almoço a começar o dia o progresso e a civilisação.

Estamos entendidos.

Era uma tarde (em 1590), uma hora depois do meio-dia, meia hora depois de succulento jantar. Aleixo Manoel sentado em grande cadeira *de encosto* desejava, empenhava-se debalde em dormir sua *sésta*

eminentemente portugueza ; mas com a cabeça levemente inclinada, com os olhos meio cerrados queria, e não conseguia adormecer excitado pela lembrança dos fidalgos libertinos, e pelos cuidados anciosos do objecto do seu amor já um pouco anachronico ; em erupções porém irresistiveis, embora ainda contidas pelos vexames do anachronismo sentimental.

E quando mais de olhos cerrados, e mais de alma em vigilia activa estava Aleixo Manoel, Ignez, a linda mameluca, sua escrava de direito, e sua soberana de facto, Ignez que sabia bem o que de facto era, entrou na sala pé por pé, bem de manso, e parando atrás da cadeira do velho em supposta sésta, travessa á brincar, e certa da impunidade do abuso traquinas, começou a pentear e a despentear, a arranjar e a desarranjar com seus dedos mimosos a cabelleira e o rabixo da cabelleira do seu senhor.

Aleixo Manoel sentia, gozava o contacto das mãos ou de azas de anjo á traquinar suave e deliciosamente em sua cabelleira feliz, e após alguns minutos quasi animado por aquelles affagos de mãos de setim, quasi esquecido de que quinquagenario bem pudera ter sido avô da mameluca, menina de desesete para deoito annos, sem mover a cabeça que conservára meio curva, e abandonada ás travessuras dos dedos da bella mameluca, perguntou com voz

commovida, e um pouco hesitante por aquelle vexame, que é a consciencia do desmerecimento, e que poderia chamar-se o pudor da velhice:

— Ignez, se eu te dêsse a liberdade, tu me deixarias?...

A mameluca puchou pelo rabicho da cabelleira do senhor seu escravo, como subitamente impulsada pela impressão de idéa insolita, e subita:

— A liberdade?... que historia é essa?... de que liberdade é que eu preciso?...

— Tu és minha escrava; Ignez.

— Pois não sou!... disse a mameluca, rindo, e dando com os dedinhos leve piparote no nariz do velho.

Aleixo Manoel rio-se tambem daquelle signal de reconhecimento da escrava, e logo depois tornou, dizendo:

— Fallemos sériamente; é necessario.

Ignez, curiosa, respondeu:

— Vamos!.. sériamente...

— Dize a verdade: tens visto a rondar-nos a casa... certos fidalgotes vadios e insolentes...

— Tenho, tenho; ás vezes, quando estou no jardim, vejo-os...

— E elles?... vêm o teu rosto... as fórmãs de teu corpo?...

— E' possível.. provavel... quasi certo...

— Ah!... tu te mostras a elles, Ignez?...

— Eu?... que aleive me levanta!... que peccados me quer pôr em cima do coração innocente!... está virado em rabugento padre confessor!...

— Mas então como é que os perversos te vêm o rosto, e...

— Ah!... é o vento...

— A' que vem aqui o vento?...

— Vem como o unico peccador; o vento ás vezes levanta o véo que esconde o rosto, e desarranja a mantilha, que esconde as fórmãs do corpo.

— Ignez, tu te confessas vaidosa; o vento é a tua vaidade.

A mameluca puchou pelos cabellos do senhor e disse-lhe:

— Que velho impertinente!... supponhamos que assim seja: então a gente ha de ser bonita e viver e morrer sem amigo vento que levantando-lhe o véo e desarranjando-lhe a mantilha dê testemunho da sua boniteza?...

— Ah! portanto gostas de algum daquelles fidalgos libertinos. seductores malvados...

— Não, não! eu gósto sómente de que elles e todos me achem bonita.

— Ignez!

— Tal e qual ; não nego, nem dissimulo.

— E eu ?.. eu te acho bonita, Ignez ?

— Sim ! sim ! e muito ! e a escrava beijou docemente a fronte de seu senhor.

Aleixo Manoel estremeceu todo, e disse :

— Ignez ! tu és filha de india, e minha escrava : aquelles fidalgos desmoralisados, embora elegantes mancebos e fingidos namorados, só pensão em seduzir-te, e lançar-te depois no desprezo da ignominia...

— Tambem eu desconfio disso...

— Ah ! pois bem : Ignez, tu precisas de protector legitimo...

— E não o tenho já ?

— Falta-lhe condição essencial !

— Qual é ?... eu ainda não senti a falta.

— Ignez, queres passar e subir de minha escrava á minha legitima esposa ?...

A dominante e leviana mameluca desatou a rir.

— De que te ris, douda ?

— De tres doudices na sua proposta : primeira, a escrava que é senhora passar a senhora escrava ; — segunda, uma menina casar com um velho ; — terceira, filha da segunda, por ser menina casada com velho usar dous véos em lugar de um e de duas mantilhas em vez de uma.

— E se a escrava que é senhora se tornasse ainda mais soberana, sendo esposa?...

— Não é muito seguro.

— E se o velho esposo fosse a protecção salvadora e o amor mais extremoso?...

— Isso eu creio.

— E se perfeitamente confiado na virtude da esposa o velho esposo só lhe impozesse véo e mantilha quando ella sahisse á rua?...

— Oh! duvido!...

Aleixo Manoel poz-se em pé, voltou-se para a mameluca, e, vendo-lhe nos labios zombeteiro riso, disse-lhe triste:

— Apesar do meu amor e da minha protecção tu és filha da india e escrava: pensa!

E, tendo ajustado a cabeleira, sahio.

Ignez foi passeiar ao jardim.

Gil Eanes e logo depois Lopo de Mello, que erão os mais assiduos, passarão e tornárão a passar por junto da cerca do jardim, olhárão e sorrirão para Ignez, que não os olhou nem lhes sorrio.

Gil Eanes, demorando os passos, disse-lhe:

— Linda tamoya, se queres ser minha cathecumena, eu te ensinarei a cultivar as flôres em lições de amor: queres?...

Lopo de Mello passou pouco depois e disse-lhe:

— Bella selvagem, resolve-te a fugir conmigo para as florestas, que eu juro tornar-me selvagem tambem.

A mameluca fingio não os ter ouvido, como fingira não tel-os visto.

Era a primeira vez que elles lhe fallavão.

Ignez sentio o desprezo da sua condição no modo, porque lhe fallarão os dous fidalgos que a namoravão.

E lembrou-se que Aleixo Manoel tinha acabado de dizer-lhe :—*pensa*.

E sem o pensar Ignez *pensou*.

Nos seguintes dias quem mais *scismava* não era Aleixo Manoel, era Ignez.

Quasi logo familias da amisade do cirurgião principiárão a visital-o a miudo, vindo ceiar com elle, e emquanto os homens conversavão com Aleixo Manoel, as senhoras, em circulo separado, tinham sempre a contar casos escandalosos de seducção e de raptos de meninas pobres, victimas de Gil Eanes de Lopo de Mello e de seus companheiros de libertinagem.

Ignez escutava essas historias sinistras, fingindo-se indifferente á ellas, se bem que ás vezes dissimulada sorrisse, advinhando a encommenda, não menos se sentia impressionada.

Gil Eanes e Lopo de Mello fizeram mais e melhor do que as comadres de Aleixo Manoel.

Gil Eanes mandou propôr á Ignez que em noite aprazada fugisse da casa do cirurgião para doce retiro, onde elle lhe assegurava além do seu amor, felicidade e riqueza. Lopo de Mello mandou offerer-lhe a liberdade por dinheiro, prestando-se ella a ficar para sempre sob sua amorosa protecção.

Ignez repellio as proposições; mas desde que lh'as trouxerão, deixou de scismar, voltou ao seu natural character alegre e travesso, e ainda mais faceira se mostrou.

E por isso ou por alguma outra razão Aleixo Manoel pôz-se de cabelleira nova.

Entretanto elle não perdia de vista os libertinos rondantes do *Desvio do Mar*.

Cirurgião caridoso e com numerosa clinica gratuita, Aleixo Manoel tinha corações agradecidos entre a gente pobre e desgraçada de quem era bem-feitor.

Uma noite veio um embuçado fallar-lhe: entrou meio atarantado e descobrio o rosto.

— Oh! és tu João de Pina?. . temos historia?...

João de Pina era um degradado, vadio e desordeiro valentão, que muitas vezes servia á Gil Eanes em suas empresas mais arriscadas.

— Temos... respondeu João de Pina : amanhã é domingo de entrudo, não é?...

— E'.

— Pois amanhã, ás onze horas da noite, venho eu e mais meia duzia, aqui com o Sr. Gil Eanes, e arrombada a sua porta com berraria de entrudo, havemos de roubar-lhe a menina sua escrava, a pezar seu e della.

— Pódes ter mais dez vezes ataques de fígado e de bofes, que eu te hei de curar, como já o fiz o anno passado, e neste : vai-te embora, bom tratante, e toma lá para molhar a garganta...

João de Pina recebeu uma moeda de prata, embuçou-se bem, cobrindo o rosto, e disse, sahindo :

— Até amanhã ás onze horas da noite...

Aleixo Manoel tomou o chapéo e a bengala, e pôz-se em marcha ; mas ao dobrar pela rua Direita, tomou-lhe o braço uma mulher de mantilha, que lhe disse :

— Sr. Aleixo, eu hia lá... á sua casa...

— Inutil ; nem que fosse o Sr. capitão-mór governador ; morra quem morrer, esta noite não vejo doentes...

— Mas não é caso de doença... é do seu credito... eu sou a velha Sebastiana...

— Oh ! mãi Sebastiana ! então que ha?...

— Amanhã não é domingo de entrudo?...

— E': que diabo!...

— Foi meu filho que me mandou em segredo...

E a velha agarrou-se ao cirurgião, que lhe curava as erysipelas e ao filho tinha curado de uma vomica, e disse-lhe baixinho ao ouvido :

— Amanhã ás onze horas da noite, o senhor não estará em casa..

— Eu?... póde ser... mas... porque?...

— Porque meia hora antes hão de bater-lhe á porta, e chamal-o para acudir a um ataque de cabeça do Sr. governador...

— E depois que eu sahir a acudir-o?

— Meu desgraçado filho e outros sequases do Sr. Lopo de Mello (que conta com o seu escravo Thomé), entrando pela porta que abre para o jardim de sua casa tomaráõ e á força levaráõ, não sei para onde, a menina Ignez, sua escrava.

— Obrigado, mãe Sebastiana; eu lhe darei noticias minhas... agora tenho pressa...

E Aleixo Manoel foi dizendo comsigo :

— Dous á mesma noite e á mesma hora!... Que canalha de fidalgos!... mas... Thomé... duvido.

Era quasi meia noite quando Aleixo Manoel, de volta do monte do Castello, recolheu-se á sua casa.

Estava tranquillo e contente ; mas, ao entrar, disse a Thomé, que lhe abrira e depois trancára a porta :

— Vem cá.

E na sala perguntou-lhe :

— Ignez ?...

— Dorme.

— E que ha de novo ?...

— Lopo hoje me pagou traição: amanhã onze horas da noite elle vem roubar menina. Deixa elle !...

— Queres que deixe rouba-la ?...

O velho indio riu-so horriavelmente, sahio da sala, e quasi logo voltou, trazendo na mão uma clava de gentio, a *tacape* pesada e terrivel :

— Deixa! repetio Thomé ; eu mato !

— Vai dormir, disse Aleixo Manoel : amanhã te direi, o que hasde fazer,

No dia seguinte, domingo de entrudo, e do entrudo selvagem e delirante daquelles tempos, era pouco antes das onze horas da noite, quando batêrão fortemente á porta da casa do cirurgião, e o chamárão á alto bradar em soccorro do governador, o venerando Salvador Corrêa de Sá, que se achava em perigo de morte.

O indio Thomé abrindo nma janella despedio os emissarios, dizendo-lhes que seu senhor ia partir immediatamente, e com effeito, minutos depois, sahio

apressado da casa um homem embuçado, que era sem duvida o famoso cirurgião da cidade.

A's onze horas da noite gritaria infernal rompeu em frente á casa de Aleixo Manoel, cuja porta cedeu, quebrada a fechadura.

Mais minuto, menos minuto, a porta do jardim abriu-se a toque de signal dado por gente que entrava pelos fundos do quintal.

E, penetrando no interior da casa, esbarrárão-se em face um do outro, Gil Eanes e Lopo de Mello, cada qual seguido de seus complices.

Aleixo Manoel e Ignez estavam ausentes; na sala de jantar, porém, achava-se servida a mais profusa e rica cêa que então se podia dar na colonia.

O indio Thomé, arrimado á sua clava, disse aos dous fidalgos :

— Senhor tem cêa... e convida senhores... não tarda.

Gil Eanes e Lopo de Mello medião-se furiosos : mas não tivêrão tempo nem de trocar palavras e provocações, porque sentio-se logo ruido de gente que entrava.

Os complices sahirão todos para o jardim, e d'alli fugirão, vendo quem chegava.

Os dous fidalgos libertinos ficarão como fulminados, quando lhes apparecêrão o governador Sal-

vador Corrêa, e o prelado Simões Pereira, precedendo à Aleixo Manoel e Ignez, de cujo casamento acabão de ser testemunhas, e seguidos de alguns dos principaes da nobreza da colonia, e entre elles dous respeitaveis parentes de Gil Eanes e de Lopo de Mello.

— Os Srs. Gil Eanes, e Lopo de Mello serão tambem meus convidados, se o Sr. governador o permittir; disse Aleixo Manoel.

O venerando Salvador Corrêa de Sá olhou para os dous com sobr'olho carregado, como o trazião tambem os parentes delles.

— Ceêmos! disse o governador.

Sentárão-se todos, ficando o prelado á direita, e Ignez e Aleixo Manoel á esquerda de Salvador Corrêa.

Só Gil Eanes e Lopo de Mello, abatidos e tremulos, tinhão-se conservado em pé.

O governador lhes disse com voz severa :

— A' empenho de Aleixo concedo-vos perdão do crime desta noite; mas só deixais de servir-nos á mesa, como baixos criados; porque devo poupar mais vergonhas a estes dous illustres fidalgos, que bem quererião não ter parentes como vós. Sentai-vos á mesa!..

A cêa começou: na occasião do primeiro brinde

Salvador Corrêa fallou ainda a Gil Eanes, e a Lopo de Mello

— Enchei vossos copos !...

Os dous obedeceram.

— Agora de pé! e saudaes e bebei á felicidade dos noivos !...

E cumprida a sua ordem, Salvador Corrêa poz a mão espolmada sobre a cabeça de Ignez, e disse aos dous:

— Lembrae-o bem !... é minha afilhada.

Logo depois expandio o rosto, e accrescentou alegremente :

— Senhor Gil Eanes, senhor Lopo de Mello, tudo está esquecido. Não haja tristezas, nem vexames á perturbar o jubilo dos noivos e o nosso !...

E a cêa continuou e acabou vivamente animada.

Desde o dia seguinte propalou-se a noticia das duas escandalosas tentativas de rapto de Ignez, e da famosa logração que habilmente preparára aos indignos e pervertidos filalgos Aleixo Manoel.

O povo applaudio muito o ardil do cirurgião, e o seu feliz casamento: nas noites da segunda e terça feira foi numeroso bando de colonos cantar á porta da casa dos noivos, e creio que as serenatas terião ainda continuado, se a quarta-feira

de cinza não fosse começo da quaresma, que era muito respeitada.

Aleixo Manoel, porem, subira ao galarim da fama e da moda; fizeram-lhe cantigas, e no fim de poucos dias o povo sem audiencia da Camara, nem licença do governador deu ao *Desvio do Mar* a denominação de *rua de Aleixo Manoel*.

CAPITULO III.

Como a rua de *Aleixo Manoel* estendeu-se para o interior até a dos *Latoeiros*, ficando por muitos annos, onde começára em *Desvio do Mar*; e vio alli nas tardes de verão moças a pescar no mar e em terra. Como se aterrou aquelle mar da rua *Direita*, a de *Aleixo Manoel* já com a denominação de rua do *Padre Homem da Costa* avançou até a actual do *Mercado*, e ahi, na praia se estabeleceu o primitivo mercado com o nome de *Quitanda das Cabanas* que depois se trocou pelo de *Praia do Peixe*. Refere-se uma tradição duvidosa do *Padre Homem da Costa*, e diz-se, como se abriu a *valla da Carioca*, e a rua daquelle feio nome, até á qual se alongou a do *Padre Homem da Costa*; falla-se dos inconvenientes da *valla* e dos applausos que por mandar cobril-a de grossos lagedos, recebeu o vice-rei conde da Cunha, que aliás pouco influira na obra, tendo sido esse melhoramento determinado por grotesco e infeliz caso, historia romanesca que se contará no capitulo seguinte.

Adiantava-se o seculo XVII e a rua de *Aleixo Manoel* que pelo lado de terra não se estendia além

da dos *Latoeiros* que a corta em angulos rectos, e que hoje se denomina de *Gonçalves Dias*, pelo lado do mar ainda começava onde rompêra em *Desvio*.

Na rua *Direita* a praia era um pouco irregular: em alguns pontos o mar muito baixo sem a menor duvida se mostrava retirante, e accumulava aqui e alli arêas, formando ilhotas brancas, e privadas de vegetação.

Mas entre esses pontos o mar ainda investia menos baixo sobre o continente, como teimoso á negar-se ao recuamento de suas aguas.

E naquelles tempos a praia e o mar (onde elle era mais fundo ou menos entupido de arêas) servirão de lugares de recreio, se o recreio não servia de pretexto para exhibições ardilosas

Envolvidas em suas mantilhas, e cobrindo o rosto com seus véos, as senhoras da rua *Direita*, e principalmente (dizem) as da de *Aleixo Manoel* tinham por costume ir á tardinha nos mezes de verão pescar de canniço sentadas ou em pé na praia. As mãis ou as tias já velhas acompanhávão as filhas e sobrinhas moças, zelando sua pudicicia e o seu decóro.

Todavia as pescadoras jovens sabião perfeitamente o segredo de Ignez — a mameluca, e ao deitarem os anzóes ao mar o amigo vento vinha sempre desarranjar suas mantilhas, e levantar seus véos, de

modo que os observadores curiosos podião ver e admirar olhos formosos, bonitos semblantes e soberbos collos.

E inuitas vezes as vaidosas arteiras erão tão felizes na pesca, que chegávão á pescar duplamente — peixes no mar, e corações em terra.

Vejão como se mudárão os costumes!...

Naquelle tempo, as jovens da rua de *Aleixo Manoel* ião pescar para se mostrar; e hoje frequenta a *rua do Ouvidor* certo bando de pescadoras, que andão se mostrando para pescar.

Mas não ha bem que sempre dure!...

Tratando-se de construir a fortaleza da Lage á custa do povo, e, achando-se este sobrecarregado de impostos, a Camara Municipal (que ainda não era *illustrissima*) como não bastassem para essa obra algumas rendas que propuzera applicar á fortaleza, deliberou vender alguns terrenos das *marinhas da cidade*, sendo o producto da venda destinado áquelle fim.

Uma das *marinhas* vendidas foi a que fazia frente a primitiva linha de casas da rua *Direita*.

E assim lá se foi a praia de exposição ardilosa de bonitas pescadoras.

Ganhárão com isso as ruas *Direita* e de *Aleixo Manoel*.

Em poucos annos atterrou-se o mar que ajudava o aterro, amontoando arêas, e tão rapidamente que no fim do mesmo seculo decimo setimo já era regular e continua a edificação e serie de casas fronteiras ás da unica linha antiga da rua *Direita*. Em 1698 já estava construida a casa que por ordem regia então, se comprou para residencia dos governadores e que é aquella, onde desde annos se achavão estabelecidos o *Correio Geral* e a *Caixa da Amortização*.

E' casa historica : em 1710 Carlos Duclerc atacando por terra a cidade do Rio de Janeiro entrou com a sua phalange nessa casa, e em rigido combate foi della expellido por Gurgel do Amaral com os seus estudantes e paizanos armados.

Agora a *casa dos governadores* vai ser demolida. Que haja ao menos quem lhe assista ás ultimas horas de existencia e lhe escreva a necrologia.

(Prevenção ao Instituto Historico.)

Mas a rua de *Aleixo Manoel*, vendo aterrado o mar do qual fôra *Desvio*, atravessou a rua *Direita*, ou foi além della estender-se até ao lugar que ficou sendo então praia, e que era pouco mais ou menos, onde hoje a rua do *Mercado* córta em angulo recto a do *Ouvidor*.

No fim do mesmo seculo decimo setimo essa

praia tornou-se lugar de mercado de *peixe, de verduras, e de algumas fructas*, que se vendião não debaixo de barracas de lousa, mas sob pequenas palhoças, pelo que foi denominado, e conhecido, por — *Quitanda das Cabanas* —, primeiro nome da actual *Praça do Mercado*.

Assim, pois, a rua que desde um seculo menos dous annos se chama do *Ouvidor* começava então em face da *Quitanda das Cabanas*.

Quitanda das Cabanas! Apezar de *Quitanda*, graças porém ás *Cabanas*, era nome rustico, mas um pouco lyrico o tinha laivos de poesia de civilisação primitiva; a mais chata e infeliz das lembranças eivada de maresia mais tarde trocou essa denominação pela de *Praia do Peixe*.

Mil vezes antes *Quitanda das Cabanas!*

E' certo que naquelle mercado o que predominava era o peixe, e peixe optimo e á fartar barattissimo a cidade, e peixe miudo que se vendia então a cinco réis por quantidade abundante.

As verduras erão poucas e limitadissimas em variedades. As fructas estavão no mesmo caso. Flôres ninguem vendia nem comprava, davão-se como davão-se e trocavão-se as mudas e sementes das que já se cultivavão; quaes erão, além das do paiz?.. Não estudei a questão floriantiquaria, mas que havia cultivo de flôres juro-o, porque havia senhoras.

Mas em todo caso não ha desculpa que aproveite a quem mandou rebaixar a *Quitanda das Cabanas* a *Praia do Peixe*.

Em *memorias historicas* o anachronismo é naufragio, e eu estava deveras naufragando em anachronismo.

A rua chamada da *Aleixo Manoel*, quando atravessou a rua *Direita* e foi parar na *Quitanda das Cabanas* não tiuha mais aquelle nome; pois que desde o anno de 1659 se denominou *Rua do Padre Homem da Costa*.

Certamente o cirurgião *Aleixo Manoel* já tinha morrido sem deixar filhos ricos, e a linda mameluca *Ignéz*, se ainda vivia, era viuva maior de oitenta annos, e porisso desde muito esquecida do amigo vento, que outr'ora opportunamente lhe desarranjava a mantilha, e lhe levantava o véo, e portanto um por morto sem herdeiros de seu nome com herança de aureo prestigio, e a supposta viuva já por velha, ex-adorada mameluca forão despojados da gloria daquella denominação da rua.

Quem foi porém na ordem das cousas, e qual o merecimento do padre *Homem da Costa* positivamente morador á rua, que tomou o seu nome?... Não sei.

Naquelles tempos encontro um padre *Pedro Homem* *Albernaz* que foi vigario da freguezia da Can-

delaria, e prelado do Rio de Janeiro; mas embora fosse *Homem* não foi *da Costa*; além disso descubri um padre Pedro *Homem da Costa* que depois de parochiar por alguns annos a freguezia de Nossa Senhora da Conceição de Angra das Reis, entregou-a em 1636 ao padre Roque Lopes de Queiroz, e recolhen-se á cidade do Rio de Janeiro.

Seria esse o padre, cujo nome passou á rua que se chamava de *Aleixo Manoel*?... ignoro-o, e não devo expôr-me á falsos juizos.

Sei de uma tradição — que não se encontra nos meus velhos manuscriptos, mas que me foi transmittida por um antigo fluminense honradissimo, carpinteiro e mestre de obras, a quem devi curiosissimas informações de cousas do fim do seculo passado e do principio do actual; esta tradição, porém, que é a do padre *Homem da Costa* só a esse meu amigo ouvi, e portanto é apenas individual, e não popular, e tratando-se de caso passado ha duzentos annos, não a posso reproduzir sem previamente declarar-a muito duvidosa.

Quando *imagino episodios* para suavisar a leitura destas *Memorias*, indico-o sempre com bastante clareza: Agora não *imagino*, não invento a tradição, mas refiro-a, porque *se não é verdadeira é bem achada*.

O padre *Homem da Costa* (que só esses dous

nomes tinha), era padre de letras gordas; mas passava por bom *cantochonista*; porque sabia um pouco de musica: indulgente, agradável e de benigno coração, era geralmente estimado, e como gostasse de cantar modinhas e lundús, todos o queriam nos seus saráus; tinha elle porém uma fraqueza ou uma paixão predominante — a da gastronomia.

Padre e já velho; mas ainda rei da viola ou do cravo acompanhadores de suas cantigas nas sociedades, as senhoras o festejavão á porfia; e por fim de contas as moças solteiras e desejosas de casar descobrirão nelle a mais preciosa qualidade, um talento sublime.

O padre *Homem da Costa* era maravilhoso á facilitar e promover casamentos.

Qual foi a primeira ardilosa que fez a descoberta de tão rico thesouro não se sabe e isso pouco importa: o certo é que conhecido o milagre do padre, as moças o tomárão em devoção.

Mas a candidata á casamento e o padre firmavão á rir e á brincar, contracto que aliás era cumprido sem falha.

A candidata abria seu coração ao padre *Homem da Costa*, dizia-lhe o nome do seu namorado, e expondo-lhe as difficuldades que se oppunhão ao seu casamento, pedia intervenção protectora.

O padre *Homem da Costa*, respondia rindo e como á gracejar ;

— Bem ; bem : mas eu quero uma *garopa de forno* no dia do ajuste do noivado, e convite para o banquete do casamento.

Não havia nada mais barato !

E o padre a entender-se com os pais dos namorado e depois com os pais da candidata, era tão persuasivo e habil, que acabava sempre por ganhar a *garopa de forno*, e ir ao banquete do casamento.

E era sempre feliz nos empenhos tomados ; porque quando a pretensão lhe parecia inconveniente ou desajuizada, não hesitava em enganar a candidata.

E' clarissimo que se multiplicavão as candidatas a casamento, e os contractos de apparencia zombeteira e de realidade gastrónoma.

As confidências e as expansões das candidatas erão pouco mais ou menos semelhantes, edições mais ou menos correctas e emendadas do mesmo romance de amor.

Nos contractos gastrónomos havia alguma variedade ; mas sem importancia para as candidatas : em vez de *garópa de forno*, vinha neste *perú recheiado* — ; naquelle um prato de *chouriço*, etc. ; mas em regra

predominavão em primeiro lugar a *garôpa de forno* e em segundo o *perú recheiado*.

Em pouco tempo o padre *Homem da Costa* promoveu e abençoou ou fez abençoar mais casamentos, do que o prelado do Rio de Janeiro, e os vigários das freguezias da cidade.

E as noivas e casadas agradecidas, e as novas candidatas em devoção, querendo honrar o milagroso casamenteiro começarão a chamar á rua onde elle morava, que era a de *Aleixo Manoel* rua do *Padre Homem da Costa*.

Não houve nem Camara Municipal, nem clero, nobreza e povo, que podessem resistir áquella proclamação do bello sexo.

A rua de *Aleixo Manoel* passou a denominar-se — rua do *Padre Homem da Costa*.

E o velho padre continnou a adoptar e proteger candidatas a casamentos, até que no fim de alguns annos, em uma noite, morreu de apoplexia fulminante, depois de uma cêa em que devorára metade de uma *garôpa de forno*, uma fritura de camarões e ostras, e um pratarraz de chouriço.

Não se pôde levantar da mesa, e expirou sem agonia, sentado, risonho e provavelmente a pensar no almoço do dia seguinte.

Se esta tradição pudesse correr com fundamentos

de veracidade, o padre *Homem da Costa*, pondo-se de lado a sua paixão gastronoma, que não foi nociva senão a elle, deveria ser applaudido pela sua influencia benigna, moralisadora e social, e bem merecêra a honra de passar seu nome á rua onde morava e onde emfim morreu.

Ah! se hoje em dia florescesse algum padre como aquelle *Homem da Costa*, certamente o preço das garôpas e dos perús seria já fabuloso na *Praça do Mercado*; porque o numero das *devotas* do padre casamenteiro chegaria pelo menos a igualar ao dos candidatos a empregos publicos; mas tambem seria menor o numero daquellas martyres, a quem chamão *solteironas*.

Mas emfim a rua de *Aleixo Manoel* passou a chamar-se do *Padre Homem da Costa*, nome que conservou por cento e vinte annos, tendo trocado a casaca e a cabelleira do cirurgião pela batina e pelo solidéo do padre, e faz vontade de rir imaginar beata e clerical durante um seculo e annos esta *rua do Ouvidor* philosopha sensualista, e até rua um pouco ou muito endemoninhada pela multiplicação das *tentações*.

Em meiodos do seculo XVIII a rua do *Padre Homem da Costa* estendeu-se um pouco mais para o lado do continente, avançando até a rua que se

chamou da *Valla*; devéras porém, que não devia applaudir-se desse prolongamento.

Construída a fonte ou chafariz da *Carioca* no lugar, depois *largo* e hoje *praça da Carioca*, nome que tomou do das vertentes optimas que recebeu canalizadas, sobravão tanto as aguas que, para dar-lhes esgoto, abriu-se grande *valla* com leito e paredes de pedra desde a *Carioca* (chafariz) até o mar no sitio chamado *Prainha*.

(*Entre parenthesis*: *carioca* quer dizer em lingua tupy — *casa do homem*: — donde proveio semelhante denominação?... quem era o *homem da casa*?... pretendião os selvagens, tamoyos, que aquellas aguas, como as da fabulosa Cabalina tinhão a virtude de inspirar estro poetico: donde provinha essa falsa crença?... o *homem da casa* teria sido algum *pagé* poeta, algum tamoyo solitario, *homem* notavel pelo talento poetico que os indios julgassem devido ás aguas que corrião perto da sua — *oca* —?... deixo aos meus illustrados amigos os Srs. Drs. Brigadeiro Couto de Mahalhães e Baptista, os juizes mais competentes que conheço na materia, o empenho de resolver este problema, e fecho o parenthesis.)

A *valla* foi de consideravel utilidade; porquanto servio para dar vazão áquellas aguas que cahião sobrepujantes da fonte e dos tanques de pedra, e

tambem ás das chuvas então muito frequentes e algumas torrencias, que tornavão como rios as ruas, e inundavão as casas da cidade.

Além disso a *valla* teve durante annos certa importancia administrativa; porque foi considerada *muro da cidade*, ou linha extrema urbana.

Entretanto a *valla* ficou exposta, destapada, e como de tudo se abusa, abusarão da innocente e bemfeitora os colonos moradores das visinhanças que a fizeram servir para o despejo de quanto de peor serviço de suas casas era preciso despejar.

Em breve e necessariamente a desvirtuada *valla* tornou-se immunda, repugnante, fetida e foco de miasmas, e a rua do *Padre Homem da Costa* que avançou até ella, devia ser nesse seu novo limite de habitação muito desagradavel e anti-hygienica.

Mas apezar das ruins condições determinadas pelo abuso que ficou mencionado, casas se forão construindo aos lados da *valla* e principiou a formar-se a *rua* que tomou della o nome e que hoje se chama de *Uruguayana*.

Além da *valla* o espaço que se estendia entre o monte de Santo Antonio e o mar, e dessa linha para o centro até á depois chamada *cidade nova* inclusive, tudo era *campo do Rozario*.

Em 1764 ou 1765 o vice-rei conde da Cunha or-

denou á Camara Municipal da cidade que fizesse cobrir com lages grossas a *valla* fetida e pestifera; a obra executou-se promptamente, e para que não fosse de todo prejudicado o esgoto das aguas das chuvas a *valla* recebeu ralos de pedra no encruzamento das ruas.

E todavia ainda houve abuso de ralos!

Em todo caso foi consideravel o melhoramento olfativo e hygienico, sendo o conde da Cunha muito applaudido e louvado por isso nas *memorias* do tempo.

E eis ahi como se escreve a historia!

O vice-rei conde da Cunha, doente, e velho, que raro se mostrava, passeando pelas ruas da cidade, porventura nunca tinha recebido em seu vice-real nariz o gazoso testemunho das exhalações da *valla aberta*, e entrou na obra melhoradora apenas com a sua indispensavel assignatura na *ordem* expedida para que a *valla* fosse coberta com lages grossas.

O que inspirou e determinou esse melhoramento foi nocturno e ridiculo caso, cuja historia parece romance, e ha de divertir os meus leitores no capitulo seguinte.

CAPITULO IV.

Como e porque o ajudante official da sala do vice-rei conde de Cunha metteu-se a jogar a banca na casa de João-Fusco; desenvolve-se a historia que parece romance, e na qual são personagens João Fusco e a Sra. Helena, a menina Agueda, a mãe Jacoba, o cão Dególa, o official da sala, o sacristão da igreja de S. José e um *lobis-homem* que uma noite põe em desordem a *banca*, e perseguido pelos jogadores escapa abysmado na *valla*, emquanto o sachristão de S. José aproveitando o ensejo, bate a linda plumagem com a menina Agueda, logo depois sua esposa: diz-se como o banho do *lobis-homem* foi o motivo de se cobrir a *valla* com lagedos; o official da sala faz prender por falsas suspeitas de pasquineiro o sachristão, que é solto por intervenção do vigario, e transcreve-se um *pasquim* que appareceu em frente á rua do *Padre Homem da Costa* junto da *valla*.

O vice-rei conde de Cunha foi mas não foi quem mandou que a Camara Municipal fizesse cobrir com lagedos a *valla* nauseabunda e pestifera. Este *foi mas não foi* parece absurdo; é porém uma das verdades

mais verdadeiras, que ainda ás vezes se revelão em factos. *Foi* — porque assignou a ordem *mas não foi* — porque de outrem partio a iniciativa e a determinação.

O conde de Cunha velho, achacado, e sem actividade, era o vice-rei; via porém pelos olhos, e governava pela cabeça de seu ajudante official da sala, o tenente-coronel Alexandre Cardoso de Menezes, que por muito habil, intelligente, e insinuante ganhára sua inteira e cega confiança, e se tornára o vice-rei de facto.

Infelizmente Alexandre Cardoso era de máo character, de costumes dissolutos, jogador, libertino, desenfreado em suas paixões, e tanto mais perigoso, que além de valente e corajoso, dobravão-lhe a ousadia o poder de que dispunha e a certeza da impunidade.

No tempo do vice-reinado do conde de Cunha jogava-se muito, jogava-se demasiadamente na cidade do Rio de Janeiro, muito e apenas um pouco menos do que actualmente. O jogo dominante era então a *banca*.

Alexandre Cardoso jogava quasi todas as noites; mas só em rodas de gente rica e á mesas cobertas de ouro; uma vez, porém, fez excepção á essa regra.

Uma noite, em 1764 ou em 1765, passando elle pela rua da *Valla*, entrou como por acaso na loja de *João-Fusco*, e pediu ao caixeiro biscoutos de cariman, balas, e mais ia pedir quando se interrompeu. perguntando :

— Que fazem lá dentro ?

— Jogão a banca ; sim senhor.

— Chama João-Fusco.

João-Fusco correu logo ao chamado.

— Eu tambem quero jogar, disse Alexandre Cardoso.

E entrou sem cerimonia, dizendo aos jogadores que respeitosos e sorprendidos se levantárão :

— Não ha nada de novo : é apenas mais um parceiro.

Alexandre Cardoso mostrou-se agradavel, desfez o acanhamento da companhia, jogou, perdeu duzentos cruzados, e alegre, e brincão levantou-se e disse :

— Basta por hoje, voltarei porém á desforra, João Fusco ! na tua casa joga-se liso. Adeus.

E sahio.

Agora breve explicação.

João-Fusco, a quem tinhão alcunhado *Fusco* pela côr muito trigueira, era ilhéu açoriano, e morava na rua da *Valla*, logo além da rua do *Cano* (hoje

Sete de Setembro) em pequena casa de duas portas e com sotão, a qual abria portão do quintal para a rua dos *Latoeiros*.

João-Fusco tinha comsigo uma irmã, a Sra. Helena, ilhã como elle, e que no Brazil enviuvára, ficando-lhe do casamento uma filha, a menina Agueda, então com 18 annos, carioca lindissima: mas préviamente condemnada a casar com o tio já quinquagenario, homem de bem, mas genioso, desconfiado, ciumento e terrivel como um turco.

Aproveitando a habilidade e pratica da irmã e da sobrinha, que erão *doceiras* magistraes, João-Fusco abrira na frente da casa loja de doces, especie de confeitaria daquelle tempo, e ahi vendia excellentes biscutos, bolos, amendoas de castanhas de cajú, balas e confeitos, e em vez de sorvetes, que sómente setenta annos mais tarde se tomãrão na cidade do Rio de Janeiro, o refrigerante e saboroso *aloá*.

Além de Helena e Agueda, João-Fusco tinha em casa o caixeiro que o ajudava no serviço da loja; mas que era absolutamente privado de communicação com a familia, uma negra sexagenaria escrava de Agueda. cuja ama de leite fôra, e emfim um grande cão.

A mãe Jacoba (a escrava), e Dególa (o cão)

erão os guardas do quintal e do portão, do qual em todo o caso João-Fusco á noite guardava a chave.

Helena e Agueda de dia trabalhavão na sala de jantar e na cosinha; e ás oito horas da noite se recolhião ao sotão, que constava de uma saleta na frente, e outra no fundo: a primeira era occupada por Helena, a segunda pela menina. As janellas das saletas erão fechadas de cima a baixo por varões de ferro.

Agueda tinha em horror o tio, e a idéa de lhe pertencer como esposa fazia o tormento da sua vida; no entanto dissimulada e sonsa ella ria, e cantava de dia, e rezava muito de noite; mas Santo Antonio sabia o que a menina sua devota nas rezas e em promessas lhe pedia.

Coitadinha! todos contra ella: Helena, que era a ilhõa mais aspera e desalmada, querendo-a a todo o transe casada com o irmão, vigiava incessantemente a filha e não a deixava pôr pé em ramo verde.

As moças aproveitão ainda o mais fraco recurso para satisfazer sua vaidade de boniteza, e o unico recurso de Agueda era, duas ou tres vezes por dia, e quando a mãi se achava mais atarefada, correr por minutos á sua saleta do sotão, e, pondo-se á grade da janella, mostrar seu rosto, seu collo e

seus hombros aos que por acaso passavão pela rua dos *Latoeiros*.

Quasi sempre atráz da menina era mandada a escrava, que, ao vel-a á janella, benzia-se, dizendo:

— Ah, Nenê! você faz peccado! Olha senhô João!

Agueda ria-se.

Oh! mas é claro, que Jacoba era mais vigilante e mais terrivel do que o dragão das Hesperides, e tanto que João-Fusco para experimental-a, já tinha pago fallazes tentativas de seducção para recados á Agueda, e a negra se mostrava sempre incorruptível e ameaçadora de denunciar á mãe e ao tio da menina.

Que escrava modêlo!... ella porém quasi tanto como Helena creara em seu collo Agueda, e amava-a com idolatria de quasi avó.

Ainda mesmo com os seus varões de ferro as duas janellas do fundo do sotão da casa de João-Fusco tornárão celebre a belleza de Agueda, na cidade do Rio de Janeiro.

Fóra daquellas janellas, e ahi mesmo, atravez das grades, e só por breves minutos, ninguem conseguia ver a sabida noiva de João-Fusco, que apenas aos domingos sahia com a irmã e com a sobrinha para ouvir missa na igreja de S. José; mas

então irmã e sobrinha levavam mantilhas e véos impenetráveis.

E nem a simples hypothese de *amigo vento* em soccorro de Agueda!

Ao entrar na igreja era sempre o sachristão (santo rapaz, sobrinho do vigario, e que não levantava os olhos do chão) quem apresentava ás duas senhoras o hysope para que ellas se persignassem com agua benta.

Foi n'um desses momentos rapidos de offercimento e tomada de agua benta que o libertino Alexandre Cardoso, sem poder apreciar bem, adivinhou a belleza de Agueda.

Dias depois elle vio-lhe o rosto á janella do sotão, e, acceso em criminosas flammis, resolveu seduzi-la e apoderar-se della.

Perdeu tempo, mandando tentar a todo o preço a connivencia e o concurso da negra Jacoba.

Perdida a esperanza de entrar pelo portão, determinou introduzir-se pela porta da frente.

E foi jogar na casa de João-Fusco.

A roda dos jogadores não era indigna; toda, porém, de gente da classe média, e de *banca* modesta, estava longe de satisfazer o official da sala, frequentador de sociedade aristocratica e jogador delirante.

Todavia, Alexandre Cardoso voltou a jogar em casa de João-Fusco mais de dez vezes, perdendo quasi sempre cem, duzentos, e muitos mais cruzados.

O jogo durava alli até muito depois da meia-noite ; mas de ordinario Alexandre Cardoso, quando perdia, retirava-se antes de terminada a *banca*.

Já se desenganára do esperançoso plano de chegar a introduzir-se, mercê do jogo, no interior da casa, porque a *banca* tinha por limite absoluto o fundo da saleta contigua á loja, e a porta de comunicação interna sempre estava trancada ; já estava disposto a libertar-se do sacrificio daquelle jogo plebêo, quando uma noite, sahindo pouco antes da meia-noite da *banca* de João-Fusco, ao tomar no largo da *Carioca* a rua da *Cadêa* vio um vulto de homem embuçado ao portão do quintal da casa que era o seu objectivo.

Alexandre Cardoso recuou, e pregando-se á quina da rua dos *Latoeiros*, estendeu o pescoço, adiantou a cabeça até os olhos, e apurando a vista, e no silencio geral aproveitando o ouvido, observou curioso....

O vulto bateu de leve e compassadamente tres vezes no portão, que quasi logo se abriu com abafado ruido da chave...

O vulto entrou, e o portão se trancou com o mesmo cuidado.

Alexandre Cardoso estava informado de que havia bravissimo cão no quintal; mas não ouviu nem latido, nem enfezado rosnar de cão.

— E' um amante feliz! disse entre si com ciume e confusão o soberbo official da sala do vice-rei.

Havia explicavel erro no pensamento intimo de Alexandre Cardoso. Agueda não era victima de um seductor; mas, graças á segunda chave fabricada por artificios de exaltado amor, e confiada á velha escrava protectora, a menina recebia algumas vezes em entrevistas o escolhido de seu coração, e seu desejado noivo.

Helena cansada dos trabalhos do dia inteiro, desde que dormia, era somno de pedra; João-Fusco desde que começava a jogar, e tinha no bolso a chave do portão, só ia aos fundos da casa, se o *Dególa* rosnava, ou assanhava-se no quintal; a negra Jacoba velava protegendo o amor da menina: em noites ajustadas, ouvindo os tres toques de signal, abria o portão que outra vez trancava depois de dar entrada a um mancebo, e enquanto ia annuncial-o a Agueda, o *Dególa* festejava o seu já conhecido, que lhe trazia sempre algum regalo á golodice canina.

No entanto Agueda chegava; mas a sua entrevista com o namorado nunca se estendia além de

um quarto de hora, e nunca se passava livre da presença da escrava, nisso ao menos prudente.

O namorado de Agueda era o sachristão, sobrinho muito querido do vigario da freguezia de S. José.

Mas Jacoba precava a preparar defesa para si, ou fonte de astucias para os seus protegidos amantes, andava a fingir-se assustada, dizendo a João-Fusco e a Helena que havia *lobis-homem* a correr de noite pelas visinhanças.

A crença insensata nos *lobis-homem* era muito commum então entre a gente rude; João-Fusco deu a cousa por certa, e Helena chegou a assegurar que o *lobis-homem* de que Jacoba fallava devia necessariamente ser um meirinho que morava na rua do *Cano*, e que era muito *amarello*.

Pelo medo que o *lobis-homem* causava Jacoba se presumia de dominio mais seguro no quintal durante as noites.

Nem tudo, porém, havia de ir correndo á medida dos desejos da velha escrava que, ao amanheer de um dia, achou morto ao pé do portão o bravo *Dególa*, que era tão amigo do sachristão. Debulhada em lagrimas correu ella a dar parte do caso, e João-Fusco, tendo examinado o corpo do pobre animal e não encontrando nem ferimento, nem contusão, declarou o cão morto de peste e consolou a escrava,

promettendo dar-lhe em breve um outro *Dególa*, o que aliás era do seu interesse.

Quem sabia perfeitamente de que mal tinha morrido o *Dególa* era Alexandre Cardoso.

O extravagante e dissoluto official da sala descobrira depois de algumas noites de espreita, que o amante supposto seductor de Agueda era o sachristão e sobrinho do vigario de S. José.

Alexandre Cardoso delineou então atrevido ou antes adouçado plano só explicavel em quem muito contava com o respeito que impunha a sua posição official, além de confiar não menos na propria valentia.

Continuou a jogar na casa de João-Fusco ; mas ás 11 horas da noite sahia, indo encontrar-se no largo da Carioca com um soldado do seu regimento, que ali o esperava.

Perdeu tres noites assim ; na quarta porém vio o embuçado, reconheceu o sachristão que dobrava da rna da *Cadêa* para a dos *Latoeiros*.

— E' aquelle... murmurou.

O soldado avançou rapido e chegando ao pé do embuçado, disse-lhe vivamente :

— Sr. sachristão, o reverendissimo Sr. vigario o manda chamar já e já á igreja.

O sachristão atarantado por terem-no reconhecido,

e não sabendo que pensar do que áquellas horas tinha de fazer na igreja, voltou apressadamente.

Alexandre Cardoso despedio o soldado, chegou-se ao portão da casa de João-Fusco, e bateu de leve tres vezes.

O portão abriu-se, e elle que não se arreceiava mais do *Dególa*, entrou immediatamente.

Jacoba trancou de novo o portão, e tão escura estava a noite, que ella não deu logo pela troca do namorado da menina.

Mas Alexandre Cardoso, sentindo-a tirar a chave do portão, e querendo ter sahida livre, disse baixinho e disfarçando a voz :

— Dê-me a chave.

A negra recuou desconfiada, e perguntou :

— Você quem é? ... falla!

Alexandre Cardoso, em vez de fallar, avançou dous passos, e Jacoba recuou quatro, e um a avançar, e a outra a recuar chegarão, isto é, a negra met-teu-se pela cosinha, e o tresloucado substituto do sachristão parou á porta, e á fraca luz de ruim candeia, mostrou uma bolsa, sacudindo-a para assignalar que estava cheia de ouro.

Jacoba, verificando que não era o sachristão, soltou um grito, e atirando-se para dentro da casa, começou a bradar :

— Tem *lobis-homem* em casa!.. *lobis-homem* entrou!

Alexandre Cardoso sentio alvoroço na sala do jogo, e não tendo retirada pelo quintal, perdida a cabeça, lançou-se além da cosinha pela sala de jantar, tomou por estreito corredor, e ao ouvir o ruido que fazião os jogadores, que acudião aos gritos da negra, foi subindo uma escada, que achou no fim do corredor sem sahida...

Mas no tópe da escada apparecêrão Helena e Agueda a bradar:

— O *lobis-homem* vem para o sotão!... o *lobis-homem* está aqui!...

Alexandre Cardoso precipitou-se pela escada abaixo, tornou á sala de jantar, vio os jogadores que voltavam apressados do quintal, tomou por outro corredor, chegou á saleta do jogo, e emfim, orientado, sahio veloz pela porta ainda entreaberta da loja.

Estava livre do maior perigo; não querendo, porém, que o reconhecessem, e certo de ser perseguido, como de facto logo o foi, fugio, correndo pela rua da *Valla*, e aturdido pela vozeria dos jogadores já a seguil-o, ao chegar diante da extrema da rua do *Padre Homem da Costa*, deu infeliz salto para vencer a *valla*, e cahio dentro della.

Peior do que isso! João-Fusco e os companheiros da *banca* aproximáram-se, e Alexandre Cardoso, furioso, sem medo, mas envergonhado do ridiculo de sua situação, e para escapar á publicidade do seu escandaloso procedimento, abysmou-se até o pescoço na *valla* nauseabunda e mal cheirosa.

Os perseguidores o procuravão... alguns dizião que elle se escondêra dentro da *valla*, já fallavão em mandar vir luzes e archotes, o poderoso official da sala do vice-rei estava em torturas, quando angustioso brado veio salvá-lo.

— O *lobis-homem* carregou com Agueda!... gritava Helena desesperada.

João-Fusco e seus amigos acudirão ao clamor de Helena.

O caso era simples.

O sachristão achára a igreja fechada e a casa do vigario seu tio tambem de porta trancada, e amante apaixonado a imaginar traição, voltára á rua dos *Latoeiros*, ouvira grande ruido na casa de João-Fusco, e apprehensivo se dirigira para a *Loja de Doces*.

Quando alli chegava, Helena sahia como espavorida agarrando-se ao irmão que com os socios da *banca* ião em perseguição do *lobis-homem*.

A' porta da loja ficárão sómente Agueda e Jacoba que lhe contárão quanto se passára.

O sachristão, adivinhando pela ousadia da tentativa algum poderoso rival, disse com anciedade a Agueda :

— Oh !.. em tal caso ou já, ou nunca !

E offereceu a mão á menina.

Agueda o comprehendeu, e tomando-lhe a mão, fugio com elle.

Pouco depois Helena menos aterrada, lembrando-se da filha, voltou cuidadosa para casa ; mas de balde procurou Agueda, encontrando apenas Jacoba cahida no chão e em terriveis contorsões.

Tudo obra do *lobis-homem* !

João-Fusco e os outros chegarão para reconhecer a triste verdade.

Agueda tinha desaparecido.

Alexandre Cardoso, aproveitando a subita retirada dos perseguidores, sahio da *valla*, e desapontado e prestes recolheu-se á sua casa, onde, livre da roupa immunda, só depois de tres successivos banhos, foi no leito pedir ao somno o esquecimento das suas extravagancias e do seu desastre dessa noite.

O epilogo desta tradição tem o merecimento de dous bonitos quadros : um o da felicidade de dous jovens amantes ; outro o de um beneficio publico.

O vigario de S. José perdoou facilmente a tra-

vessura do sobrinho, casando-o com Agueda, a despeito dos impedimentos que João-Fusco protestava que ia apresentar, mas que não ousou fazer.

Alexandre Cardoso, o ajudante official da sala do vice-rei, tomára em aversão a *valla*, e sem duvida para obviar iguaes e possiveis desastres futuros, fez com que o conde de Cunha ordenasse á Camara Municipal que a mandasse cobrir com lagedos.

Precaução de useiro salteador amoroso nocturno.

Veio *ex-fumo* a luz, do mal o bem; de um banho fetido na *valla* a petrea coberta desta.

Mezes depois de realisada a obra beneficiadora da cidade, e de quasi de todo esquecida a famosa historia do *lobis-homem* na casa de João-Fusco, *lobis-homem* de que principalmente as velhas davão testemunho até jurado da apparição, da correria, e do desaparecimento mysterioso por arte diabolica, Alexandre Cardoso que era vingativo e máo, explorando a frequencia de *pasquins* injuriosos que amanhecião pregados nas esquinas das ruas contra elle proprio, e contra o vice-rei conde de Cunha, um dia mandou prender o sacristão da igreja de S. José, como suspeito de *pasquineiro*.

Era suspeita imaginada, calumnia indigna e perversa, vingança de oppressor cruel.

Mas, ainda bem que a victima, o sachristão, era

sobrinho de padre, e ainda mais e melhor, sobrinho de padre vigario.

O marido de Agueda tinha averiguado, ponto por ponto, a historia toda do *lobis-homem*; guardara-a, porém, comsigo a medo do *official da sala*.

O tio vigario, sabendo da prisão do sobrinho, foi ter com ellê á cadeia, e ouvindo-o então narrar o caso do *lobis-homem*, que explicava a injusta prisão, correu logo a referil-o ao bispo D. frei Antonio do Desterro, e o bispo deu conhecimento de tudo ao conde de Cunha, que mandou soltar o sachristão, bem que não acreditasse no que dizião contra o seu ajudante official da sala.

Propalou-se logo a historia do *lobis-homem* e dias depois amanheceu em frente da rua do *Padre Homem da Costa* junto da valla, fincado um poste e nelle pregado o seguinte pasquim :

Mude-se o nome da rua,
Tenha outro nome e mais galla ;
Seja, em vez de *Homem da Costa*.
Do *Ajudante da sala*,
Que uma noite um *lobis-homem*
Aqui se banhou na *valla*.

Horas depois vierão soldados arrancar o pasquim, e derribar o poste ; muitas pessoas, porém, já tinham

lido e decorado o malicioso versinho, que a tradição popular conservou.

Graças ao medo das perseguições do terrível official da sala do vice-rei conde de Cunha, a actual tafulona *rua do Ouvidor* escapou ao vexame de passar então a denominar-se não — *rua do Ajudante Official da Sala*, como propuzera o pasquim; mas *rua do Lobis-homem*, conforme alguns mancebos *janotas* do tempo, e mais atrevidos pela influencia de suas familias nobres ou ricas durante semanas a chamarão por zombaria ao aborrecido Alexandre Cardoso.

A rua manteve a sua denominação de *Padre Homem da Costa*; mas parece que a proposição do pasquim, e a alcunha sarcastica dada por aquelles mancebos destemidos já erão prenuncios da proxima deposição do *Padre Homem da Costa* no seu dominio denominativo da rua, que começava a ser anachronica pela batina e o solidéo de que elle usara.

A rua vai receber nome novo e é de honra, e de etiqueta que o receba em novo capitolo nestas *Memorias*.

CAPITULO V.

Como a rua do *Padre Homem da Costa* chegou pelo lado de terra em seu—*plus ultra*, abrindo-se na actual praça de *S. Francisco de Paula*: referem-se os tormentos do Cabido do Rio de Janeiro, e a historia da *Sé Nova*, que nunca chegou a ser *Sé*. Transformação da cidade do Rio de Janeiro nos vice-reinados do marquez de Lavradio e de Luiz de Vasconcellos; diz-se como a *rua do Padre Homem da Costa* andou, ou permaneceu pouco lembrada até que o marquez de Lavradio que, como Henrique IV, era devoto do bello sexo, fez nella das suas costumadas proezas nocturnas, amando a viuvinha Zézé, cunhada do *Amotinado* verdadeiro, que foi logrado pelo falso *Amotinado*. Como houve idéa e questão de mudança da denominação da rua, que acabou chamando-se do *Ouvidor*, em honra do Dr. Berquó. Annuncia-se a festa do primeiro centenario da *rua do Ouvidor* e promette-se o programma da grandiosa solemnidade.

Quando o tenente-coronel Alexandre Cardoso, official da sala, perseguido como *lobis-homem* na noite

desastrosa, cahio dentro da *valla* no encruzamento da rua deste nome com a do *Padre Homem da Costa*, já esta ha dezesete ou dezoito annos tinha pelolado de terra chegado á extrema, onde pudera escrever—*plus-ultra*—; pois que acabára em sua embocadura na actual praça de *S. Francisco de Paula*.

Breves explicações me parecem necessarias.

A rua do *Padre Homem da Costa* fôra obrigada a fazer alto quando chegou a rua da *Valla* (hoje da *Uruguayana*): porque, alem desta, o campo era do logradouro publico, e não se permittio o prolongamento da rua, e nem ainda um pouco mais tarde, bem que perto do campo que lhe vedavão já estivesse edificada a igreja de *Nossa Senhora do Rosario*, de particular devoção dos homens pretos livres, libertos e escravos.

Mas emfim veio o *Cabido* do Rio de Janeiro resolver o problema da revogação daquelle logradouro publico.

O *Cabido* do Rio de Janeiro desde muito que reclamava *Sé* propria e condigna.

Arruinada a *Sé* primitiva, a igreja de *S. Sebastião* do Castello, hospedou-se o *Cabido* na então simples *capella de S. José*; mas faltando-lhe ahi commodos, invadio quasi á força a *igreja da Santa Cruz dos Militares*.

E' curiosa, mas triste a historia da campanha dos conegos contra as irmandades donas da casa, estas a empurrar para fora os hospedes, e os hospedes a resistir, e oppôr-se á despedida; não cabe, porém, nestas *Memorias* a narração de quanto se passou nesse longo pleito.

Vencido na luta, e perdida a esperança de estabelecer-se na *igreja da Candelaria*, o *Cabido* acolheu-se *apezar seu* na de *Nossa Senhora do Rosario*.

A prova do *pezar do Cabido* dá-a monsenhor Pizarro, que em suas *Memorias* repete *sem caridade* a queixa do forçado e inevitavel contacto com os *pretinhos*, aliás seus e nossos irmãos em Deus.

Mas o governo da metropole (reinado de D. João V) approvando o plano apresentado, mandou construir nova igreja para *Sé* do Rio de Janeiro, e o governador Gomes Freire de Andrade, o bispo, e o engenheiro director das obras de accôrdo escolhêrão para o templo lugar no *Campo do Rosario* á curta distancia da rua da *Valla*, defronte da extrema imposta á rua do *Padre Homem da Costa*.

No assignalado historico dia anniversario, 20 de Janeiro de 1749, foi lançada com apparatusa solemnidade a primeira pedra da *Sé Nova*, cujos alicerses e grossas paredes havião de servir não para ella, *vic vos non vobis*; mas para o edificio de que é

ultima herdeira a *Escola Polytechnica* do Rio de Janeiro.

Para o solemne lançamento da primeira pedra limpára-se, aterrara-se em alguns pontos, e todo se igualára o terreno fronteiro á futura igreja, o qual, ou no mesmo dia 20 de Janeiro, ou pouco depois, recebeu a denominação de *Largo da Sé Nova*.

Então a rua do *Padre Homem da Costa*, vendo um *largo* aberto no campo do logradouro publico, usou do seu bom direito, saltando a *valla*, e estendendo ou continuando suas duas filas de casas até abrir-se no *largo da Sé Nova*.

As obras da Sé, que ficarão em proverbio popular perpetuadas, apoz activo ardor dos primeiros mezes, cahirão em desalento, e ora interrompidas, por faltar azeite á lampada, ora continuadas muito preguiçosamente, chegarão por isso a excitar o ridiculo que ferio a negligencia e a desidia do governo com aquelle proverbio fulminador das obras em que se consome o dinheiro publico e nunca chegam ao fim

Mais afortunada que a *Sé*, a igreja de *S. Francisco de Paula* começada a construir-se em 1759 (dez annos depois daquella) no mesmo *largo*, em 1801 já estava acabada pelo seus *Minimos*, que assim derão quináo aos *maximos* do governo, e em premio do seu

zelo o povo mudou o nome do *largo*, que ficou sendo chamado de *S. Francisco de Paula*.

A rua do *Padre Homem da Costa* desde 1749 não teve mais prolongamento a aspirar; ainda, porém, era cedo para as glórias que a esperavão com outro nome.

De 1770 a 1791 a cidade de S. Sebastião do Rio de Janeiro se transformou como por metamorphose rapida. Era feia lagarta, e o vice-rei marquez de Lavradio fez sahir do casulo a *borboleta*, asseizando, calçando as ruas e praças, abrindo novas ruas, bannindo as rudes *peneiras* das portas e janellas, e removendo para longe dos centros urbanos a agglomeração pestifera dos miseros negros trazidos da Africa para immundos recintos de mercado de escravos.

O vice-rei Luiz de Vasconcellos, achando a *borboleta* fóra do casulo e a ensaiar as azas de seda, deu-lhe agua e flôres em chafarizes, na fonte das Marrecas, e no Jardim Publico, e deu ainda á cidade novas ruas, uma das quaes foi a das *Bellas Noites*, então a romanesca das noutes de luar crescente e pleno.

A rua do *Padre Homem da Costa* não recebeu nesses vinte e um annos de florescimento na cidade melhoramento algum, á excepção do banimento das *peneiras* que a afeiavão, como as outras; dous annos porém,

depois do começo do vice-reinado de Luiz de Vasconcellos perdeu o nome que lhe tinham dado em 1659.

Escapára á denominação de rua do *Lobis-homem* no vice-reinado do conde de Cunha, e como se vai ver, escapou de outras que lhe quizerão dar, para denominar-se *rua do Ouvidor*.

O marquez de Lavradio, o vice-rei estadista, era varão de alto saber, de grande esperiencia e de virtudes; tinha, porém, a *fraqueza* de Henrique IV, e peccou não pouco por apaixonado do bello sexo. No seu tempo o doudo Romualdo dizia que o *vice-rei limpava as ruas e sujava as casas*.

O illustre marquez estava muito longe de ser ostentoso, delirante e corrompido perversor, como fôra o ajudante da sala do conde de Cunha; foi, porém, conquistador famoso, e teve ligações amorosas que o prendêrão muito, e amores furtivos e passageiros que autorisárão o mordaz epigramma do doudo Romualdo.

A principio, e a suppôr-se cauto, elle dissimulou *suas fraquezas* de um modo singular e espirituoso.

O marquez adoptára o costume de sahir sob diversos disfarces depois das dez horas da noute em passeio pela cidade para zelar a policia e ver com os seus olhos o que se passava, e ouvir com os seus ouvidos o que se dizia.

Em suas rondas ou passeios levava elle sempre por companheiro unico um official de milicias, o tenente João Moreira, conhecido pela alcunha de *Amotinado* pelos faceis arrebatamentos de seu genio ardente e desordeiro.

O tenente *Amotinado* era de prodigiosa força, de animo inflammavel e talvez o mais antigo *capoeira* do Rio de Janeiro, jogando perfeitamente a espada, a faca, o páo, e ainda e até de preferencia a cabeçada e os golpes com os pés.

Não se temia de dous ou de dez inimigos, multiplicava-se na defesa e no ataque pela agilidade. Tinha medo sómente do vice-rei e do ouvidor da comarca.

Era dedicadissimo, como ufanoso escravo do marquez de Lavradio, a cujo serviço não punha limites.

O marquez, quando tinha *de peccar* por devoção ao bello sexo, aproveitava para isso os seus disfarces e horas de passeio nocturno, pondo em ridiculo e abusivo tributo a bairra condescendencia do tenente.

A' noite e a prazo dado, batendo de leve á porta que havia de se abrir a signal de ajuste, se fraca voz perguntava:

— Quem é ?..

— Tenente *Amotinado*, respondia sempre o marquez.

E o tenente não protestava.

Durante alguns mezes por isso, e pelos falsos boatos que se fazião espalhar para explicação de amorosas travessuras, cujo mysterio era mal guardado, ou por acaso descoberto, o tenente *Amotinado* gozou na cidade do Rio de Janeiro immerecida celebridade de feliz conquistador de invejados amores e de traquinadas beija-flôr inconstante em jardins pouco vedados.

Em breve, porém, o ardil foi conhecido e o tenente *Amotinado* cahio no ridiculo, que devia ser o seu primeiro castigo.

O povo que amava o seu bom e sabio vice-rei era indulgente, repetindo a rir as noticias indiscretas de suas travessuras amorosas, e a zombar do complice desbrioso, continuava já então malicioso a nomear como autor das nocturnas traquinadas o tenente *Amotinado*.

Mas todos sabião bem que nome e que titulo se escondião na pobre alcunha do *Amotinado*.

Mas acontecem cousas neste mundo!...

O tenente João Moreira, o *Amotinado*, o companheiro ou caudatario do marquez de Lavradio em seus passeios nocturnos, era casado e tinha em sua companhia uma cunhada, Josefa, chamada em familia *Zézé*, viuva ha um anno.

A esposa do *Amotinado* era bonita e joven; mas a *Zézé*, dous annos mais moça, mais bonita ainda.

O tenente morava á rua do *Padre Homem da Costa*, um pouco acima da dos *Ourives*, e sua casa de um só pavimento tinha além da porta da entrada uma outra em curto muro contiguo, a qual só se abria para o serviço dos escravos.

Ora no ultimo anno do seu vice-reinado o marquez apanhado uma noite na rua do *Padre Homem da Costa*, por subita e grossa chuva, aceitou o offerimento do tenente, recolheu-se á casa deste, e vio Leonor, ou *Lolóra*, como o marido e parentes a chamavão, e a *Zézé*, sua irmã.

O marquez ficou encantado, e creio que só em lembrança dos serviços que devia ao *Amotinado* não pensou em apaixonar-se de ambas.

Enamorado da *Zézé*, e castigando assim e sem idéa de castigo as vis complicitades do tenente, fez chegar seus recados e proposições amorosas á linda viuvinha, conseguindo commovêl-a com a ternura prestigiosa, e com a sua singular belleza de vice-rei.

Não sei como o *Amotinado* descobriu o namoro e os projectos do marquez e poz-se áleria para impedir que o vice-real namorado penetrasse em sua casa.

O cem vezes baixo e aviltado complice de entradas nocturnas em casas alheias, não queria graças pesadas na sua : com outro qualquer teria logo posto fim á historia, rompendo em escandaloso conflicto do seu costume ; com o vice-rei, porém, o caso era outro, e o tenente sabia que a mais pequena cabeçada leva-lo-hia á forca ou pelo menos ao desterro, ficando não só *Zézé*, mas também *Lolóra* indefesas e á mercê do marquez, e de outros depois delle.

O *Amotinado* não fez bulha na familia, guardou o seu segredo, e esperou, zelando vigilante e desconfiado a casa.

O marquez tinha no emtanto chegado a sorrir á mais terna esperanza.

Uma noite o tenente achou o vice-rei de cama em consequencia de um resfriamento, e em uso de sudoríficos.

— Tenente, disse o vice-rei com voz tremula, eu hoje não posso sahir ; vai rondar até á meia-noite, e vigia bem o *Jogo da Bola* e a cadêa. Amanhã ás oito horas vem dar-me parte do que houver.

O *Amotinado* sahio.

A's onze horas da noite em ponto o marquez, disfarçado em official de marinha, parou na *rua do Padre Homem da Costa* junto á porta do muro contiguo á casa do tenente e bateu de leve cinco vezes.

Uma voz comprimida e como anciosa perguntou de dentro.

— Quem é ?

O marquez respondeu sorrindo :

— Sou o tenente *Amotinado*.

O portão abriu-se, e o marquez recuou um passo vendo o tenente que trazia na mão uma lanterna, e disse logo :

— Perdão, Sr. vice-rei ! eu sei que ha dous *Amotinados* na cidade ; mas nesta casa só entra sem pedir licença o *Amotinado* verdadeiro.

E trancou a porta.

O marquez quasi que se incolerizou, mas faltou-lhe o quasi ; porque immediatamente desatando a rir, voltou sobre seus passas e foi dormir e sonhar com a linda viuvinha *Zézé*.

No outro dia recebeu ás oito horas da manhã o tenente, tratou-o com a maior bondade, rio-se, lembrando-lhe o desapontamento por que passára no portão, louvou-lhe o zelo pela honra da *Zézé*, e a rir ainda mais, recommendou-lhe que tivesse cuidado com o falso *Amotinado*.

Continuárão como d'antes em noites determinadas os passeios nocturnos do marquez e do tenente ; este, porém, velava sempre em desconfiança daquelle.

Algumas semanas depois, em noite de falha de

ronda, o *Amotinado* ouvindo o toque das dez horas no sino de S. Bento, correu para casa, porque era a essa hora que o marquez costumava sahir. Chegou, bateu á porta que *Lolóra* veio abrir-lhe um pouco morosa; quando, porém, ia entrando, o tenente sentio leve ruido... voltou a chave, fingindo ter trancado a porta e esperou...

Quasi logo a porta do muro abriu-se, e por ella sahio um embuçado.

O tenente deu um salto em furia de tigre; mas estacou, murmurando com os dentes cerrados:

— Sr. vice-rei!...

— Aqui não ha vice-rei; disse-lhe em voz baixa o marquez; ha dous homens; mas, se o achas melhor, ha o falso *Amotinado* a sahir pela porta do muro, quando o verdadeiro entra pela porta da casa. E vê lá! não offendas aquella que protejo!...

O embuçado afastou-se, deixando o tenente em convulsão de raiva esteril.

Um vice-rei devéras fazia medo.

Mas ás dez horas da noite ainda havia gente acordada na rua do *Padre Homem da Costa* e no dia seguinte toda a cidade sabia do caso das duas portas e dos dous *Amotinados*. Apparecêrão pasquins, compuzerão-se cantigas e lundús, que erão as armas da censura popular do tempo, e alguns malevelos pro-

puzerão que a rua deixasse o antigo nome pelo do *Amotinado*.

O tenente celebrisou-se por brigas, em que elle só espalhou e espancou grupo de dez e doze maldizentes.

E chegou então o novo vice-rei Luiz de Vasconcellos.

O marquez despedindo-se do *Amotinado* a quem pagára sempre liberalmente a exagerada e servil dedicação, deu-lhe larga bolça cheia de ouro; este, porém, pediu-lhe com ardor a patente de capitão.

O marquez respondeu-lhe:

— Pobre *Amotinado!*... os postos do exercito são do rei, que os confere a quem presta serviços a seu governo; os teus serviços forão prestadas só á minha pessoa; e eu não posso pagal-os senão com o meu dinheiro. Vejo que uma bolsa foi pouco, e dou-te outra.

E foi buscal-a, e deu-lh'a, e o miseravel aceitou-a.

O povo chorou, vendo partir para Lisboa o marquez de Lavradio, a quem todos perdoavão as travessuras amorosas pelo bom, sabio, justo e benemerito governo.

A linda viuvinha *Zézé* ficou com seu dote que lhe augmentou bastante a boniteza para achar, como achou marido de seu gosto e escolha.

Mas a rua do *Padre Homem da Costa* não podia mais conservar a denominação envelhecida.

Continuava a teima dos zombeteiros e dos inimigos do tenente valentão e espalha-brazas em querer chamal-a *rua do Amotinado*.

Acresceu logo depois a pretensão de alguns conegos e de gente devota, que propunhão a denominação de *rua do Cabido* ou *rua da Sé Nova*, em honra da *Sé Nova* que então, embora já desanimadamente, se construia no *largo* ainda desse nome, e onde se abria a rua do *Padre Homem da Costa*.

E quando mais fervente se achava esta contenda chegou de Lisboa nomeado *ouvidor da comarca* para o Rio de Janeiro o Dr. Francisco *Berquó* da Silveira (da familia *Berquó* da qual foi membro o ulteriormente marquez de Cantagallo, amigo dedicadissimo e estimado de D. Pedro I), e logo ou pouco depois de sua chegada á capital do Brazil-colonia, foi morar em 1780 á rua do *Padre Homem da Costa*, na casa de sobrado, que é hoje de n. 62 A, e occupada pela loja de papeis pintados do Sr. Anachoreta.

Um *ouvidor de comarca* era naquelle tempo muito mais do que um simples mortal, era uma potestade, que o povo respeitava mais do que hoje respeita ao presidente do supremo tribunal de justiça, e não havia quem deixasse de pôr-se de chapéo na mão quando elle passava.

Desde que o *Dr. Berquó* estabeleceu sua residencia

à *rua do Padre Homem da Costa*, desfizerão-se as pretenções denominativas de rua do *Amotinado* e do *Cabido*, e todos de accôrdo a chamarão *rua do Ouvidor*.

E, portanto, o defunto padre *Homem da Costa*, muito depois de morto, deu em 1780 à *costa*, não nos baixios, mas nas alturas do ouvidor da comarca.

1780!... não esqueção a data, que marca o começo da época que tinha de ser tão gloriosa para a rua por excellencia polyglota e encyclopedica, labyrintho, vulcão, mina de ouro e abysmo de fortunas, rainha dos postiços e das artes arteiras, fonte de bellos sonhos, armadilha de enganos, *et caetera, et caetera, et caetera*, sommando tudo—*Torre de Babel*.

Principiára sendo — *Desvio* —, desvio do caminho recto, e essa origem não foi lisongeira.

Passára de *Desvio* à rua de *Aleixo Manoel*, plebeu raso, que embora só de fidalgos, era barbeiro, segundo os meus velhos manuscriptos.

Subio, tomou solidéo e batina, entrou para a categoria do clero, elevando-se à *rua do Padre Homem da Costa*.

E emfim exaltou-se, mostrando-se com a toga da magistratura em sua nova e ultima denominação de *rua do Ouvidor*.

E notem: o *ouvidor* chamava-se *Berquó*, nome cujas letras combinadas de outro modo fórmão o

presente do indicativo do verbo quebrar, isto é — *quebro*, o que quer dizer: *não resisto, rendo-me*.

O *Berquó*, o tal *ouvidor*, tinha pois nas letras do seu nome cabalisticamente encerrado o segredo dos encantos da rua, a que ninguém *resiste*, a que todos se *rendem*; porque todos *quebrão*, e ate se *requebrão* escravos do seu poder.

Mas, não o esqueção, a rua começou a denominar-se do Ouvidor em 1780.

Mais dous annos passados, e fulgirá esplendissimo, e super-memoravel o primeiro centenario da brilhante e famosa *rua do Ouvidor*.

Que festal quem viver em 1880 verá o que ha de haver.

Em 1880 — o centenario!...

Preparai-vos, ó modistas, floristas, photographistas, dentistas, quinquilharistas, confeitarias, charutarias, livrarias, perfumarias, sapatarias, rouparias, alfaiates, hotéis, espelheiros, ourivesarias, fabricas de instrumentos opticos, acusticos, chirurgicos, electricos e as de luvas, e as de postiços, e de fundas, de industria, commercio e artes, e as de lamparinas, luminarias, pharóes, e os fócios de luz e de civilisação, e vulcões de idéas que são as gazetas diarias, e os armazens de seccos e molhados representantes legitimos da philosophia materialista, e

a democrata, popularissima e abençoada *carne secca* no principio da rua, e no fim Notre Dame de Paris, a fada mysteriosa de tres entradas e sahidas e com labyrintho, tentações e magias no vasto seio — preparai-vos todos para a festa deslumbrante do centenario da rua do Ouvidor!...

A festa é de nosso dever e de nossa honra!...

Preparai-vos!

O centenario é em 1880!...

Se eu tiver paciencia, animação e confiança, proporei no fim destas *Memorias*, que ainda têm muito que dar de si,— o programma da grande festa do primeiro centenario da — *rua do Ouvidor*.

Vejão lá se me deixão ficar mal.

CAPITULO VI.

Como se revela em burlesca proeza o primeiro ou mais antigo heroe da rua do Ouvidor; conta-se a historia de duas ceias no fundo da taberna de Manoel Gago e como pela sua singular habilidade pregou famosa logração a tres amigos o Bello Senhor, interessante celebridade do Rio de Janeiro, rematando-se esta tradição com o conselho um pouco prophetico dado por Agostinho Fuas, um dos logrados, ao Bello Senhor.

A rua que em 1780 recebeu a denominação do *Ouvidor* teve por seu primeiro heroe em burlesca proeza o *Bello Senhor*.

Talvez que bem poucos dos meus leitores saibão quem foi o *Bello Senhor*, aliás a mais famosa personagem travessa e infelizmente muito peor do que travessa da cidade do Rio de Janeiro no ultimo quartel do seculo passado e que acabou ignorado, morrendo não sei em que anno do principio do actual.

O *Bello Senhor* chamava-se José Joaquim de... (*); nascera na cidade do Rio de Janeiro, onde seus pais (creio que pelo menos o pai era de Portugal) o fizeram receber limitada instrucção acima da primaria, mostrando-se elle porém muito intelligente, e sobretudo maravilhoso em calligraphia.

Era de tanta belleza varonil no rosto como bem tallado de corpo; de espirito subtil, de genio alegre e folgazão, dansando com o maior primor, cantando agradavelmente, merecêra por tudo isso a desvanecedora alcunha de *Bello Senhor*, que por certo não forão os homens que lh'a puzerão.

Em sua juventude gozou o *Bello Senhor* a vida, esbanjando o tempo, e só occupado de folguedos e de prazeres; ao menos porém, isento de abusos e de actos criminosos que manchão o homem.

E' nessa idade louçã, de alegrias e de devaneios que se apresenta o mais antigo heróe de travessura curiosa passada na *rua do Ouvidor*.

O que passo a referir é tradição que ouvi não só a um, mas a alguns velhos que conhecêrão o *Bello Senhor*, e entre esses a um respeitavel e estimadissimo cirurgião que em idade muito avançada falleceu em 1877.

(*) Terei occasião de completar o nome do *Bello Senhor*: tenho por inteiro o seu nome em apontamentos que não encontrei agora.

Nesta tradição pertencem-me *os nomes dos tafues* amigos do *Bello Senhor*, a *data* precisa da segunda ceia, e os *dialogos* ; porque não fui informado daquelles *nomes*, e nem da *data* que marquei para dar certa vida á tradição..

Tudo mais, isto é, a primeira e a segunda ceia as fivelas e a casaca novas, e a surpresa causada pela presença da Rosinha, actriz da casa da opera, devem considerar-se, e pelo menos eu reputo de tradição verdadeira.

E agora conto a proeza do *Bello Senhor*, sem mais preludios, nem ceremonias.

Companheiro assiduo dos mais elegantes e ricos tafues do seu tempo, o *Bello Senhor*, que muitas vezes, por seus dotes naturaes, pelo seu espirito e por suas prendas, ganhava, mais do que elles, agra-dos das senhoras nas reuniões e saráos, quasi sempre *baldo ao trunfo*, não os podia igualar no luxo dos vestidos sempre novos, e na magia do ouro, com que era posto em derrota na disputa de certos amores.

Uma noite, em 1783, ou pouco depois, em companhia de alguns desses tafues, todos de boas e ricas familias, o que não os impedia de render vassallagem á *extravagancia*, que tambem é rainha da mocidade, cejava o *Bello Senhor* peixe frito com pimentões, chouriço de porco e rhim de vacca assado

e bebia vinho do Porto, em saleta reservada do fundo da famosa taberna de Manoel Gago, sita á rua do *Ouvidor*, esquina da rua dos *Latoeiros*.

Ninguem se admire da escolha de uma taberna para uma ceia desses tafues.

Ainda depois de estabelecidos os hotéis e em annos que chegavão ao termo da primeira metade do nosso estupendo seculo, não faltavão hospedes *muito serios* ás saletas dos fundos de certas tabernas para ceiar sardinhas fritas com pimentões, e rim *assado* com o indispensavel molho de pimenta de cheiro.

Era costume do seculo passado que se conservava no actual, e as tabernas preferidas só admittião nas saletas freguezes conhecidos e de boa companhia.

Trata-se porém, da ceia dos tafues.

Em ajuntamento de mancebos que só pensão em divertir-se e rir, ha de ordinario uma victima de escolha occasional.

Nesta noite a victima era o *Bello Senhor*.

Affonso Martinho tinha dito que elle trazia nos sapatos o testemunho de impostura e falsidade; porque as fivelas que tinhamo passado por ser de ouro já estavão por velhas perdendo o dissimulo e denunciando a prata que nem era de lei.

O *Bello Senhor* comia então uma posta de pescada, e não respondeu.

— As fivelas dos sapatos do *Bello Senhor* estão de harmonia com a sua casaca de uso ordinario, como hoje, e que, como todos vêm, já está perdendo o pello! exclamou Domingos Lopo.

— E' avareza desse demonio: devemos castiga-lo; proponho que de hoje a oito dias o *Bello Senhor* seja obrigado a pagar-nos aqui mesmo ceia dez vezes melhor, do que esta, que eu hoje pago; disse a zombar Antonio Pereira.

Mas quando Domingos Lopo fallara, o *Bello Senhor* estava-se regalando de chouriço com farinha de mandioca; e quando Antonio Pereira o empra-zou para a ceia que havia de pagar, elle saboreava o rim assado, temperando-o no molho de pimenta de cheiro, e não deu resposta nem a um, nem a outro, e menos ainda pareceu resentir-se.

Não havia maligna intenção nos gracejos dos tres amigos; mas realmente era pouco generoso, e de máo gosto em mancebos ricos zombar do que era manifesta prova dos poucos recursos pecuniarios da victima do ridiculo.

Risadas acompanhavão no entanto os remoquees provocadores de reacção que o *Bello Senhor* não costumava conter.

Mas então elle comia, e não fallava.

Agostinho Fuas tomou por sua vez a palavra e disse :

— O *Bello Senhor* está hoje triste, silencioso e abatido : querem saber porque ? Há um mez que apaixonado, perdido de amor pela *Rosinha-Feitiço*, a mais bella dama da *Casa da Opera*, cantava-lhe de noite *modinhas* á porta, e de dia mandava-lhe ramalhetes de rosas, e de *Não-me-deixes* ; mas coitado ! soube hontem que eu sem *modinhas* nem flôres, e só com uma chave, que tirei da minha bolsa, abri a porta que não lhe abrião, e tomei-lhe a namorada !.. Tem paciencia, *Bello Senhor* ! espera dous ou tres mezes pelo termo do meu capricho : eu te puz no purgatorio ; mas não te condemnei ao inferno.

Gargalhadas geraes aggravarão a zombaria de Agostinho Fuas tanto mais cruel, quanto era absolutamente expressão de verdade.

O *Bello Senhor* por acaso ou por abafado impeto de ira cobrio de pimentas de cheiro uma garfada de rim e comeu, parecendo regalar-se.

Agostinho Fuas, um pouco picado da indifferença da victima, tirou do bolso uma carta e mostrou-a aos companheiros.

— Ahi está um bilhete que a *Rosinha* me escreveu hoje....

— Mas que diabo ! ella escreve *Gostinho* em vez de *Agostinho* ? disse Affonso Martinho.

E' assim que me trata : vê agora a assignatura....

— *Feitiço*....

— E' como eu a chamo. E tu, *Bello Senhor*, não queres vêr a carta da *Rosinha-Feitiço* ?

Era demais.

O *Bello Senhor* que inalteravel não tinha levantado os olhos do prato, saboreou o ultimo pedaço de rim assado, encheu de vinho o copo, bebeu vagarosa e deliciosamente, depôz o copo na mesa, e disse com perfeita serenidade :

— Agora eu.

Todos os olhos se fitárão no *Bello Senhor* que voltando-se primeiro para Antonio Pereira, disse-lhe:

— Antonio Pereira ! de hoje a oito dia ceiaremos nesta taberna profusa e grandiosamente !... convite a todos os presentes e a mais alguns amigos ; mas eu juro que tu, Antonio Pereira, has de pagar a ceia.

— Eu ?... aposto que não !...

— E nessa noite de ceia, de hoje a oito dias, eu me apresentarei de ricas fivelas de ouro nos sapatos, e tu, Affonso Martinho, has de pagar as fivelas.

— Eu ?.. também aposto que não !

— E tu, Domingos Lopo, has de pagar a casaca nova com que me apresentarei a honrar a ceia !

— Terceira aposta !... juro que não.

— Quanto a Agostinho Fuas, não pretendo que elle me pague cousa alguma ; pelo contrario, serei eu quem o ha de felicitar com a mais agradável surpresa...

— Explica-te, *Bello Senhor* !

— Impossivel ! será o encantamento da ceia ; mas é segredo que guardarei commigo até de hoje a oito dias.

— São portanto quatro apostas : disse Antonio Pereira ; vê, em que te mettes, *Bello Senhor* !

— Não faço aposta alguma ; respondeu este : contento-me com a ceia profusa, com as fivellas de ouro, com a casaca nova, e com o sorprendente effeito do meu segredo.

Levantárão-se todos para sahir.

— A' proposito ! exclamou o *Bello Senhor* ; quero saber a hora precisa da ceia : Antonio Pereira é quem deve marcar a hora ; porque as despezas correrãõ por sua conta.

— O *Bello Senhor* paga-nos aqui boa ceia, de hoje a oito dias, ás nove horas da noite precisas ; disse Antonio Pereira.

— Muito bem ! de hoje a oito dias, 20 de Julho de 1783, ás nove horas da noite em ponto ; disse o *Bello Senhor*.

E logo accrescentou :

— Daqui até lá nem mais meia palavra sobre este assumpto.

E todos se retirárão da taberna a rir e a agradecer, como amigos que erão.

Passárão-se os oito dias do prazo marcado, chegou a noite de 20 de Julho, e ainda antes das nove horas já se achavão reunidos na saleta do fundo da taberna de Manoel Gago, além de alguns outros todos os mancebos que alli tinham ceiado oito dias antes.

Faltava sómente o *Bello Senhor*.

Havia curiosidade como que anciosa.

Nenhum dos convidados ousava suppôr que elle faltasse ao prazo e á ceia.

A questão do pagamento da ceia, das fivelas de ouro, da casaca nova, e emfim a surpresa promettida a Agostinho Fuas preocupavão a todos.

A ceia já estava servida e era na verdade profusa para a habilidade cullinaria de Manoel Gago, o dono da taberna, que até então se limitára a dar aos seus freguezes peixe frito, camarão, chouriço e rim de vacca.

Os nossos leitores dispensão a descripção da ceia.

Ao toque de nove horas entrou pela taberna o *Bello Senhor* trajando fina casaca nova e trazendo nos sapatos ricas fivelas de ouro.

Os amigos nem tiveram tempo de applaudil-o; porque logo em seguida dous robustos negros se mostrarão conduzindo elegante cadeirinha que depuzerão á entrada da saleta.

— Agostinho Fuas, disse o *Bello Senhor*; sem duvida que eu devia começar pela agradavel surpresa, que te prometti.

E abrindo as cortinas da cadeirinha, offereceu a mão e ajudou a sahir della a uma bonita moça morena.

— Apresento-lhes a linda e mimosa *Rosinha-Feitiço*, que nos dará a gloria de ceiar comnosco, se Agostinho Fuas o permittir.

A surpresa foi realmente grande, e até a bella *Rosinha* tambem a partilhou, vendo Agostinho Fuas confundido e amuado.

— Antonio Pereira! Podemos sentar-nos á mesa?

— Eu não me sentarei á mesa com a *senhora Rosinha* sem que ella me explique como se apresenta aqui!... disse Agostinho Fuas.

— Camarada! que ciumes de máo gosto! observou o *Bello Senhor* a sorrir.

— Então isto é opera do Judeu?... perguntou a bonita morena.

E tirou do bolso e entregou a Agostinho uma carta.

O amante ciumento leu alto com admiração e ainda com maior surpresa :

« *Feitiço* :— Quero que venhas ceiar commigo em boa companhia ; como porém não me é possível ir buscar-te, entendi-me com o meu amigo *Bello Senhor*, que vai receber-te ás oito e meia horas da noite, levando cadeirinha para te conduzir. Pódes confiar-te á elle, e vem sem falta ; eu o exijo : é questão de honra ! Até logo, *Feitiço*.— Teu *Gostinho*. »

— E então? perguntou a actriz da casa da opera.

— O mesmo tratamento que me dás, e que te dou!... e a minha letra!... porque é a minha letra... a minha assignatura... é, juro que é ; mas juro tambem que não escrevi esta carta ! exclamou Agostinho Fuas.

— Oh ! ceiemos, Agostinho Fuas ! disse o *Bello Senhor*.

Sentáráo-se todos ; mas immediatamente Manoel Gago chegou-se a Antonio Pereira ; e entregou-lhe a conta da ceia.

— Que diabo é isso?... que tenho eu com o rol e com a conta da ceia ? disse Antonio Pereira.

Manoel Gago nem pôde fallar ; mas correndo a taberna, tirou da gaveta um papel e veio apresental-o a Antonio Pereira.

O papel dizia assim :

« Sr. Manoel Gago, a 20 de Julho de 1783 quero que ás 9 horas da noite precisas tenha prompta e servida à mesa para 20 pessoas ceia constante dos pratos e vinhos seguintes.... (*estendia-se o rol*) : não olhe a despezas ; quero porém que logo ao começar a ceia, me apresente a conta diante de todos : é caso de aposta.— Seu freguez, *Antonio Pereira.* »

O papel correu pela mão de todos, e todos derão testemunho de que a letra, e a assignatura erão de Antonio Pereira, que puxou pela bolsa e pagou a ceia a rir alegremente, dizendo aos amigos :

— Tal e qual como Agostinho Fuas !... reconheço por minhas a letra e a assignatura... não ha questão... mas leve-me o demo, se eu escrevi e assignei isso !...

O *Bello Senhor* ceitava gulosamente e sem fallar.

Mas antes das dez horas entrárão na saleta um alfaiate e um ourives, que desfazendo-se em desculpas, e protestando que se mostravão alli só por obediencia á ordens escriptas, e positivas, entregárão o primeiro a Domingos Lopo a conta de uma casaca do mais fino panno, e o segundo a Affonso Martinho

a de primorosas fivelas de ouro, que tambem por ordem escripta e assignada um tinha feito e o outro entregado ao *Bello Senhor*, sob a condição de cobrança realisada naquella noite e áquella hora na taberna de Manoel Gago, e durante a ceia que alli se daria.

O ourives e o alfaiate, freguezes dos dous ricos tafues, tinham obedecido ao extravagante capricho de mancebos notaveis por devaneios e originalidades travessas de juventude, e além disso, seus freguezes de maiores despezas e do mais prompto pagamento.

Affonso Martinho e Domingos Lopo rirão-se ainda mais do que Antonio Pereira, e todos com elles verificárão, depois de acurado exame, que era impossivel negar a letra das ordens e as assignaturas dos dous pagantes da casaca de panno fino e das fivelas de ouro do *Bello Senhor*.

E Domingos Lopo e Affonso Martinho pagarão ao som dos applausos da companhia ao alfaiate e ao ourives.

Tanto elles como Antonio Pereira podião negar-se aos pagamentos que fizerão; erão porém cavalheiros, e amigos do *Bello Senhor*, e julgárão de bom gosto dar-se por vencidos pela habilidade calligraphica daquelle, a quem aliás tinham provocado com as suas zombarias.

O *Bello Senhor* foi o heróe da ceia que se prolongou até a meia noite.

A essa hora, e ao dissolver-se a reunião, o *Bello Senhor* ainda zombeteiro perguntou a Agostinho Fuas:

— Queres que eu me encarregue de acompanhar a tua bella Rosa ao seu jardim?...

Rosinha Feitiço fez um momo a indicar negativa.

— Não; respondeu Agostinho Fuas; quero porém que saiamos juntos.

E sahirão.

Á pequena distancia da taberna de Manoel Gago, e vendo-se livre de ouvidos indiscretos, Agostinho Fuas deixou o braço de Rosinha, a quem conduzia, e afastando-se della alguns passos com o *Bello Senhor*, apertou as mãos deste e disse-lhe em voz muito baixa:

— *Bello Senhor!* gosto de ti e vou dar-te boa prova disso.

— Que é?...

— Lembra-te sempre do conselho de Fuas na rua do Ouvidor!...

— Mas... enfim!... fallas tão serio!...

— Desdenha e perde a tua admiravel e extraordinaria perfeição imitativa da escripta e da assignatura alheias.

— Ah!.. o que fiz hoje..

— O que fizeste hoje foi simples, mas lamentavel brinquedo com amigos, e mais tarde o que poderás fazer, será crime. Lembra-te!

E Agostinho Fuas voltou a tomar o braço da bonita actriz da Casa da Opera.

O *Bello Senhor* ficou parado e quasi triste.

E *mais tarde* lembrou-se muito, e lembrou-se em dias sinistros—do conselho de Fuas na rua do Ouvidor.

Provavelmente hei de ter occasião de lembrar tambem a sabedoria do conselho de Agostinhs Fuas, dando, embora de passagem, noticia de lamentavel crime, e de adversa fortuna, á que a maravilhosa habilidade calligraphica levou o *Bello Senhor*, já infelizmente corrompido.

CAPITULO VII

Como o vice-reinado do conde de Rezende obumbrou a cidade do Rio de Janeiro e nesta a *rua do Ouvidor* com sinistras perseguições, e com o terror que espalhou : falla-se da conspiração dos inconfidentes de Minas-Geraes, e refere-se uma tradição que não sahio toda dos *velhos manuscriptos* suspeitos de tradições imaginarias. Como e porque *Perpetua-Mineira* veio em 1784 morar á *rua do Ouvidor* e ahi, não ganhando bastante a costurar, abriu em sua casa *saleta de pasto á mineira*, acontecendo que depois de certo tempo ella começou a rir fóra de proposito, cultivou *perpetuas roxas*, teve muitos amores, até que se apaixonou pelo *Tira-dentes*, e emfim, desapareceu na noite de 21 de Abril de 1792, depois de ter andado á roda da forca, onde fôra morto o seu amante, a procurar uma *perpetua*, achando sómente ensanguentado um pedaço de lenço que reconheceu e guardou.



O ultimo decennio do seculo passado e os primeiros dez mezes do anno de 1801 marcárão obumbrado e sinistro periodo na historia da cidade do

Rio de Janeiro, e deixárão triste episodio ás *Memorias da rua do Ouvidor*.

Em 1789 tinha sido denunciada a conspiração dos inconfidentes de Minas-Geraes, estes presos e a *devassa* posta em andamento.

Em 1790 (a 4 de Junho) começou o vice-reinado do conde de Rezende para tormento do Rio de Janeiro. Suspeitoso, aterrador, desapiedado, o conde de Rezende, ainda depois de enforcado o *Tira-dentes*, e de sahidos em desterro os principaes chefes da conspiração, isto é, ainda depois de Abril de 1792 até o fim do seu vice-reinado, foi cruel oppressor do povo, e implacavel perseguidor de poetas e de litteratos, a alguns dos quaes encerrou por longo tempo em negras prisões pelo crime de se reunirem em palestras litterarias e scientificas, ás quaes elle attribuia injustamente dissimulos de clubs revolucionarios e reincidencias em tramas republicanos.

A *rua do Ouvidor* soffreu, como toda a cidade, a influencia sinistra do governo do conde de Rezende, obumbrando-se pela desconfiança e pelo terror, e para dar idéa dessa triste situação, preciso lembrar a famosa conspiração chamada do *Tira-dentes*, as perseguições e abusos do vice-rei, e vou fazê-lo, vestindo com as roupas, isto é, com as côres e

com os costumes do tempo, uma *tradição* que colhi nos *meus velhos manuscriptos*.

E' a *tradição-romance* de *Perpetua-Mineira*, que aliás não sahio toda desses *manuscriptos* já suspeitos de fonte imaginaria.

Dous amigos meus que tinham sido jovens no primeiro quartel do seculo actual, e que se presumião de sabedores de cousas dos fins do ultimo seculo, informarão-me em annos que me virão atarefado recolhedor de noticias do nosso passado na cidade do Rio de Janeiro, informárão-me, repito, da seguinte historieta.

Uma mulher moça e bonita, a quem chamavão *Perpetua-Mineira*, vivêra durante annos dos vice-reinados de Luiz de Vasconcellos e do conde de Rezende, morando na *rua do Ouvidor* entre as ruas *Direita* e *Detraz do Carmo* (*hoje do Carmo*), e que em sua casa abrira *saleta de pasto*, ou de jantar e cêas de *cozinha á mineira*.

Perpetua, a principio de costumes irreprehensíveis, tornára-se depois facil em amar, e inconstante em amores, contando entre os seus felizes apaixonados o *Tira-dentes*, e emfim subitamente desaparecera, sem que houvesse della mais noticia alguma, no mesmo dia em que subio á forca, seu capitolio da historia, aquelle impavido conjurado, de quem ella fôra amante.

Atiçado e impellido pelo interesse romanesco de taes informações, procurei então com ardor no processo dos *inconfidentes* de Minas, em publicações. em documentos archivados, em conversações com amigos fluminenses e mineiros distinctos, e curiosos investigadores destas cousas da pátria, alguns vestígios da existencia ao menos daquella *Perpetua-Mineira*, que florescera ou murchara na *rua do Ouvidor*.

Perdi o meu tempo.

Os meus dous informantes continuavão a asseverar o que me dizião sobre a interessante *Perpetua-Mineira*; mas em falta de testemunho mais seguro, limitei-me a tomar notas das informações sem poder aceital-as como incontestaveis.

Agora, escrevendo as *Memorias da rua do Ouvidor* e chegando nellas á época da conjuração dos *inconfidentes* de Minas-Geraes, das perseguições e do terror do vice-reinado do conde de Rezende, lembrei-me daquellas informações, e tomando-as por bases, recorri sem cerimonia aos meus *velhos manuscritos* e achei logo nelles a *tradição* completa, a *tradição-romance* de *Perpetua-Mineira*, que passo a contar.

Não asseguro, mas inclino-me a crer, a admittir ao menos o facto da existencia de *Perpetua-Mineira*

com a saleta de pasto, ou de jantar e cêas, na sua casa da *rua do Ouvidor*: admitto a probalidade dos amores de Perpetua e do *Tira-dentes*. O mais vai sahir dos meus *velhos manuscriptos* por conta e risco exclusivamente delles e sem responsabilidade do memorista consciencioso.

E' tradição-romance de *Perpetua-Mineira* para diante.

Em pequena casa terrea de porta e janella que em principios do seculo actual ainda se via, na *rua do Ouvidor* ao lado direito e pouco antes da quina da *rua Detraz do Carmo*, como triste amostra das acanhadas e rudes construcções dos primeiros tempos da cidade, morava uma mulher a quem chamavão *Perpetua-Mineira*.

Perpetua era com effeito o seu nome de baptismo; o de familia ninguem o conhecia; porque ella não o tinha e a alcunha de *mineira* lh'a puzerão no Rio de Janeiro pela sua naturalidade da capitania de Minas Geraes.

Era ainda mais infeliz do que se fôra *orphã*, era ou fôra *engeitada*, e nunca a procurárão os pais. No seio da familia caridosa que a recolhera aprendera ao menos a trabalhar; aos dezoito annos de idade porém fôra segunda vez *engeitada*, expulsa da casa benificante pelo *crime* de ter sido seduzida pelo filho mais velho dos seus protectores.

O seductor apaixonado amante da *engeitada* quiz, a despeito da opposição de seus pais ricos e presumptuosos de nobre sangue, desposal-a, e dar-lhe, como devia, o seu nome; Perpetua, porém a chorar e a maldizer de sua fraqueza, lembrou quanto por ella tinhão feito os caridosos adoptadores da innocente e misera recém-nascida exposta, abandonada á porta de estranhos, e agradecida até ao sacrificio de sua honra, impôz ao filho revoltado obediencia aos pais, deu-lhe em despedida um, o ultimo beijo, e, fugindo á capitania do seu berço, veio para a cidade do Rio de Janeiro no anno de 1784, e quasi logo foi occupar a casa da *rua do Ouvidor*, que ficou mencionada, e que houve a preço de *seis cruzados* de aluguel por mez.

Perpetua poz-se a *costurar*, foi ella a primeira, não modista, mas *costureira* da *rua do Ouvidor*; tão pouco, porém, rendião-lhe as costuras, que para viver começou a explorar outro recurso, abrindo ao concurso do publico na pequena saleta de sua casa, mesa muito aceiada, na qual vendia lombo de porco em varios guizados primorosamente preparados, linguças e bollos, e diversos acepipes cullinarios de farinha de milho.

Em linguagem moderna combinada com a antiga,

ingleza abrazilizada, a pobre e infeliz Perpetua abriu casa de *lunch* — á *mineira*.

Foi d'ahi que começou a sua alcunha *Perpetua-Mineira*.

E sem o pensar ella foi alli na *rua do Ouridor* a precursora de M.^{me} Josephine, costurando, e do Sr. Guimarães, fazendo *lunch á mineira*.

De estatura alta, e bem talhada de corpo, Perpetua tinha negros e bellos os cabellos e os olhos, o rosto branco e de encantador oval, trazendo nas faces as pulchras rosas d'além das serranias do Occidente.

Apenas lhe amesquinhavão as graças phisicas as mãos trigueiras e asperas pela rudeza do trabalho e os modos e fallas agrestes que denunciavão a sertaneja, pouco affeita aos costumes e aos labores da sociedade urbana.

Bonita como era, Perpetua adquirio logo boa freguezia frequentadora da sua *saleta de pasto*, onde muitos dos Mineiros que vinhão á cidade do Rio de Janeiro tambem e de preferencia ião para jantar ou cear á moda da capitania.

Tão joven que ainda se poderia dizer menina, Perpetua, vivendo só, manteve durante um anno procedimento irreprehensivel, foi casta depois de seduzida, bem que não lhe faltassem namoradores e apaixonados entre os freguezes da *saleta de pasto*.

Mas um dia alguns Mineiros chegados d'acapitania derão á pobre engeitada a noticia do casamento do seu querido seductor. Por explicavel contradicção de sentimentos em alma exaltada, ella, que generosa impuzera ao amante obediencia á vontade dos pais, ao saber que a *obediencia* se cumprira, sentio o peso da morte no coração, adoeceu gravemente, foi levada para a Santa Casa da Misericordia, d'onde no fim de dous mezes sahio restabelecida da molestia cerebral que lhe ameaçara a vida; mas trazendo alteração lamentavel em seu character.

Restaurando a sua *saleta de pasto*, *Perpetua-Mineira* não zelou mais e como d'antes o seu proceder honesto, e ainda o repetirei — *casto* — depois do erro: fingida ou realmente alegre, faceira e garrida escapou apenas ás abjecções do vicio venal; mas desceu ás baixezas da impudicia por amores, cuja duração era marcada pela sua inconstancia, e pelo seu capricho.

A joven mineira parecia feliz: era tão facil e frequente o riso em seus labios, que ás vezes até ria fóra de proposito: além disso, notava-se que ella, tendo mandado preparar no quintalzinho de sua casa canteiros de jardim, só cultivava nesses canteiros *perpetuas*, a flôr do seu nome; exclusivamente, porém, *perpetuas rôxas*, a flôr das sepulturas ou da morte.

Entretanto *Perpetua-Mineira* adquirio celebridade

immodesta na cidade do Rio de Janeiro, e entre os seus successivos amantes contou o *Bello Senhor*, e, dizem que (muito ás escondidas e com imposição de segredo) o vice-rei Luiz de Vasconcellos, que foi sempre muito mais cauto do que o marquez de Lavradio.

Por fim, em 1787, appareceu-lhe em casa José Joaquim da Silva Xavier, o *Tira-dentes*, que já não era moço, nem distincto por belleza veronil; mas que impressionava a quasi todos por arrebatamentos apaixonados, pelas expansões francas e ardentes do sentimento, pela coragem, pelo entusiasmo facil, e até pelas leviandades e estouvamentos de seu animo imprudente, e a que faltava sobretudo o bom-senso.

O *Tira-dentes* inflammou-se de amor pela bella Perpetua, e esta perdidamente se apaixonou por elle.

Capricho ou predilecção de *mineira*?...

E' quasi ou de todo insensato pretender arrasar segredos de sentimento.

Perpetua amou o *Tira-dentes*: amou-o terna e fiel, e desde então ria-se ainda; mas só a proposito: nenhum outro homem pôde mais passar além da *salleta de pasto* para o interior da casa, nem mesmo (dizem) aquelle que a horas mortas de noite ás vezes entrava mysterioso.

Póde-se amar déveras mais de uma vez na vida?.. póde haver outro depois do primeiro amor que encha e perfume completa e perfeitamente o coração?...

Perpetua não ousaria responder; porque depois do seu primeiro amor, amava ternamente o *Tira-dentes*; mas, cumpre dizê-lo, amante estremecida e fiel do *Tira-dentes*, ella continuou sempre a cultivar no seu quintalsinho *perpetuas* e exclusivamente *perpetuas roxas*.

As ligações de Perpetua e do *Tira-dentes* duravão com interrupções longas pelas ausencias deste, mas com exemplar fidelidade respeitadas por ella já ha dous annos, quando em 1789 aquelle conspirador indiscreto chegou á cidade do Rio de Janeiro e no fim de alguns dias, na vespera de sua volta para *Villa Rica*, revelando á amante o segredo da conspiração mineira, em terna despedida, pedio-lhe que colhesse e lhe dêsse uma *perpetua*, a flôr do seu nome, como lembrança de amor.

A bella joven cortou um basto anel de seus cabellos, e, danda-o ao *Tira-dentes*, disse-lhe:

— Dou-te melhor lembrança: a *perpetua* não, não! olha: só tenho *perpetuas roxas*, as flores da morte.

O *Tira-dentes* beijou e guardou o anel de cabellos; mas exigio com tanta insistencia a flôr, que a amante colheu, e entregou-lhe uma *perpetua*, dizendo:

— Leva-a, é porém de máo agouro. Sê feliz! Adeus! Qualquer que seja o teu destino, eu te amarei *perpetua*. Lembra-o bem: *perpetua*!...

No mesmo anno o *Tira-dentes* tornando ao Rio de Janeiro. mas já perseguido para ser preso, como em Minas o tinham sido os outros conspiradores, não ousou ir á casa de *Perpetua-Mineira*, mas ainda assim cahio em poder dos agentes do governo.

A generosa e exaltada amante, a pobre *Perpetua-Mineira*, sonhou, imaginou planos doudos para salvar o *Tira-dentes*, facilitando-lhe a fuga dos carceres subterraneos da *Ilha das Cobras*, para onde o tinham levado, e, desatinada e vaidosa, começava a calcular com repugnantes traições ao seu amor, com sublimes sacrificios já para ella horriveis, contando com o poder dos seus encantos a fazer milagres no coração de Luiz de Vasconcellos, aliás severo e inflexivel no cumprimento do seu dever, quando a 4 de Junho de 1790 o vice-reinado passou ao conde de Rezende.

Adeus, embora illusorias, vaidosas esperanças de *Perpetua-Mineira*!...

O conde de Rezende chegava carrancudo, ameaçador, e temendo conspirações a tramar-se em toda a cidade, e para mais se aggravarem suas turvas suspeitas. e as sinistras prevenções do seu animo, logo na noite de 20 de Junho, incendio violento de-

vorou a casa onde a camara municipal celebrava suas sessões e tinha o seu archivo (casa do Telles na Praça de Pedro II, até á quina da rua do Mercado).

O vice-rei passou a noite em ancias, vendo no incendio ensejo preparado para pronunciamento revolucionario, ao mesmo tempo que o povo só via na horrivel fogueira *mão agouro do novo governo*.

Não foi possivel ao conde de Rezende descobrir a origem do incendio; mas por isso mesmo o attribuiu aos revolucionarios, e multiplicou precauções aterradoras.

Perpetua por ter sido amante do *Tira-dentes*, e porque recebia *mineiros* a jantar e a ceiar em sua *saleta de pasto*, foi objecto de incessante espionagem, e teve a casa por vezes varejada; de modo que em breve temerosos e espantados quasi todos os frequentadores da *saleta de pasto* della desertarão, e a *rua do Ouvidor* cobrio-se com o véo da tristeza e annuviou-se pelo medo.

Mas a corajosa Perpetua deixou-se ficar em sua casa á espera...

A' espera de que?... ella nem podia ter noticias do *Tiradentes* conservado como os seus companheiros do infortunio *em segredo* nas masmorras da *Ilha das Cobras*.

E todavia ella esperou quasi dois annos... esperou até Abril de 1792.

A 19 deste mez o *Bello Senhor*, que nunca a abandonára, embora Perpetua desde que amára o *Tiradentes* só lhe permittisse innocentes relações, foi triste annunciar-lhe a horrivel sentença proferida pela alçada no dia antecedente.

A pobre moça nem pôde chorar nos primeiros momentos, e convulsa e como attonita, murmurou estupidamente :

— Eu lh'o disse : *foi a perpetua roxa!*...

— Que perpetua roxa?... perguntou o *Bello Senhor* a temer que a infeliz moça começasse a delirar.

— Eu o sei... e elle o sabe : respondeu a amante do *Tira-dentes*.

Hora depois *Perpetua-Mineira*, que não pudera chorar, pallida e abalada por estremecimentos nervosos, tornou-se muda e ficou de novo á espera... ficou alerta.

Não se alimentou, nem dormio, ficou á espera...

A's onze horas da noite de 20 de Abril *Perpetua-Mineira* ouviu sinistro ruido de gente aliás silenciosa que descia pela *rua Direita*, e sahio para ver o que era.

Todas as casas estavam fechadas.

Perpetua-Mineira chegando á *rua Direita* apoiou-se á parede da quina da *rua do Ouvidor*.

E vio... e ouviu...

Vio quasi na sombra.. vio mal distincto lugubre prestito de soldados e de presos, e ouviu o tinir das correntes...

Vio pelos ouvidos os soldados em sua marcha compassada e regular, e os presos no gemer das cadêas...

Quando presos e soldados forão em funebre silencio passando diante della, a misera e exaltada mulher, advinhando entre aquelles o amante, que não podia distinguir na escuridão, disse alto, bastante alto para ser ouvida, mais com voz pungente :

— *Perpetua* !...

As cadêas de um dos condemnados retinirão, agitadas por forte tremor, aliás apenas momentaneo.

O *Tira-dentes* tinha reconhecido a voz de *Perpetua*.

No outro dia, 21 de Abril, José Joaquim da Silva Xavier, o *Tira-dentes*, subio á historia subindo á forca no campo do Rosario.

Quando o seu corpo cahio do patibulo sob os pés do carrasco, os repiques *festivos* dos sinos das igrejas e as acclamações officiaes obrigadas abafa-

rão profundissimo gemido de dôr, e a commoção geral não deixou ver, ou o instincto generoso do povo escondeu o *crime* de um corpo de mulher que tombara como sem vida.

Essa mulher, porém, não estava morta : levarão-n'a, ou ella rornou a si, e pôde retirar-se fugir...

A cidade obedeceu á imposição de manifestações de festa e de exultação até as *luminarias* que se apagarão ás dez horas da noite.

Depois reinou na cidade silencio sepulchral.

Pouco depois da meia-noite uma mulher alta e envolta em negra mantilha avançou mysteriosa pelo campo do Rosario até chegar á forca ainda em pé.

O campo estava solitario, era profunda a escuridão... e na escuridão a forca se escondia, como o remorso que se abysma no fundo ennegrecido do seio em torturas...

Chegada junto da forca a mulher tirou das amplas e protectoras dobras de sua mantilha uma lanterna furta-fogo e curvando-se, com os olhos abaixados para o chão, poz-se a andar em torno do patibulo e como a procurar algum objecto.... sonhado...

A misera sonhára achar... mas não achou uma
— *perpetua roxa*...

Achou.. vestígios de sangue que a terra absorvera...; finalmente, porém, achou... quasi um trapo... um pedaço de lenço branco e ensanguentado...

Perpetua, porque era ella, recolheu o pedaço de lenço e examinando-o á luz da lanterna, descobrio em um dos angulos as letras J. J. S. X. bordadas a seda...

Ella tinha bordado essas mesmas letras em um lenço do *Tira-dentes*.

Perpetua-Mineira beijou dez vezes o pedaço de lenço ainda humido de sangue, depois guardou-o no seio e sobre o coração.

Quasi logo apagou a lanterna, largou-a no chão e pôz-se a caminhar em retirada do campo do Rosario.

Mas então *Perpetua-Mineira* vacillava em sua marcha, e sentia-se extenuada de forças. E' que ella não se alimentava nem dormia desde 19 de Abril, e já ha uma hora tinha começado o dia 22.

A *saleta de pasto da rua do Ouvidor* não se tornou a abrir.

Desde a noite de 21 de Abril *Perpetua-Mineira* desapparecêra, e não se soube o destino que levára.

Houve quem dissesse que se encontrára na estrada de Minas-Geraes e junto de poste, onde se deixára exposto um dos quartos do corpo de *Tiradentes*, o cadaver de uma mulher.

CAPITULO VIII.

Como a *rua do Ovidor* ainda entra na historia da conspiração dos inconfidentes de Minas-Geraes por curioso episodio que se refere sob a denominação de episodio ou de *tradição da maçã*, que, plenamente provada; seria preciosa luz historica. Conta-se a viagem da maçã, que o coronel Francisco de Paula Freire de Andrade por triste e aborrido não quiz comer, e mandou-a ao vigario padre Toledo, que ao saboreal-a achou-lhe miolo muito melhor do que poderia ter imaginado. Terminada a tradição da maçã, diz-se emfim como o *Bello Senhor* teve de lembrar-se do conselho que Agostinho Fuas lhe dera na *rua d, Ovidor*, depois da segunda cêa na saleta do fundo da taberna de Manoel Gago, e como, escapando do degredo o *Bello Senhor* morreu pobre, e ignorado na cidade do Rio Janeiro.

Referindo no capitulo antecedente a tradição de *Perpetua-Mineira*, declarei positivamente que eu a encontrára completada nos meus *velhos manuscritos*; como estes, porém, não trazem nome de autor, nem

baséio em documentos suas informações, é claro que só me aproveitão para enfeitar estas *Memorias*; porque fôra abuso condemnavel expôr-me a falsificar a historia, dando por factos averiguados alguns devaneios de imaginação.

Podem severos criticos achar de máo gosto o meu repetido recurso aos velhos manuscritos; mas hei de teimar nelle: escrevo as *Memorias da rua do Ouvidor*, que em seu character de rua das modas, da elegancia e do luxo merece e deve ser adornada e adereçada condignamente.

Não vendo gato por lebre, desde que previamente declaro a origem e a natureza das tradições, que vou contando a salvar sempre a verdade historica.

Este cavaco serve de preambulo a uma outra e bem curiosa tradição, que pertence um pouco á *rua do Ouvidor*, e que seria, na hypothese de chegar por algum modo a averiguar-se, interessante episodio da historia da conspiração mineira, que ficou sendo chamada do *Tira-dentes*. É um episodio que eu chamarei da — maçã.

A tradição que passo ao conhecimento dos meus leitores não é das taes dos velhos manuscritos: ha sete ou oito annos passados eu a ouvi (como diversas informações sobre alguns inconfidentes) a um bondoso e intelligente fazendeiro de Minas-Geraes,

com o qual entretive passageiras, mas saudosas relações aqui no Rio de Janeiro.

O episodio me sorri, me agrada muito, porque vem apoiar o meu juizo sobre os motivos determinantes da *Carta Régia* de commutação da pena de morte em degredo para os verdadeiros e principaes chefes da conspiração mineira em 1789.

Não o mais illustrado, o principal chefe, porém da famosa conspiração foi por mais rico e mais prestigioso e influente na capitania o coronel *Francisco de Paula Freire de Andrade*, o qual era filho natural de *Gomes Freire de Andrade*, conde de Bobadella e de *D. Maria Corrêa de Sá e Benevides*.

Em outro tambem, como este, mesquinho trabalho litterario, dissimulei o nome da familia dessa senhora, chamando-a simplesmente *Maria de...*: eu podia proceder assim; porque o meu trabalho era e é *romance*, embora *historico*; mas o meu illustrado e excellento amigo o Sr. Joaquim Norberto de Souza e Silva, escrevendo a sua obra *O Tira-dentes*, declinou os nomes de baptismo e de familia da mãe do coronel *Francisco de Paula Freire de Andrade* com o seu indisputavel direito e severo dever de historiador; posso, portanto, fazer o mesmo nestas *Memorias*, sem inconveniencia alguma.

O coronel *Francisco de Paula Freire de Andrade*,

cabeça da conspiração, pertencia, pois, embora filho natural, pelo lado materno, á familia *Corrêa de Sá e Benevides*, e pelo paterno á dos *Freire de Andrade*, ambas nobres e de influencia na côrte de Lisboa, e que não se submettião á horrivel idéa de que *um dos seus* morresse na forca.

Principalmente os *Freire de Andrade*, cujo nome de familia o principal chefe da conspiração trazia de seu pai, ardião por saval-o da morte infamante.

Ora, diz a tradição, que ouvi, e é muito verossimil, que as duas familias e mais forte e activamente os *Freire de Andrade*, se empenhavão com insistente esforço por conseguir, *ao menos*, commutação da pena de morte para o *seu Freire de Andrade*.

D. Maria Corrêa de Sá, diz ainda a tradição, e é muito possivel, teve do conde de Bobadella *uma filha*, cujo nome não sube guardar, se o meu digno informante m'o revelou, do que não tenho certeza.

Essa senhora, a quem chamarei simplesmente *irmã do coronel Francisco de Paula*, era casada com um rico negociante portuguez estabelecido á *rua do Ouvidor*, perto da igreja da *Santa Cruz dos Militares*, e, apesar ou com ignorancia do marido, que *absolutista intransigente*, ou talvez temeroso do parentesco fraternal da esposa, maldizia por toda a parte dos perversos *inconfidentes*, e do *cunhado* ainda mais que

dos outros, ella entretinha correspondencia cautelosa, mas sollicita, com os *Freire de Andrade* de Lisboa, interessados em favor de seu irmão.

Em 1791 a amorosa irmã do coronel Francisco de Paula recebeu, em carta vinda de Lisboa, a communição *confidencialissima* da carta régia de 15 de Outubro de 1790, commutadora da pena de morte; mas *carta régia* que ficaria guardada em absoluto segredo, até que a *alçada* lavrasse no Rio de Janeiro a sentença de morte dos réos.

A excellente irmã radiou jubilosa; mas o jubilo nunca é perfeito no coração humano.

Francisco de Paula, em seu carcere subterraneo da *ilha das Cobras*, vivia atormentado pelas sinistras apprehensões da forca.

A forca era o pesadelo horrivel que o anciava no somno de suas noites lugubres.

Mas o segredo da carta régia era condição que, desrespeitada, podia annullar a *graça* a tanto custo obtida.

A piedosa irmã não teve força bastante de animo para guardar a noticia *confidencialissima* com tão apurado zelo que resistisse ao empenho ardente de consolar o coronel Francisco de Paula, varrendo-lhe do espirito as horriveis idéas apprehensivas, não da morte, mas da ignominia da forca.

Como, porém, transmittir ao irmão aquelle segredo melindroso, e cuja quebra e arriscada propagação seria crime, e crime fatal?...

A mulher, que tem ás vezes artes do diabo, tambem ás vezes admira por travessuras e inspirações de anjo.

O coronel Francisco de Paula Freire de Andrade estava preso e incommunicavel em um dos carcereos subterraneos da *ilha das Cobras*, assim como os outros réos da conspiração mineira; mas cada qual delles em prisão separada e sem communicação com os outros. Sabião todos elles que mais ou menos vizinhos se achavam; mas só algum mais alto gemido por ventura alguma vez chegava ao ouvido da irmã-victima em masmorra mais proxima. Estavão juntos, e mais do que nunca separados.

A' excepção dos agentes da justiça e dos carcereiros muito observados, só penetrava até cada um dos incondentes um padre incumbido de exortal-os religiosamente e de ouvir-os em confissão.

Mas o governo do vice-rei tinha errado na escolha do padre, porque o padre escolhido era bom e piedoso.

Ou por feliz acaso ou por amoroso artificio, a irmã do coronel Francisco de Paula tomára esse mesmo padre por seu confessor e director de cons-

ciência, e aos poucos o foi commovendo tanto com as suas lagrimas pela desgraça do irmão, que acabou, tendo nelle innocente e apiedado intermediario, que lhe trazia noticias do estado de saude e das esperanças e temores do animo do triste encarcerado.

A protecção do padre limitava-se exclusivamente a essas pobres consolações: além dellas nunca uma carta, nem informações sobre a devassa, nem sobre o carcere, onde Freire de Andrade estava preso.

O padre zelava á risca o segredo imposto relativamente aos infelizes inconfidentes guardados nas prisões subterraneas da *ilha das Cobras*.

A irmã do coronel Francisco de Paula, que recebêra de Lisboa um pequeno caixote de lindas maçãs, escolheu dentre ellas uma, e com finissimo canivete, e com a mais apurada delicadeza abriu no fundo da parte mais concava da fruta subtil entalha, sacando pequenino batoque pyramidal: pela abertura feita assim excavou um pouco a fruta, e nesse vão escondeu uma tirazinha de papel, na qual escrevera: « Com certeza commutação da pena de morte na ultima hora », e com a mesma delicadeza e finura adaptou o batoquezinho perfeitamente seguro e de modo a illudir o homem mais ladino.

Sem duvida aquella doce e extremosa irmã

talhou dez ou vinte maçãs antes de chegar á ultima, em que se applaudio da perfeição da sua obra.

No outro dia a commovida e commovente senhora pediu chorando ao padre seu confessor o caridoso e innocentissimo favor de levar uma maçã, que lhe apresentou, a seu infeliz irmão.

O padre, coitado, chorou tambem, recebendo a maçã, e no mesmo dia entregou-a ao coronel Francisco de Paula, a quem fôra consolar e exhortar no sombrio carcere.

— Obrigado mil vezes, meu padre!... disse-lhe o preso beijando-lhe as mãos; obrigado!... rogo-lhe que agradeça por mim á minha triste e amada irmã... e que lhe deite a sua benção... ah! meu padre!... abençõe minha irmã... abençõe-a!...

Mas quasi logo accrescentou:

— Ah!... outros, a quem arrastei para a desgraça, merecem mais do que eu consolações e doces lembranças de amizade. Meu padre! complete a sua obra de commiseração e de piedade catholica: leve e dê esta maçã ao meu infortunado amigo e companheiro de adversidade, o Sr. vigario Toledo.

O pedido do coronel Francisco de Paula foi satisfeito, e horas depois o vigario padre Toledo, que recebera e guardára a maçã, ao partil-a achou dentro

da fructa a preciosa tirazinha de papel annunciadora de muito consolador *mal menor*.

A maçã não produzio os effeitos com que calculára a senhora sagaz.

O padre Toledo incommunicavel, como os outros inconfidentes presos, não pôde transmittir nem a Freire de Andrade, nem a algum dos outros réos e amigos a noticia que por acaso lhe chegára.

Elle e outros padres inconfidentes, graças a seu character sacerdotal, forão poupados á pena de morte na sentença da alçada, e, portanto, não entrando para o *oratorio* na noite de 20 de Abril, o padre Toledo tambem não pôde ahi passar aos companheiros de infortunio a alentadora *certeza*, que lhe levára a maçã.

O coronel Francisco de Paula Freire de Andrade passou no *oratorio* a noite de 20 para 21 de Abril com um frade franciscano ao lado a preparam-o para morrer constricto e resignado na forca algumas horas depois, e sómente na manhã de 21 de Abril (o que é historico, e incontestavel) foi-lhe intimada ou declarada a commutação da pena de morte em degredo para as *Pedras de Ancoche*.

A tradição, que acabo de reproduzir tão fielmente como a ouvi ao fazendeiro de Minas-Geraes, não é inverosimil, e nem foi communicada {com

pretenções de que real e positivamente se dera o *episodio da maçã*.

Mas, verdadeira ou imaginaria, a tradição pertence um pouco á *rua do Ouvidor*, pois que de uma de suas casas se diz ter sahido a *maçã*.

E para mim, se fosse verdadeiro o episodio, seria base solida, e ainda não o sendo a crença popular que lhe deu origem, o faz argumento conjectural para meu juizo sobre os motivos que determinárão a carta régia de 15 de Outubro de 1790.

Graças á sua influencia e aos seus empenhos as familias Freire de Andrade e Corrêa de Sá e Benevides conseguirão em Lisboa que não tivesse de morrer na forca o inconfidente que era um dos seus; esse, porém, o coronel Francisco de Paula, era o chefe principal da conspiração, e para que lhe fosse commutada em degredo a sua pena de morte, tornou-se moralmente indispensavel estender a graça a todos os outros chefes e complices, *excepto o caso* (diz a carta régia) *de ser isso inadmissivel* (a pena de morte) *pela atrocidade do crime*.

Por esse triste *excepto o caso*, foi enforcado e esquartejado o *Tira-dentes*, que era apenas *inconfidente* complice de segunda ordem, e até pouco recebido nas reuniões e conselhos secretos dos chefes principaes; a alçada, porém quiz dar *lição e exemplo ao*

povo e portanto mandou enforcar o *Tira-dentes*, o qual por isso mesmo, de pequeno que era, ficou sendo gigante.

Eu peço perdão deste deslocado intromettimento de apreciação de um ponto de historia patria, que é desculpavel por costume de officio.

Agora dou nó de emenda na linha destas *Memorias*.

Em 1801 o conde de Rezende chegou ao termo do seu atrabiliario e aborrecido vice-reinado, entregando o governo a D. Fernando José de Portugal, mais tarde conde de Aguiar.

O povo saudou o novo vice-rei com a esperanza e alegria de quem respirava livre de violenta oppressão, e de povo que não era velho de Syracusa.

D. Fernando José de Portugal, que esteve longe de merecer comparar-se com o marquez de Lavradio e com Luiz de Vasconcellos e Souza, foi, todavia, muito considerado e applaudido em seu governo suave pelo contraste com o abominavel do seu successor.

Mas no vice-reinado de D. Fernando José de Portugal a *rua do Ouvidor* teve de lamentar a dura e amargurada, porém merecida sorte do seu heroe da tradição do fundo da taberna á quina da rua dos Latoeiros.

O *Bello Senhor*, abusando de sua extraordinária mestria calligraphica, depois de cem falsificações travessas e que passarão impunes, dobrando de ousadia, escreveu e formulára falso testamento de homem rico e finado na capitania de Minas-Geraes, onde aliás elle (o falsificador) nunca tinha ido, e nunca em vida conhecêra o supposto e mentido testador.

Com as letras a imitar á vista, o *Bello Senhor* vendido a aspirantes herdeiros de grande parte da fortuna do rico Mineiro, que não deixára testamento, arranjou um falso, imitando perfeita e admiravelmente a letra do tabellião de Minas, a do testador, e as das diversas testemunhas!...

O crime foi denunciado e provado, e o *Bello Senhor* preso, processado e condemnado a degredo para Angola, ou algum outro ponto de Africa, e, episodio celebre, quasi que escapou da cadeia um dia com aggravação do seu crime, apresentando ordem de soltura escripta e assignada pelo vice-rei, cuja letra falsificára!...

O *Bello Senhor* soffreu então muito, e por certo que teria maiores e infelizmente justificados rigores no degredo que merecêra pelo seu crime; e tambem por certo que muitas vezes teve de lembrar-se do conselho que lhe dera Fuas na *rua do Ouvidor*, depois da ceia e das apostas que ganhára.

De que modo, com que arte, mercê de que alta protecção escapou o *Bello Senhor* ao degredo, e ficou vivendo solto e livre na cidade do Rio de Janeiro, não o posso dizer; com certeza, porém, esse homem de notavel intelligencia desaproveitada e corrompida, e de sorprendente habilidade calligraphica, esse homem tradicional acabou, morrendo na cidade onde tanto bem e mal se celebrisára, na mais completa pobreza, e, por castigo da má celebridade, esquecido de todos.

Tão esquecido realmente que tendo sido um dos heróes da *rua do Ouvidor*, e celebridade calligraphica (infelizmente manchada pelo crime), ainda não achei quem me informasse sobre o dia ou anno de seu nascimento, nem quem se lembre do anno em que elle morreu.

E todavia o *Bello Senhor* foi curiosa personagem de *hontem* !...

O capitulo oitavo destas *Memorias* deve precisa e forçosamente findar aqui; porque eu imagino que *a rua do Ouvidor* está se vestindo e se enfeitando para assistir á chegada da familia real portugueza, que de Lisboa embarcara para o Rio de Janeiro, fugindo ás aguias de Napoleão Bonaparte.

CAPITULO IX.

Como a 8 de Março de 1808 a *rua do Ouvidor* assistio mettida nos cantos á passagem da familia real portugueza que nesse dia desembarcou na cidade do Rio de Janeiro: lembra-se o edital do intendente geral da policia o conselheiro Paulo Fernandes, mandando acabar com as *rotulas e gelosias* dos sobrados. Trata-se da carta régia que abriu os portos do Brazil ao commercio das nações amigas, e diz-se como os inglezes forão os primeiros á aproveitar-se della, e alguns se estabelecerão na *rua do Ouvidor*, e refere-se um episodio da vida do *irmão Joaquim*, que indica bem o medo que se tinha de Napeleão. Como a *rua do Ouvidor* ainda vivia tão modesta, que de 1808 a 1818, periodo riquissimo de festas e illuminações só uma vez foi lembrada; mas sendo ainda festeira de pouca despeza, e nos pomposos espectaculos de 1818, em que se ostentárão soberbissimos carros de triumpho, ella não se representou nem mesmo em sege de alu-guel. Como firmada a paz geral em 1815, e elevado o Brazil á reino em 1816, entrárão neste os Francezes com o pé direito, vindo engajada para o Rio de Janeiro uma colonia de artistas, aos quaes deveu seu berço a nossa *Academia das Bellas-Artes*. Mostra-se que a *rua do Ouvidor* não ganhou com a colonia artistica; porque não era de *francezes*, era de *francezas*, que o seu esplendor tinha de provir; e emfim remata-se este

capitulo massante com a tradição veracissima da primeira franceza que teve *nomeada* e residencia, aliás ephemeras, no Rio de Janeiro.

Vestida de festa e toda adereçada na tarde de 8 de Março de 1808 para assistir á entrada da familia real portugueza na cidade do Rio de Janeiro, a *rua do Ouvidor*, ficou todavia no *canto* ou nos *cantos*.

O principe regente D. João e a familia real desembarcárão no caes do *largo do Paço*, atravessárão esta praça, seguirão pela rua Direita, e tomárão pela do Rosario para ir na igreja desta santa invocação, que era ainda então a da Sé apesar de ser a dos *pretinhos*, render graças a Deus.

Numerosissimo concurso official e popular precedia e acompanhava ao principe-regente e á familia real transmigrantes de Lisboa; multidão immensa estacionava, movia-se, ou precipitava-se curiosa e entusiasmada, e a *rua do Ouvidor* antemurada por enchentes de povo nas duas entradas que abre para a rua Direita, teve de ficar nesses *dous cantos* durante a festiva passagem, e tão no *canto* se achou, que nenhum dos principes indiciou ter idéa da sua existencia, voltando para ella os olhos. Todos elles

imitando D. João sómente demorárão os passos, contemplando a bella igreja da Santa Cruz dos Militares.

E' que a *rua do Ouvidor*, ainda não recebia cartas pelo correio, e só uns tres lustros mais tarde começou á fazer bulha na cidade, cabendo-lhe apenas sua partilha no progresso e melhoramentos geraes que a nova capital da monarchia portugueza recebeu em vasta escala nessa época transcendente que, sem o calcular, Napoleão Bonaparte abriu para o Brazil, mandando invadir Portugal.

Assim logo em 1809 a *rua do Ouvidor* como todas as outras da cidade, melhorou muito o aspecto de suas casas, obedecendo ao *edital* de 11 de Junho. mandado affixar pelo intendente geral da policia o conselheiro Paulo Fernandes Vianna, ordenando a abolição das *rotulas e gelosias dos sobrados*.

O Marquez de Lavradio tinha, como já ficou dito, acabado com os *peneiros* das portas das casas, costume grosseiro, quasi selvagem; o conselheiro Paulo Fernandes, intendente geral da policia, fulminou as *rotulas e gelosias* dos sobrados, costume quasi barbaro e de raiz mourisca; nem todos, porém, temêrão-se do raio policial; muitas casas resistirão á reforma decretada pela civilisação, sómente aos poucos forão despedaçando suas *rotulas e gelosias*, e ainda hoje se conservão, anachronicos, mas

agora curiosissimos exemplares daquellas casas antigas, por exemplo, em frente á porta principal da alfandega.

Não é perder tempo dar ligeira idéa das taes *rotulas e gelosias*, sob os pontos de vista material e moral.

Em vez de verdadeiros balcões tinham os sobrados engradamentos do madeira de maior ou menor altura, e com *gelosias* abrindo para a rua; nos mais severos porém, ou de mais *pureza de costumes* as grades de madeira erão completas, estendendo-se além da frente pelos dous extremos lateraes e pela parte superior, onde attingião a altura dos proprios sobrados, que assim tomavão feição de cadeias. Tambem nessas grandes rotulas ou engradamentos se observavão as *gelosias*, e rentes com o assoalho pequenos postigos, pelos quaes as senhoras e escravas, debruçando-se, podião ver sem que fossem facilmente vistas, o que se passava nas ruas.

As *rotulas e gelosias* não erão *cadeias* confessas, positivas; mes erão pelo aspecto e pelo seu destino grandes *gaiolas*, onde os pais e maridos zelavão sonegadas á sociedade as filhas e as esposas.

A hygiene, a architectura, o embellezamento da cidade exigião a destruição das malignas e feias *gaiolas*.

E a *rua do Ouvidor* devia ser prompta, como foi, em dar cumprimento ao edital de Paulo Fernandes, porque *rotulas e gelosias* destinadas a esconder á força o bello sexo, devião ser immediatamente banidas da *rua* que não tarde tinha de tornar-se por excellencia de exposição diaria de elegantes e honestissimas senhoras, e infelizmente tambem de andorinhas que por alli fazem verão.

Em 1808 a *rua do Ouvidor* já tinha entrada na ordem das commerciaes ; mas o commercio apenas a conquistára até pouco além da rua da Quitanda, e d'ahi para o largo de S. Francisco de Paula, á excepção das tavernas em algumas das quinas da rua, e de uma ou outra modestissima officina, todas as casas erão de morada de familias alheias ao mister mercantil e industrial.

A carta-régia de 28 de Janeiro de 1808 lavrada na cidade de S. Salvador da Bahia ; onde arribára entre outros navios, a capitania, na qual vinha o principe-regente D. João, franqueou os portos do Brazil ao commercio da Inglaterra, e das potencias em paz com a corôa de Portugal, sob a imposição unica de vinte e quatro por cento de direito de importação.

Essa grandiosa providencia que pôz termo a condição colonial do Brazil, foi energica e impiedosa-

mente combatida no Rio de Janeiro, pelo explicavel egoismo de alguns ricos commerciantes portuguezes; e por fidalgos influentes na Côrte, que os apoiarão; fulminou-os porém na imprensa régia em magistral opusculo o sabio economista brasileiro José da Silva Lisboa (ulteriormente visconde de Cayrú) e ainda mais nos conselhos do principe-regente o celebre ministro e estadista conde de Linhares.

A carta-régia de 28 de Janeiro de 1808 vingou, e necessariamente havia de vingar, e quem *logo e logo* se aproveitou da *abertura dos portos do Brasil ex-colonia*, foi, nem era preciso dizêl-o, foi a Inglaterra.

E immediatamente... que duvida!... abriu-se a porta, ella entrou celere; porque, depois da entrada, não havia mais despedida possivel.

No mesmo anno de 1808 negociantes da Inglaterra organisarão companhia, interessando-se na exportação de mercadorias para a cidade do Rio de Janeiro, e outras principaes do Brasil, e além de seus socios, alguns outros Inglezes, independentes da companhia, vierão desde o mesmo anno de 1808 estabelecer casas de commercio nessas cidades.

No Rio de Janeiro a *rua do Ouvidor* foi uma das primeiras a ter *casas* ou estabelecimentos de negociantes inglezes, lojas de louça, de *fazendas* ou pan-

nos tecidos, e enfim de commercio de importação e de exportação de generos recebidos da Inglaterra e mandados do Brasil, e portanto antes de ouvir dizer *monsieur* e *sacre nom de Dieu* ouviu repetir *mister* e *goode-mi* e comeu batatas inglezas antes de comer *petit-pois*.

Ainda era cedo para a vinda de francezes então internacionalmente escommungados por terem invadido o reino de Portugal.

Os Francezes erão odiados como demonios, e a despeito do espaço immenso do Atlantico se impunha tão aterrador lá de longe na Europa o vulto homerico de Napelão, que (conforme o diz em suas *Memorias* o padre Luiz Gonçalves dos Santos) um dos motivos da criação do lugar de *Intendente Geral da Policia* foi a necessidade de elevado e activo chefe policial que obstasse e punisse (no Brasil!!!) a acção perigosa de *espiões* e de agentes francezes.

Era medo pueril!... mas ninguem ignora que o famoso Bonaparte chegou a passar por feticheiro, e por ter pacto com o diabo na opinião da gente rude, que o teve por inimigo em guerras horriveis.

Certo é que no Brazil houve recommendações insensatas contra a sonhada espionagem franceza, e a me:hor prova disso está no seguinte factó passado com o celebre *irmão Joaquim*, o S. Francisco de Assis brasileiro.

O *irmão Joaquim*, que á pedir esmolas já tinha fundado importante *hospital* em Santa Catharina, e grande *seminario* dos orphãos pobres na Bahia, andava esmolando pelas capitancias do Rio de Janeiro e de S. Paulo para fundar instituições semelhantes á que deixára na Bahia para soccorro dos orphãos e meninos desvalidos.

Tendo feito boa colheita de esmolas em S. Paulo, achava-se um dia o *irmão Joaquim* á beira da estrada em sitio deserto dessa capitania, descansando sentado á sombra de frondosa arvore, e de lapis e papel nas mãos traçava, improvisado architecto, grosseiro desenho de seminario, que hia em breve criar, quando alguns soldados, e caipiras que passavão, forão a elle, julgarão-no suspeito, reputarão o *desenho do seminario* talvez plano de marcha de algum exercito invasor em *riscos topographicos*, e em summa prenderão e amarrado conduzirão para o Rio de Janeiro o venerando *irmão Joaquim*, como espião e agente de Bonaparte!...

No Rio de Janeiro, Paulo Fernandes, o intendente geral da policia, ou ficou sorprendido, ou nadou em alegria ao annunciarem-lhe a prisão e chegada do espião francez, e ordenando logo, que lh'o apresentassem, ao ver entrar na sala o esperado criminoso, saltou da cadeira, exclamando :

— O irmão Joaquim!...

E com suas mãos ajudou a desatar as cordas que arrojavam os pulsos da innocente victima, e sem perder tempo em interrogatorios inuteis, chamou a esposa e a familia, e entregou aos seus cuidados amigos, aos bons officios da veneração mais justificada o martyr do erro mais grosseiro, o *irmão Joaquim* o homem santo, o S. Francisco de Assis brasileiro.

Assim pois de 1808 até o fim da guerra geral da Europa, ou até ser encadeado aos rochedos de Santa Helena o novo Prometheu que se chamou Napoleão Bonaparte, fallar em francezes no Brazil era o mesmo que hoje em dia annunciar febre amarella.

Mas estava escripto que a *rua do Ouvidor*, que aliás já contava boas casas commerciaes portuguezas e inglezas, sómente havia de florescer e primar na cidade do Rio de Janeiro depois de tornar-se rua franceza.

Sabem todos que de 1808 a 1818 correu decennio quasi todo de festas officiaes e populares: chegada da familia real, anniversarios natalicios da rainha e do principe-regente, nascimentos e casamentos de principes, noticias de victorias alcançadas na Europa sobre os francezes, tudo era motivo para festas mais ou menos brilhantes.

Nas *Memorias* do padre Luiz Gonçalves dos San-

tos, a paciencia do leitor é posta em longa prova nas discripções circumstanciadas e miudas dos festejos e illuminações, sendo indicadas as *ruas* e ainda mesmo ns *casas*, que mais distinctas se mostravão em festiva ostentação, e a *rua do Ouvidor* apenas uma vez é lembrada, mas como se vai ver, foi festeira de pouca despeza.

No dia 16 de Dezembro de 1815 (anniversario natalicio da Rainha D. Maria I) foi por carta de lei erigido o *principado do Brazil á categoria de reino-unidº aos de Portugal e Algarve*.

O povo enthusiasmou-se no Rio de Janeiro com o grão de nobreza a que fóra elevado o Brazil, e o senado da camara em Janeiro de 1816 fez celebrar em acção de graças na igreja de S. Francisco de Paula solemne *Te-Deum*, ao qual, convidados, forão com apparatuso estado o principe-regente D João e os principes seus filhos D. Pedro e D. Miguel.

O padre Luiz Gonçaves, dá conta dessa festa com as minucias do seu costume em taes assumptos; mas o que importa para a *rua do Ouvidor* é que, depois de dizer como *o principe-regente e seus filhos o principe da Berra D. Pedro de Alcantara e o infante D. Miguel, precedidos por etc., e seguidos por etc.,* (nos et cæterá fica toda a descripção do grandioso estado) *sahirão do paço da cidade no magnifico coche*

real e pelas ruas Direita e do Ouvidor se fizeram levar para a igreja de S. Francisco de Paula, em transitio que foi triumphal, ostentando as portas e janellas de todas as casas uma muito brilhante decoraçào e encantadora vista: tudo estava coberto de sedas de differentes e matisadas côres, e as senhoras vestidas e toucadas com riqueza e gosto realçavão das janellas esta bella perspectiva!..... De todas as janellas especialmente da rua do Ouvidor cahião sobre o real coche innumeraveis flores que o cobrirão e juncarão a rua, etc.

Nesta informaçào eu noto (mas sem malicia alguma) o zelozo cuidado com que observou os vestidos, os toucados e o realce das senhoras o reverendo padre Luiz Gonçalves, que tão severo, rabujento e furente preconizador do celibato clerical se pronunciou annos depois, atacando o padre Feijó.

Em todo caso ahi ficou em Janeiro de 1816 a rua do Ouvidor dignamente representada por senhoras e por flôres na festa popular em honra da elevaçào do Brazil a Reino-Unido aos de Portugal e Algarve.

Senhoras e flôres!... que representantes legitimas de predestinado fulgôr!... mas a representaçào por senhoras que se vestião e toucavão sem vestidos nem toucados procedentes da rua do Ouvidor e por flôres que ainda então se obtinhão gratuitamente; porque não havia jardins de exploraçào industrial, deu á rua

hoje tão rica e famosa apenas brilho emprestado que bem poucas meias-moedas lhe custou.

Dous annos depois, em 1818, a *rua do Ouvidor* fez muda, mas patente a confissão de exiguidade de recursos, não se tornando distincta, nem mencionada nos extraordinarios espectaculos e festejos dados em honra da coroação do rei D. João VI e de proposito demorados para o ensejo do casamento do principe D. Pedro no mesmo anno celebrado.

As festas durarão tres dias, e além do mais que houve, e que foi muito, produzio singular effeito, o espectaculo dos *immensos e estupendos carros* que se ostentarão no circo preparado no *campo de Sant'Anna*, actual *praça da Acclamação*.

O *corpo do commercio* apresentou o soberbo carro de *Triumpho á Romana*.

Os *latoeiros e caldeireiros* disputarão primasia com o seu pomposo carro da *America*.

Os *ourives* celebrisarão-se com o carro do *Triumpho do Rio de Janeiro*.

Os *marceneiros, carpinteiros e pedreiros* distinguirão-se com o seu muito applaudido carro *Emblematico*.

Os *alfaiates e sapateiros* excedêrão a expectativa geral com o seu descommunal carro da *Barra do Rio de Janeiro*.

Ora, esses carros assignalavão (pelo menos alguns)

ruas distinctas; por exemplo: *o dos ourives* a rua do mesmo nome: *o dos latoeiros e caldeireiros* as dos *Latoeiros, da Alfandega, etc.*

E a *rua do Ouvidor* ainda era tão pobre ou tão bisonha, que não fez farofa nas festas de 1818, e nem mesmo consta que fosse a ellas em sege de aluguel!...

Mas era tempo!...

A carta de lei de 16 de Dezembro de 1816, elevando o Brazil á reino, foi considerada de tanta importancia politica, que o principe-regente D. João a fez solememente communicar aos governos das grandes potencias da Europa, recebendo em resposta felicitações e applausos.

Na cidade do Rio de Janeiro o corpo do commercio lembrou-se, bem inspiradamente, de festejar a elevação do Brazil á reino, offerecendo ao principe-regente o producto de expontanea e avultada subscripção pecuniaria para se fundar um *instituto de artes e sciencias* na capital do novo reino e então da monarchia portugueza.

O principe-regente aceitou o offerecimento e determinou a fundação de uma *escola real de sciencias, artes e officios* na cidade do Rio de Janeiro.

Escola de sciencias, artes e officios era universo a criar, mas ainda bem que, embora as *sciencias* e os *officios* ficassem de lado, vingárão as *artes*, pois que a sub-

scrição do commercio e a deliberação do príncipe-regente tecêrão o abençoado berço da nossa já gloriosa *Academia das Bellas Artes*, mãe de Porto-Alegre, de Victor Meirelles, de Pedro Americo e de outras justificadissimas ufanias do Brazil.

Mas em 1815 firmára-se no congresso diplomatico de Vienna a paz geral da Europa, e a França de Luiz XVIII tornada *potencia amiga*, teve tambem abertos os portos do Brazil para o seu commercio.

Entretanto os francezes ainda abatidos pela guerra, pela oppressão dos victoriosos invasores do seu opulento e arruinado paiz, e pelos trabalhos de sua regeneração economica, nem se lembravão talvez do Brazil.

Todavia tratando-se no Rio de Janeiro do Instituto das Artes, como a França gozasse fama [de florescente em Bellas Artes, o príncipe-regente, e logo rei D. João VI, mandou engajar escolhidos mestres francezes, pequena que foi grande colonia de artistas pelo merecimento real e provado de alguns delles.

A 26 de Março de 1816 chegarão esses artistas ao Rio de Janeiro, sendo os primeiros francezes que vierão estabelecer-se no Brazil depois da paz geral da Europa e dos tratados de Vienna d'Austria em 1815.

Os francezes entrarão pois com o pé direito e tres vezes com o pé direito no Rio de Janeiro.

Entrarão pelas portas da paz :

Entrarão trazendo por vanguarda celebre colonia dos artistas inobrecidos pelo seu merecimento.

Entrarão amigos quando ainda fervia o entusiasmo pela elevação do principado do Brazil a categoria de reino.

Entrarão, portanto, em regra, e tres vezes com o pé direito.

Todavia a *rua do Ouvidor* ainda teve de esperar cerca de cinco ou seis annos o começo de sua época de florescimento e de gloria, e para mim a razão é muito simples.

Não foi de *Francezas*, foi de *Francezes* a colonia artistica que chegou ao Rio de Janeiro a 26 de Março de 1816, e não era a palheta do pintor, nem o buril do estatuário, era sómente a thesoura das modistas que havia de levantar o monumento da *rua do Ouvidor*.

Tambem não me consta que algum daquelles artistas fosse morar á *rua do Ouvidor*, e que nella se estabelecessem alguns francezes negociantes que quasi logo os seguirão, e que abrirão de preferencia na *rua Direita* lojas de louça fina, de ornamentos de salas e de objectos de phantasia.

Eu ia fazer ponto final, quando lembrei que escrevi todo historico e positivo este capitulo IX das *Memorias da Rua do Ouvidor*, e tão positivo e tão sério que me parece que ficou medonho.

Pois bem, vou pôr-lhe um ligeiro appendice, embora estranho á *rua do Ouvidor*, dando, porém, noticia (hoje de poucos sabida) da *primeira franceza* que teve certa nomeada na cidade do Rio de Janeiro.

Em 1818, calculando talvez com as festas da coroação do rei e do casamento do principe, e precisando afastar-se da França, onde se arreceiava das disposições menos benignas do governo de Luiz XVIII, aportou á cidade do Rio de Janeiro e nella estabeleceu-se, vendendo ricos vasos ornamentaes de salões e de mezas de banquete, porcellanas finissimas e outros objectos de luxo, Mr. F. B. que acompanhára o imperador Napoleão em suas ultimas campanhas como official não sei de que patente, mas de *confiança privada*.

Mr. F. B. trouxe comsigo para a capital do Brazil Mlle. ou Mme. Aran... a qual pretendia com inconfessavel orgulho que o *grande homem* (então captivo em S. Helena) a achava encantadora, quando em campanha andava longe dos olhos da imperatriz Maria Luiza; e tambem Mr. F. B. com *orgulho*

igual dava testemunho do glorioso encantamento durante as campanhas.

Dizem-me septuagenarios e octogenarios informantes que Mlle. ou Mme. Aran... era realmente linda, e que attestava o bom gosto de Napoleão.

Mr. F. B. morava com a sua bella tutelada ou protegida não na casa de commercio; mas, em chacara fóra da cidade, e zelava-a menos como sultão, do que como eunucho especulador.

Correrão os mezes, e passou mais de um, quasi dous annos...

Mr. F. B. empenhava-se em vender todos os seus ricos vasos ornamentaes e finas porcellanas...

Mas... o rei D. João VI era velho, e só amava o luxo, e os ornamentos na igreja..

O principe D. Pedro era noivo, morava no palacio do rei, e ainda não comprava *objectos de luxo*.

Mr. F. B. desapontou com o caso, desesperou, e um dia disse em bom francez a Mme. ou Mlle. Aran...

— Não ha Napoleão no Brazil! voltemos para a nossa Pariz.

Mme. ou Mlle. Aran.. sorriu-se maliciosa e respondeu :

— Oh ! Napoleão só um... mas Bonapartes encontrão-se...

E como sonhadora pariziense accrescentou :

— Voltemos para a nossa bella Pariz.

E o casal de andorinhas que não fizera na capital do Brazil e da monarchia portugueza o verão calculado, bateu as azas... e foi-se.

Mas, Mme ou Mlle. Aran... a *primeira franceza* que teve nomeada na cidade do Rio de Janeiro não morou, nem deixou pennas de suas azas de graciosa andorinha na *rua do Ouvidor*.

O appendice *extra-muros* termina aqui.

CAPITULO X.

Como depois de se provar com a historia a antiga predilecção dos Francezes pelo Rio de Janeiro, vem a reconhecer-se que sómente ¶ entrando ¶ á sombra das *Francezas* podião firmar-se ahi. Como desde 1817 havia no Rio de Janeiro Francezes negociantes, e *Francezas* modistas, e nenhum e nenhuma na *rua do Ouvidor*, para a qual de subito e com apparente, mas não verdadeiro accordo fogem todas as *modistas*, e á *sombra* das *Francezas* logo negociantes Francezes. Como a época de florescimento e de gloria da *rua do Ouvidor* é mareada pela *hegira* das modistas *Francezas*, que espantárão e fizerão mudar-se da mesma rua os negociantes inglezes; refere-se a tradição (não bem averiguada) de Mr. (mister!...) Williams e de Mlle, Lucy. Como, emfim, a rainha — *Moda de Pariz* — enthronisa-se na *rua do Ouvidor*, que se alinda e respnde e encanta a sociedade fluminense com o prestigio das *vidraças*, cuja importancia se demonstra. A *rua do Ouvidor* entra nos grandiosos horizontes do seu imperio da *Moda*.

Os Francezes tiverão sempre manifesta predilecção pelo Rio de Janeiro.

Em 1555 occuparão a grandiosa bahia de Nittherohy, fundarão colonia, projectarão a *Henry-ville*; sonhãrão com a sua *França Antarctica*: mas depois de muito brigar forão em 1567 lançados pela *barra-fóra* pelos Portuguezes.

Em 1710, capitaneados por Duclerc em atrevida expedição, desembarcãrão na Guaratiba e avançãrão por terra a conquistar a cidade; mas, combatidos e atropellados por estudantes e populares (porque o governador Francisco de Castro Moraes se conservava no quartel da saude) mettêrão-se, emfim no *trapiche da cidade*, onde se entregãrão todos prisioneiros, ou forão todos *apprehendidos*, como fazenda de contrabando.

Em 1711, commandados por Duguay-Trouin, forçãrão com poderosa esquadra a barra do Rio de Janeiro, e, graças á incapacidade e covardia daquelle mesmo governador, occupãrão no fim de poucos dias a cidade, que as tropas, e atrás dellas todos os habitantes, em uma noite abandonãrão; mas, depois de saque geral dos conventos, das igrejas e das casas, desconfiando, com razão, de subseqüente fortuna contraria, restituirão a Sebastianopolis a preço de contado por desbriosa (não para elles) transacção que se chamou *resgate*, e puzerão-se ao fresco, antes que os despedissem a fogo.

Um seculo e cinco annos mais tarde, em 1816, vierão os artistas francezes; creio, porém, que M. Le Breton com elles nunca chegaria a plantar predominante influencia franceza no Rio de Janeiro, como não o conseguirão Willegaignon e Bois-le-Conte de 1555 1557, nem Duclerc em 1710, nem Duguay-Truin em 1711.

O facto veio demonstrar que os *Francezes* só podião firmar-se na cidade do Rio de Janeiro entrando nella á sombra das *Francezas*.

E as *Francezas* começãrão a chegar e a estabelecer-se com a denominação de *modistas* nas ruas *Direita, dos Ourives, do Cano* (hoje *Sete de Setembro*) em 1818, 1819 e 1820.

Caso celebre!... nem uma na *rua do Ouvidor*!... e com certeza nem um Francez nessa mesma rua, que aliás já tinha casas inglezas.

As *Francezas* erão *modistas*; fallava-se com louvor de uma ou de outra; ellas, porém, vivião separadas, não tinhão *autonomia*, erão elementos dispersos, emigrantes de Pariz, sem colonia organizada, Parizienses sem Pariz, emfim.

De subito, e como de plano, mas sem que o tivessem concertado pronunciou-se, de 1821 a 1822, a *hegira das modistas francezas* para a *rua do Ouvidor*. Quem foi a primeira a ir tomar alli seu

posto?... Não sei ao certo; creio, porém, que foi *Mlle. Josephine*, de quem me occuparei opportunamente.

O facto é que no fim de tres ou quatro annos quem queria entender-se com alguma *modista franceza* ia á *rua do Ouvidor*, que entrou em sua época de florescimento, de encantamento, de espavento e de esbanjamento, marcada pela *hegira*, como a éra de Mahomet, o inventor das *houris* e do *paraíso* endemoninhado por todas as tentações imaginaveis.

Que razão levou as modistas francezas a desertar, a fugir (*hegira*) da *rua Direita*, então a principal e mais rica do commercio, e da dos *Ourives*, nesse tempo e ainda muitos annos além toda de prata, de ouro, de esmeraldas e de brilhantes, para a *rua do Ouvidor* ainda relativamente obscura?...

Que o expliquem os sabios da Escriptura: eu não o sei, e apenas tenho para mim que foi mesmo — *predestinação*.

E após as modistas, á sombra das Francezas vierão quasi logo Francezes abrir, na mesma *rua do Ouvidor*, lojas de fazendas e de objectos de modas, para senhoras e homens, de perfumarias, de cabelleiros, etc.

Facto curioso, observação positiva, e que faz vontade de rir: os negociantes portuguezes que

havia na *rua do Ouvidor* não se incomodárão com a invasão franceza; os inglezes, porém (aliás muito poucos), forão desertando, de modo que, no fim de seis annos, a poderosa Albion não teve mais alli um unico representante.

Asseverão que o antagonismo internacional fôra a causa principal da retirada dos Inglezes.

Fallando-me sobre esta pelo menos apparente ou suspeitosa repugnancia ingleza á vizinhança dos Francezes, um amigo, chronica viva daquelles tempos, contou-me o seguinte caso, que eu não dou por averiguado, e que sómente reproduzo para mitigar a monotonia deste capitulo.

Diz o meu informante que o primeiro subdito de S. M. Britannica que se mudou ou fugio da *rua do Ouvidor* fôra um negociante que alli tinha loja ou deposito de calçado exclusivamente inglez.

O verdadeiro nome deste homem não ficou lembrado. Chama-lo-hei *Williams*.

Mr. (*mister*) Williams já quinquagenario, era alto, magro, ossudo, de rosto branco e um pouco pallido, de cabellos ruivos usados muito curtos, e de barba sempre diaria, total e perfeitamente feita: e, o que mais importa, era honrado, muito grave, celibatario, de costumes severos, Inglez ante-Francez até á medula dos ossos, e excentrico e original-

Desde que se pronunciou a invasão franceza, Williams fez sentir aos *patricios* o seu aborrecimento áquella gente vil e insolente; vil, porque comia mais verduras do que batatas, e insolente, porque multiplicava em suas lojas retratos e bustos de Napoleão, sem apresentar um só busto, nem um só retrato do Duque de Wellington.

A zanga britannica de Williams augmentou com o estabelecimento de uma loja de modista franceza defronte da sua, causando-lhe, sobretudo, horripilações e revoltas do animo honestissimo Mlle. Lucy, joven Pariziense e costureira da loja, de procedimento leviano, travesso, e provocador de namoradas liberdades.

Williams detestava Mlle. Lucy, e Mlle. Lucy, que o percebeu, vingava-se, sorrindo marotinha para elle, de cada vez que podia encontrar-lhe os olhos.

E era certo um sobr'olho cerrado, ou algum gesto de reprovação e de desprezo, em resposta ao sorriso da joven costureira, a quem isso mesmo divertia.

Um dia entrou na loja de calçado um homem de sério exterior, e disse a Williams com o mais simples e innocente modo:

— *Monsieur*, quero escolher *sapatos*.

Erão de uso os sapatos abotinados inglezes; mas o irreflectido comprador, entrando em loja de rua já afrancezada, tratára Williams por *monsieur*.

Williams impertigou-se e respondeu de mão modo :

— *Monsieur* é tratamento de Francez; eu ser Inglez, que se trata *mister*; tu vem enganada.. sapato francez não entra neste casa. Vai adiante.

E voltou as costas ao homem, que viera comprar calçado e sahio resentido da injusta descalçadeira.

Infelizmente para Williams, Mlle. Lucy, que então passava, observou a scena, e em parte por vingança de Franceza, em parte por gosto de zombaria, determinou atormentar o Inglez.

E logo no mesmo dia e nos cinco ou seis seguintes Mlle. Lucy, sempre que sahia da loja onde trabalhava, ou para ella vinha, passava pela frente da loja do Inglez, e dizia alto com sua voz argentina, e sorrindo com agrado malicioso :

— Bon jour, Mr. Williams !

— Bon soir, Mr. Williams !

E isso, mas só isso repetidas vezes em cada dia.

Williams encolerisava-se; franzia as sobranceiras; mas, grave Inglez que era, não podendo maltratar com palavras uma mulher, não respondia nunca á joven costureira franceza.

Mlle. Lucy, encorajada pela paciencia do Inglez, entrou na loja de calçado, sentou-se sem-ceremonia em uma cadeira baixa, e disse, como costumava :

— Bon jour, monsieur Williams !

O Inglez, severo e pudico, respondeu pela primeira vez, corando fortemente e com voz tremula pela ira:

— Non comprehende *nada francez*...

Mlle. Lucy, fingindo não perceber a indignação do Inglez, avançou um dos pés, mostrou-o todo, e continuou dizendo, ou antes, perguntou em portuguez mal pronunciado:

— *Monsieur* William, tem na sua loja sapatinho para meu pé?...

O Inglez, instinctivamente, ou por habito de officio, fitou os olhos no pé que estava exposto; mas immediatamente voltou-se e exclamou, retirando-se para o fundo da loja:

— Non! procura calçado francez! deixa minha casa!

Mlle. Lucy sahio a rir, dizendo somente ao retirar-se:

— Bon jour, *monsieur* Williams!...

O Inglez estava furioso; mas, apesar da furia, na lembrança lhe ficára o pé de Mlle. Lucy.

Não era *pé* verdadeiramente francez, era-o antes de Hespanhola, ou melhor, de Brasileira: pé delgado, pequenino e de suaves proporções.

Realmente Williams não tinha sapatinhos para aquelle *pé* mimoso na sua loja de *calçado inglez*.

E a convicção de que não havia *miss*, nem *lady*,

que não havia, emfim, Ingleza que tivesse pés como aquella que Mlle. Lucy mostrára, exacerbava a colera de Williams.

Mas o lindo pé da costureira franceza ficára perfeitamente medido na memoria, e encantadora e infelizmente representado nú, branco, delgado, pequenino e delicadissimo na imaginação do severo e pudico Inglez, que aborreceu muito mais Mlle. Lucy por ser possuidora daquelle thesouro, que nenhuma ingleza poderia ostentar.

E a travêssa Franceza continuou a entreter-se, repetindo por vezes cada dia as suas doces e zombeteiras saudações — *Bon jour* e *Bon soir, monsieur Williams!*

Na tarde de um domingo. em que sahira a passear, Mlle. Lucy, achando Williams a meditar, sentado em um dos bancos da bella varanda do *Passeio Publico*, tomou, sem que fosse sentida, assento junto d'elle, e arrancou-o á meditação, murmurando-lhe ao ouvido :

— Monsieur Williams sonha com Mlle. Lucy...

Williams levantou-se rapido, como a um choque electrico, e retirou-se logo, e gravemente, sem voltar os olhos para a zombeteira Franceza.

Mlle. Lucy tinha quasi adivinhado.

O severo Inglez estava, com effeito, pensando,

não nella, mas no lindo pé que ella tinha mostrado a pedir um sapatinho.

A costureira era bonitinha de rosto e graciosa de figura ; Williams, porém, não lhe achava nem bouiteza nem graça, tinha-a em reprovação por leviana, em aborrecimento pela insistente zombaria das saudações em francez, e todavia a lembrança do *pésinho* ia aos poucos atordoando-o.

Mlle. Lucy, esperta e habil, percebeu alguma alteração nos modos do Inglez, e, ou por calculo, ou em requinte de abusiva mofa, desfez-se em requibros, fingindo-se amorosa ; mas perdeu uma semana sem conseguir o mais leve signal de affeição.

A Franceza empregava em vão o seu *francez* e não comprehendia o *inglez*.

Veio-lhe a luz em um dia de chuva.

Durante a noite e madrugada chovêra a cantaros : a *rua do Ouvidor*, intransitavel até ás sete horas da manhã, ainda estava mais ou menos enxarcada ás oito horas, em que Mlle. Lucy pôde incommodamente acudir ao seu trabalho na loja da modista.

A costureira vinha andando cuidadosa, e para poupar o mais possivel os vestidos, arregaçava-os um pouco, deixando completamente expostos os

pés, e, vendo Williams á porta de sua loja de calçado, disse-lhe, como já de costume o fazia :

— Bon jour, *monsieur* Williams !...

O enfezado inglez não respondeu, e voltou o rosto carrancudo; Mlle. Lucy, porém, notou que, ainda voltando o rosto, Williams cravara, embebera olhos ardentes, cubiçosos, attonitos em seus pés *mignons*.

— *Eureka* !... disse consigo a maliciosa e endemoninhadinha Franceza.

E desde então, de cada vez que vinha para a loja, ou sahia, Mlle. Lucy, dizendo — *Bon jour, ou bon soir, monsieur Williams* !.. com suas mãos brancas e pequeninas arregaçava os vestidos tanto quanto era preciso para deixar ver os *pés*.

Williams perdeu de todo a cabeça.

Paixão original, excentrica, desassisada embora, Williams ardeu em paixão pelos pés de Mlle. Lucy, a quem aborrecia, e julgava leviana e até feia, principalmente por ser Franceza.

Uma noite o severo Inglez chegou a carregar uma pistola para suicidar-se ; mas não se matou ; porque não achava então meio pratico de cahir e expirar abraçando os pés de Mlle. Lucy.

No outro dia, obedecendo a melhor conselho, alugou casa em rua muito apartada da do *Ouvidor* e na manhã seguinte achava-se mudado.

Foi este o primeiro *negociante inglez* que desertou da *rua do Ouvidor*, invadida por Francezes.

Mas o meu informante completa esta tradição, que mais me parece romance, dizendo que, dous mezes depois, Mlle. Lucy foi surpreendida uma manhã recebendo um par de sapatinhos perfeitamente adaptados á seus pés, e com esta simples indicação de procedencia: « *Deposito de calçado inglez de... Williams, rua de... n....* »

E, informação final, no fim de mais um mez passado além da remessa e do recebimento do par de sapatinhos, Mlle. Lucy chamava-se Mme. Williams, pois que, *firmada em seus pés*, exigente e despota Franceza, impuzera ao seu acalcanhado inglez ante-Francez, ser tratada e conhecida por *madame* e não por *miss Williams*.

Esta singular historia de amorosa paixão, excitada pelo mimo e lindeza de um pé de mulher, sómente seria verosimil em excentricidade ingleza, se por sua propria natureza o amor não fosse verosimil ainda nas mais imaginaveis inverosimilhanças.

Referi o caso de Williams e de Mlle. Lucy: quem quizer que o tome por verdadeiro ou imaginado, e agora deixem-me proseguir seriamente na exposição das *Memorias* que escrevo.

Rompêra, emfim, a época da real e crescente

celebridade da *rua do Ouvidor* pela dominação da *Moda de Pariz*, essa rainha despotica que governa e floresce decretando, modificando, reformando e mudando suas leis em cada estação do anno, e sublimando seu governo pelo encanto da novidade, pela graça do capricho, pelas surpresas da inconstancia, pelo delirio da extravagancia, e até pelo absurdo, quando traz para o rigido verão do nosso Brazil as modas do *inverno* de Pariz.

A *rua do Ouvidor* tornou-se quasi logo até além da rua dos Latoeiros commercial e principalmente franceza, e Sua Magestade a *Moda de Pariz*, despota de sceptro de fôres, sedas e fitas, fez mais do que o marquez de Lavradio, que acabára com os *peneiros*, mais do que o intendente geral da policia Paulo Fernandes, que mandára destruir as rotulas, porque, n'um abrir e fechar de olhos, alindou a rua com graciosas, attrahentes e enfeitadas lojas e creou e multiplicou aquelles chamariz e laços armados que se chamarão e ainda alguns chamão—*as vidraças da rua do Ouvidor* — verdadeiro *puff* plastico.

A loja franceza de modista, de florista, de cabelleireiro e perfumarias, de charutaria (o cigarro era então banido como *infimo plebeu*) tinha, como ainda hoje se observa uma unica porta livre para a entrada das freguezas e freguezes, e outra porta ou

duas portas cerradas de alto abaixo por grosso, mas transparente anteparo de vidro, e atrás desse anteparo a loja expunha ao publico os seus encantadores thesouros.

Taes erão, como continuação a ser, as então chamadas *vidraças da rua do Ouvidor*.

Era e é ainda preciso ter muito cuidado com ellas.

Explorando o concurso favoravel do vidro, a variedade e a combinação das côres, e os efeitos da luz, os *artistas sui generis* arranjadores dos objectos expostos nas vidraças os dispoem e apresentam com habilidade magistral, de modo a produzir illusões de optica perigosas para a bolsa do respeitavel, que, prevenido pelo que lhe enlevára os olhos, muitas vezes compra gato por lebre.

Eu tenho para mim que foi na contemplação e no estudo physico e moral das *vidraças da rua do Ouvidor* que os nossos estadistas organisadores de gabinetes ministeriaes aprendêrão a arte de expôr programmas de ministerios novos.

Em todo caso as *vidraças* de exposição mais ou menos ricas, phantasticas e deslumbrantes enfeitárão a *rua do Ouvidor*, que logo foi tida em conta da mais *bonita da cidade* e naturalmente mereceu a predilecção e a concurrencia mais graciosa e aditadora.

As senhoras fluminenses enthusiasmarão-se pela *rua do Ouvidor*, e forão intransigentes na exclusiva adopção da *tesoura franceza*. Nem uma desde 1822 se prestou mais a ir a saráos, a casamentos, a baptizados, a festas e reuniões sem levar vestido cortado e feito por modista franceza da *rua do Ouvidor*.

Houve revolução economica: os pais e os maridos virão subir a cincoenta por cento mais a verba das despezas com os vestidos e os enfeites das filhas e das esposas.

A rainha *Moda de Pariz* firmou seu throno na *rua do Ouvidor*.

Como é sabido, cuidava-se ainda então muito pouco da instrucção do sexo feminino: pois bem; algumas senhoras fluminenses derão-se logo com interesse e gosto ao estudo da lingua franceza.

Um dia um tio velho e rabugento perguntou á sobrinha, que escapára de ficar analphabeta:

— Menina, por que te metteste a aprender, o francez, quando ainda ignoras tanto o portuguez?...

— Ah, titio!... é tão agradavel ouvi dizer *trés jolie!* em portuguez não ha isso.

Quasi tudo se foi afrancezando.

No decimo sexto seculo Villegagnon, e após elle Bois-le-Comte com centenas de soldados, e com o

apoio mal dissimulado do governo francez não puderão manter a conquista da bahia do Rio de Janeiro, de suas ilhas e pontos do continente, e verem realizar a aspiração da *França Antarctica*.

No seculo decimo nono, em um ou dous annos, em 1822, emfim, uma duzia (nem tanto) de *Francezas* sem peças de artilharia, nem espingardas, nem espadas, e apenas com tesoura e agulhas fundarão suave e naturalmente, e sem opposição nem protestos, o *França Antarctica* na cidade do Rio de Janeiro.

A *França Antarctica* é a *rua do Ouvidor* desde a *Primeiro de Março* até á praça de *S. Francisco de Paula*.

Honra e gloria, pois, ás modistas francezas, que na sua *hegira* de 1821 a 1822 se acolhêrão áquelle *oasis*, áquella predestinada *rua do Ouvidor*, da qual fizeram pequena, mas feiticeira filha de Pariz, e d'onde, sob o sceptro da *Moda*, puderão logo em 1822, alçar o grito — *Vive la France!* — grito ainda hoje electricamente correspondido até pelo finadissimo, mas perpetuo redivivo *urso* de *M. Cassemajou*.

CAPITULO XI.

Como emprehando viagem pela *rua do Ouvidor* com os meus leitores por companheiros obrigados e começo a viajar pelo primeiro quarteirão, onde se verifica que a rua vaidosa é coxa; lamentão-se a *Praia* e a *Praça do Mercado*; e louvão-se as igrejas da *Santa Cruz dos Militares* e da *Lapa dos Mascates*. Como além da rua de *Primeiro de Março (ex-Direita)* entra-se na *rua do Ouvidor* legitima e fidalga, a qual tem ahí perfeitamente emblematicas ao lado direito casa de *modista*, e ao esquerdo charutaria. Faz-se menção da confeitaria do Carceller, onde se encontra, ceiando, o celebre *Chalaça*, e conta-se como alli (já no tempo do Sr. *Guimarães*) se organisou na *sala de cima* um ministerio, comendo-se *empadinhas* e *croquets*. Finalmente contempla-se a actual loja da America e da China, casa n. 40, onde Evaristo Ferreira da Veiga (o grande patriota) aprendeu a ler, e onde annos depois florescêrão ou *dulcificárão-se* as senhoras Paracátús, que forão no seu tempo as mais famosas doceiras da cidade do Rio de Janeiro.

Deixei no capitulo antecedente a *rua do Ouvidor* entrada em sua nova era, a do reinado da *Moda de*

Pariz, e agora, pois que seria tão enfadonho para os meus leitores, como difficilimo para mim acompanhar par e passo o desenvolvimento e riqueza, que ella foi tendo, prefiro fazer com os meus leitores uma viagem do principio ao fim da mesma rua com o proposito de considerar e lembrar seus edificios notaveis e suas casas dignas de distincção por interessantes recordações.

Natural e forçosamente hei de ser *cicerone* amolador e muito deficiente; amolador por genio, deficiente por ignorancia de muitas cousas que merecião ser mencionadas e que a nossa geral incuria vai deixando cahir no esquecimento.

Entretanto, as tradições, as aneddotas, os factos curiosos, ainda sem importancia na historia politica da nação, a lembrança de antigos costumes dão vida local, interesse, enfeites e graça ás *Memorias* das cidades, de seus palacios, de suas ruas, etc.

Eia, pois, a viajar ! não temos necessidade de levar malas, nem capas, nem provisões de bocca, nem prevenção alguma: acharemos em caminho, e á mão todos os recursos imaginaveis e a viagem é segura, agradável, riquissima de variados panoramas, e apenas sujeita á frequentes *ventos contrarios* no encontro de importunos *amoladores* ainda mais teimosos do que eu.

Encetemos a viagem.

Em que pése á *rua do Ouvidor*, fidalga nova, começaremos a viajar pelo seu primeiro quarteirão, que principia—á direita da *praia do Mercado*, e á esquerda na quina com a *rua do Mercado*, e acaba, abrindo-se na *rua Primeiro de Março* (antiga *Direita*.)

A fidalga tem em pouco esse quarteirão, onde em vez de brilhantes, ouro, sedas, flôres, bonecas, tetéas, perfumarias, etc., etc., ha sómente armarinhos vulgares, carne secca, lombo de porco e toucinho, tudo emfim *plebeu*, e além disso a vaidosa se revolta com o conhecimento publico de sua perna *direita* mais comprida do que a *esquerda*, sendo ella por consequencia *coxa*.

Embora porém a *rua do Ouvidor* repute o seu primeiro quarteirão simples e desestimado *annexo*, especie de parente bastardo que a familia fidalga repugna, embora tenha pretensões a começar *legitima rua do Ouvidor* donde primitiva e predestinadamente nascêra, sendo *Desvio*, nós que não temos que respeitar essas vaidades, viajaremos pelo quarteirão *plebeu*.

A *rua do Ouvidor*, se desama tanto o seu *annexo*, deveria ter ha mais tempo requerido á illustrissima camara, que lhe desse nome especial, tornando-o

rua independente: eu creio que seria facil obter providencia tão transcendente: porque não tenho noticia de bispo que *chrismasse* tantos catholicos, como a *illustrissima* tem chrismado ruas da cidade do Rio de Janeiro. A *illustrissima* como que fundou direito á herança de ruas em favor de defuntos; morrendo algum cidadão *illustre* e portanto seu parente em tratamento, dá logo cevada ao finado em *chrisma* de rua.

Ainda nessa pratica ao menos se manifesta—gratidão nacional—; mas além dos defuntos, não o tributo de cevada, doce amor porém aos vivos multiplica de tal modo a *chrisma* das ruas, e dá a muitas novas nomes tão desconhecidos, que tenho para mim que o primeiro e longo estudo dos novos veadores, será aprender as denominações das ruas, e inteirar-se dos pontos e dos bairros, onde ellas se estendem ou se encurtão.

Mas a *illustrissima* ainda não tornou em *rua nova* o annexo da *rua do Ouvidor*, e portanto viajemos por elle.

Da ponta do pé da perna mais comprida da vaidosa fidalga, vemos parte da *Praia do Mercado*, e pelo portão fronteiro penetrão nossos olhos um pouco no interior da *Praça do Mercado*.

Nem a *Praia* nem a *Praça* pertencem á *rua do*

Ouvidor; mas é impossivel deixar de consideral-as de passagem.

A *Praça do Mercado* está longe de ser condigna da capital do Imperio: acanhadissima, humida, mal policiada, ás vezes toda cheiro de maresia, de aves amontoadas e de hortaliças já deterioradas, é lugar desagradavel em vez de ser attractivo. O peixe expõe-se em taboleiros sobre ruasinha sempre alagada, e pequenos tanques de peixes vivos faltão absolutamente.

A *Praia do Mercado*, é ainda peor, e penso que faço grande favor em não demonstrar o meu juizo.

Ao menos, porém, ha alli, na *praça* e na *praia* fiscaes agentes e guardas fiscaes, que uma de duas, ou não a fiscalisção, ou a *praça* e a *praia* serião infiscalisaveis fócios de peste do Rio de Janeiro.

E no emtanto além de utilissima e imprescindivel instituição, como é, a *Praça do Mercado* augmentada, desenvolvida, aprimorada, igual á de outras grandes capitaes do mundo civilisado, podia ser no Rio de Janeiro lugar attractivo, e até ornamentador da cidade.

Mas... viagemos emfim pelo primeiro quarteirão... ou *annexo da rua do Ouvidor*.

Paciencia, bella fidalga!

Aqui, nem ao menos posso indicar qual fosse a

casa tradicional d'onde sahio a maçã mandada ao inconfidente coronel Freire de Andrade por sua dedicada irmã.

Aqui predominão os armazens de *carne secca e toucinho*; a *rua do Ouvidor* porém que é philosopha, deve lembrar que a *carne secca* é no Brasil a primeira representante da philosophia positiva; porque é a principal alimentadora do povo, e eu posso em consciencia affirmar que uma *manta* de carne é muito mais util do que a *manta* mais rica de lã de camello.

E, paciencia outra vez, fidalga vaidosa!

E' no desestimado annexo, que se achão os dous edificios mais notaveis da *rua do Ouvidor*, a igreja da *Lapa dos Mascates*, e por sua parte lateral a *Igreja da Santa Cruz dos Militares*.

Não quero prolongar este capitulo, ou demorar a *viagem*, copiando á descripção architectonica das duas igrejas, que me foi offerecida por autoridade competente; mas é certo que a da *Santa Cruz dos Militares* não tem ainda superior no Rio do Janeiro sob o ponto de vista da architectura; e a da *Lapa dos Mascates*, embora pequena e encantoada em estreitas ruas, merece a attenção dos homens da arte.

Esta ultima igreja depois dos consideraveis melhoramentos, que ultimamente recebeu de piedosos

e dignos bemfeitores, teve novos sinos vindos de Portugal (creio eu) que repicão á preceito, executando *alegros* de operas de Offenback.

A escolha dos taes *alegros* não foi feliz; aquelles, porém, que tanto badalárão contra essa irreligiosidade, posto que tenham razão, esquecem que nas grandes e solemnes *festas* das nossas igrejas até se annunciavão o nomes das cantarinas do theatro, que não cantam este e aquelle *solo* de musica absoluta e exclusivamente do genero das operas italianas.

E eis-nos chegados á *rua Primeiro de Março*, com a qual nada temos que vêr, e portanto, atravessemol-a; mas, com todo o cuidado, meus leitores e companheiros de viagem, porque os bonds e carros, carrinhos e carroças, nem permitem que pestaneje o cidadão pedestre, que nesse ponto tem de atravessar a *rua ex-Direita*.

Oh! agora sim, agora começa *legítima* a *rua do Ouvidor* fidalga, vaidosa e começa até symbolica (pelo menos actualmente) porque tem nas suas duas quinas com a *Primeiro de Março*, do lado direito casa de *franceza modista*, e do esquerdo casa de charutos, de cigarros e cachimbos, de modo que emquanto d'ali para gozo e encanto das senhoras range a *tesoura*, retalhando velludos, setins e sedas, defronte ha para os homens, para os pais e maridos sovinas ou de

fracos recursos pecuniarios a consolação de *ficar fumando*.

A *charutaria*, á que me refiro, acaba até de explorar os desastres do imperio ottomano na guerra com a Russia, fazendo boa importação de *fumo turco*, e quem sabe se de cachimbos de *ulemas* e de *bachás*.

Misera Turquia!... em desmesurado infortunio priva-se até de seu *fumo* e dos seus *cachimbos* monumentaes. Ai!... que não exporte (ao menos para o Brazil) as odaliscas e as escravas dos seus serralhos!...

Até a rua do *Carmo* á esquerda, e o becco ou travessa das *Cancellas* á direita, só conheço duas casas *notabilidades*, pois que não me é possivel marcar uma terceira, aquella em que morreu ou penou *Perpetua-Mineira*, se realmente houve alli *Perpetua-Mineira*: se houve, a sua casa era do lado esquerdo.

A primeira das duas casas memoraveis e ainda hoje famosa, principiou á sêl-o em 1824, como *confeitaria do Carceller*.

A gloria de iniciador *das confeitarias* na cidade do Rio de Janeiro pertence ao italiano *Francioni* que antes de 1824 já tinha estabelecido *confeitaria* na rua *Direita* exactamente onde se acha a dos Srs. Santos & Ferreira; o *Carceller* porém não só annos depois

comprou o estabelecimento do *Francioni*, como já o tinha excedido muito na sua confeitaria da *rua do Ouvidor* em variedade e primor de refrescos, de *lunch*, que então se chamavão *petiscos*, e sobretudo na excellencia de *ceias* servidas em sala *discreta* no fundo da casa.

O *Carceller* foi, pois, não o mais antigo, o mais notavel, porém, dos chefes de *confeitarias* do Rio de Janeiro, e não lhe amesquinha a boa nomeada que deixou a simples precedencia do *Francioni* e menos o facto não averiguado da, ainda mais antiga, *saleta de pasto de Perpetua-Mineira*.

O *Carceller* floresceu na sua confeitaria da *rua do Ouvidor*, refrigerando seus numerosos freguezes com *agua imperial* e outras aguas gazosas, com optimas cajuadas e outros refrescos, e satisfazendo-lhes o apetite com empadas, pasteis, golodices e doces; mas á noite as *ceias* do *Carceller* gozavão notavel celebridade, e erão apreciadas na sala discreta por cavalleiros da sociedade distincta e de elevada posição social.

Um dos habituaes freguezes das *ceias* do *Carceller* era Francisco Gomes da Silva, por alcunha o *Chalça*, portuguez de nascimento, gentil-homem da côrte imperial, e amigo dedicado de D. Pedro I, que o estimava muito.

O *Chalaça*, quando não estava de serviço no *paço*, era certo com escolhida companhia naquellas ceias.

Tão sabido já era esse gozo de folgança, que numa noite, em 1828, o Imperador D. Pedro I, desejando fallar ao *Chalaça*, não fez cerimonia, entrou de improviso na confeitaria, e disse ao *Carceller*, que logo se apresentou :

— O *Chalaça* está sem duvida ceiando lá dentro; chame-o.

O *Chalaça* immediatamente veio apresentar-se respeitoso; mas sorrindo.

O Imperador disse-lhe algumas palavras em voz baixa, e o *Chalaça* respondeu em tom mais alto e como que brincão.

— Senhor, eu pércio hoje metade da ceia; mas em compensação Vossa Magestade me fará almoçar duas vezes amanhã.

E sahio, acompanhando o Imperador.

Este factó não teria importancia, se não desse idéa de certas inadvertencias aliás proprias do character franco e expansivo de D. Pedro I, e que mais de uma vez o prejudicárão.

Quem sabe os juizos que naquella noite fizeram sobre o caso o *Carceller*, seus caixeiros e os socios de ceia do *Chalaça* ?

Francisco Gomes da Silva, alcunhado *Chalaça* por

muito gracejador, passou por chefe da *camarilha secreta* que influindo muito no animo do Imperador, fazia e desfazia ministerios, e inconstitucionalmente predominava na politica do Estado.

Que o *Chalaça* entrasse ás vezes em intrigas palacianas, é provavel; que fôsse o mais apropriado para leval-as ao Imperador, é certo; porque este gostava de ouvil-o *chalaçar*, confiava em sua amizade, e o autorisava a grandes liberdades; mas em sua influencia politica predominante não creio: por seu proprio genio altivo D. Pedro I a não toleraria, e, além disso, o *Chalaça*, homem de espirito faceto, de algum talento, mas sem instrucção e sem idéas politicas, não podia ser chefe de *camarilha*.

O *Chalaça* era dedicadissimo criado e amigo particular de D. Pedro I: servia-o, fazia-o rir, *chalaçando*; aproveitou-se da sua privança para ser util a muitos afilhados e protegidos seus; mas em assumptos de governo do Estado a sua politica inalteravel consistio em julgar sempre excellente e optima a *politica do Imperador*, qualquer que ella fôsse.

Dizem alguns dos homens da côrte do primeiro reinado, que, ao contrario do que naquelle tempo a opposição liberal propalava, era o *Chalaça* quem mais severas e duras verdades fazia ouvir a D. Pedro I,

com o seu direito de intimo e *chalaçador* amigo ;
isso eu não sei, nem posso assegurar-o.

O marquez de Barbacena, entrando para o ministerio em 1829, com pretensões de chefe de gabinete á *ingleza*, conseguiu que se retirassem do Rio de Janeiro para a Europa o *Chalaça* e outro cortezão indicado como segunda influencia de *camarilha*, o que não impedió sua *ruidosa* demissão de ministro no anno seguinte.

Ainda uma informação, e a ultima :

O *Chalaça*, annos depois, conversando em Lisboa com illustradissimo brasileiro, diplomata mais tarde em retiro, pretendia ter concorrido com os seus conselhos mandados em cartas a D. Pedro I, para a abdicção deste em 1831.

Creio nas cartas ; ellas porém não provão que o *Chalaça* fôsse politico ; escrevia-as no empenho dynastico de D. Maria II, e na esperanza do sonhado *imperio iberico*, no interesse do seu amo e amigo. Os *politicos* estavam em Londres, e forão esses os que influirão no animo de D. Pedro I, levando-o ás vacillações, e inconsequencias de sua attitude em Março e até 6 de Abril de 1831 :

Ora eis ahi como uma idéa puchando outra
metti-me em cousas de historia politica, quando só pensava lembrar a casa do *Carceller* !

Perdõem-me esta amolação.

A confeitaria do *Carceller* passou mais tarde ao Sr. João Gonçalves Guimarães que, dando ao estabelecimento realce muito maior, honra sempre o nome e a memoria do bom velho *Carceller*, chamando-o ainda hoje — « *meu amo, que me servio de pai* », porque fôra d'elle caixeiro e por elle tratado como filho.

Grão-mestre do lunch e rei dos banquetes grandiosos da cidade do Rio de Janeiro e d'aquem e d'além, mar em fóra e por terras a dentro, o Guimarães é pelas suas novidades culinarias objecto da veneração dos gastronomos, que por ultimo lhe devêrão a invenção de *garopas* de ovos de gallinha com farinha de trigo e assucar; mas a sua confeitaria é ainda mais notavel como arca de sigillo, onde já se sepultárão mais de vinte historias de corações em fogo, abraçando-se com acompanhamento de sorvetes.

E houve um dia (no segundo reinado... e não quero dizer quando) em que a confeitaria do Guimarães teve horas de commoções de alta politica. Na sala da frente do segundo pavimento estacionava distincto estadista, emquanto outro, hoje florescente notabilidade, que então ainda não era senador, sahia e após demora mais ou menos longa, voltava ou só ou acompanhado; é claro que para explicação dissimuladora do que se passava e para animação da *paciencia*

na sala de cima levavão-se para esta empadinhas, pasteis, croquets, dôces, etc.: finalmente no fim de quatro ou cinco horas o *distincto estadista* desceu a escada e sahio da confeitaria com *um novo ministerio orgasado*, e ministerio auspicioso, pois que se organisára com o encanto (quasi que disse programma) politico das empadas, pasteis, croquets, dôces e pão-de-lot.

A segunda casa celebre deste quarteirão da *rua do Ouvidor* é a actual de n. 40 — *Casa da America e da China*.

Não me posso occupar dos seus merecimentos Americo-chinezes (que aliás são muitos) nem estudar os motivos, porque, vencendo de um salto o estreito de Behring, deixou-nos sem os productos industriaes do Japão, e foi com perigoso, e muito maior salto firmar pé no imperio celebre do filho do sol.

Requeiro que o utillissimo estabelecimento da *America* e da *China* se naturalize *Japonez* tambem e passo á dar noticias do fundamento da celebridade justissima dessa casa do actual n. 40.

Não sei em que anno do fim da primeira dezena do seculo que corre, foi morar nessa casa *Luiz Francisco Saturnino da Veiga*; certo é, porém, que de 1807 a 1810 esse homem, portuguez de nascimento, profundamente religioso e de austeros costumes, ahi se estabeleceu, abriu excellente escola

de instrucção primaria, e nessa escola deu o ensino de primeiras letras e de noções da religião catholica, creio que a todos os seus filhos e com certeza á *Evaristo Ferreira da Veiga*, um delles.

A casa da segunda infancia, e do berço litterario de *EVARISTO* deve ser patriotica e honorificamente respeitada, como o foi a casa de Pindaro.

Nos tempos em que vivemos, artificianado admirações em tributos de encommenda a *aves rasteiras* que no campo da politica fazem *pequenos gyros de moita em moita*, exaltemo-nos honrando a memoria da casa que foi ninho da *aguia altaneira* que em arroubos de patriotismo pôde e soube ir *face á face beber de Phebo as luzes*.

Para que algum severo critico não ache de máo gosto, suppondo minhas, as imagens que sublinhei, declaro que ellas são de Felinto Elysio, e portanto de ouro de lei.

Evaristo Ferreira da Veiga, que não foi doutor, estudou latim, francez, philosophia e rhetorica, e creio que tambem um pouco de inglez no seminario de S. José, e não tendo mais que aprender ahi pois que não fôra destinado ao sacerdocio, o pai que, aborrecido do magisterio de instrucção primaria, abrira loja de livros na rua da Alfandega, o fez seu caixeiro ou ajudante na loja.

Evaristo formou-se, doutorou-se por si na universidade da livraria do pae. Aprendeu sem mestre a lingua italiana, historia e geographia, sciencias sociaes, economia politica, e só não aprendeu a sabedoria do *bom senso*, porque já nascera com ella.

Alguns annos depois abriu loja de livros propria, á rua da *Quitanda*, quina da *rua dos Pescadores* (*actual do Visconde de Inhauma*). Em 1828 fez-se redactor da *Aurora Fluminense* (e sem pedir licença a chefe politico algum!!!!)

Com a *Aurora Fluminense* creou o partido *liberal-monarchista* no Brazil.

De 1830 a 1837 (em que morreu com 38 annos de idade) foi deputado da assembléa geral legislativa (e sem dependencia nem benção de *chefe*, de *tio* ou de *padrinho* politico algum!!!!)

O livreiro *pobre*, logo em 1830, foi influente liberal na camara.

De 1831 a 1836 foi o grande chefe do partido moderado — o dominante: exerceu a maior e a mais patriotica influencia na politica do imperio, distinguindo-se sobre todos como a mais forte e pujante columna da monarchia constitucional; fez ministros e nunca foi ministro, aconselhou nomeações de altos funcionarios publicos e nunca teve emprego ou commissão lucrativa, nem em-

pregou parente algum, salvou a ordem e mil vidas, e escapou, levemente ferido a uma tentativa de assassinato a tiro de pistola ; não desanimou por isso, proseguio em sua vida politica de dedicação civica e gloriosa, e quatro annos depois, exemplo admiravel de todas as virtudes publicas e privadas, morreu deixando a esposa e filhas (todas dignas delle) em honradissima pobreza !...

A vida de Evaristo foi a mais pura e a mais doce das harmonias.

Evaristo foi o primeiro homem do seu tempo pela grandeza, pela honestidade, pela pureza, e pelos sãos e beneficos effeitos de sua influencia politica.

Evaristo é legendario.

Essa mesma casa da America e da China ainda nos offerece, embora não historicamente gloriosa, ao menos, porém, lembrança *doce*, mesmo porque é lembrança de senhoras e de *doces*.

Antes do estabelecimento da confeitaria do *Car-celler*, occuparão o pavimento superior ou o sobrado daquela casa do actual numero 40, tres senhoras naturaes da provincia de Minas, duas irmãs e uma sobrinha, que, ou por nome de familia, ou da localidade do seu nascimento, erão chamadas *Paracatús*.

As senhoras *Paracatús* não deixarão que me conste, nomeada por bellas : se forão bonitas, creio

que procedêrão de modo a não fazel-o notar, o que não prejudica; antes abona a sua reputação; celebrisárão-se porém pela *doce* industria, que souberão explorar.

Do Sul ao Norte e de Léste a Oeste da cidade do Rio de Janeiro, as senhoras *Paracatús* forão por unanime acclamação de povo declaradas e proclamadas primeiras, innecediveis, e incomparaveis *doceiras*.

As freiras da Ajuda então e ainda até os nossos dias tinhão e mantiverão primazia em confeição de empadas e de pasteis; mas em doces seccos e de calda forão completamente vencidas pelas senhoras *Paracatús*.

Os moços daquelle tempo, septuagenarios e octogenarios de hoje, jurão pela pureza e honra do seu paladar que as *Paracatús* ainda não forão igualadas, como *doceiras*, e a um desses velhos ouvi dizer, quasi chorando de saudades :

— Ah! meu amigo! tudo é possível ao progresso do seculo, ainda mesmo em aperfeiçãoamento de doces brasileiros; mas em *desmamadas*, como as das *Paracatús*, não! ellas morrerão sem deixar o segredo das *desmamadas*.

O certo é que não havia banquete de luxo, banquete de casamento, de baptisado, ou de festa anniversaria de ricos da cidade, em que a *sobremesa* (o *desert*) não fosse preparada e fornecida pelas *Paracatús*.

CAPITULO XII.

Como se continúa a viagem pela *rua do Ouvidor*, e depois de se considerarem de passagem os *ursos* de Mr. Casse-Majou e o fronteiro *Propheta*, deixa-se de fallar de uma casa onde reinárão quatro damas, nenhuma das quaes era mulher; visita-se o *Hotel da Europa*; e ahi se encontrão saudosas lembranças do *Club dos Radicaes*, e o berço do *Club da Reforma* com janellas para a *rua do Ouvidor*. Como depois prosegue-se viajando além do encruzamento da *rua da Quitanda*, sobre cuja denominação absurda se dizem cousas sapientissimas; trata-se da casa do Dr. Berquó, o *ouvidor*, da qual poderia ter sahido influencia diabolica, se fosse bem fundada certa proposição do Dr. *Patroni*, que se transcreve: olha-se para a casa do *Jornal do Commercio*; não se entra porém nella por duas razões, que não são de cabo de esquadra; e finalmente contempla-se respeitosamente o *Grão-Turco*, ultimo herdeiro da casa onde florescêrão, com successiva gloria, as lojas famosas dos — *Saisset* — *Wallerstein* — e *Masset* — o antigo, não faltando á esta algumas recordações romanescas.

Viajando agora pelo quarteirão que termina onde

a *rua do Ouvidor* é cortada pela *da Quitanda*, confesso-me em penuria de tradições e de noticias curiosas antigas.

Não tenho conhecimento de casas celebres nem de factos memoraveis do *outro tempo*. Tudo que ha notavel é de hontem. Os dous *ursos*, o antigo e o moderno de Mr. Casse-Majou, são *nossos contemporaneos*, e posto que o primeiro já tenha a idade exigida para ser senador, e o segundo esteja desde alguns annos emancipado, têm sido ambos até hoje da mais perfeita innocencia, e o *Propheta* erguido quasi defronte apenas prophetisa que os *paletós* novos que vende hão de em breve tornar-se velhos.

Tambem não quero ser maldizente, aproveitando a passada, mas moderna celebridade de uma casa que foi riquissima de episodios febricitantes e de commoções fortissimas, e onde quatro *damas*, nenhuma das quaes era mulher, inspirarão paixões, que fizêrão sahir depennados alguns infelizes.

Mas que provaria a historia que deixo de referir? Apenas o que todos sabem, isto é, que não são sómente as de *barato* as casas onde *muito honradamente* se depennão homens como se elles fossem gallinaceos.

Nada tenho com isso: não entra nas *Memorias da rua do Ouvidor* o estudo das molestias reinantes na

cidade do Rio de Janeiro, uma das quaes é essa, cujo nome não quero dizer, molestia feia, corruptora da sociedade, e cujos symptomas mais perigosos para o doente são—*os palpites*.

Mas devo lembrar ao menos uma casa notavel neste quarteirão: seja a primeira do lado esquerdo.

Tem ella tres pavimentos, e abre portas e janelas para as ruas do *Carmo* e do *Ouvidor*.

Os dous pavimentos superiores são occupados pelo *Hotel da Europa*, cuja entrada é pela rua do *Carmo*, tendo outra que é de casa immediata e annexa na *rua do Ouvidor*.

O *Hotel da Europa* foi durante annos considerado com razão, e ainda hoje tem presumpções de ser o primeiro ou o melhor hotel da cidade do Rio de Janeiro: actualmente continúa a mostrar-se *bom*; conta porém alguns emulos, que não merecem menos que elle.

Não creio que por isso deva ostentar-se orgulhoso; porque em *hoteis* a nossa capital está tão abaixo do que se encontra nas grandes cidades da Europa (já não fallo dos Estados-Unidos Norte-Americanos) e até em Buenos-Ayres, que o orgulho não seria admissivel.

O que admira é que no fervor de mil empresas industriaes ainda não apparecesse uma, e nem algum rico especulador que em seu proveito e do publico

dotasse a cidade do Rio de Janeiro com um hotel digno della.

O *Hotel da Europa* tem outro louvavel desvanecimento, ufanando-se de severo, e muito zeloso nas suas hospedagens. Sob esse ponto de vista é de facto preferivel a muitos, e a alguns *famosos*. E' possivel e mesmo provavel que alguma vez tenha tomado a *nuvem por Juno*; ao menos, porém, esmera-se em livrar-se das nuvens, e basta isso para o seu credito.

Em politica o *Hotel da Europa* é sempre do partido freguez ou do hospede que lhe chega; é sempre e ao mesmo tempo de todos os partidos, e em suas salas os liberaes e os conservadores têm dado banquetes politicos, fazendo echoar nellas os *brindes* e os *vivas* mais oppostos.

Entretanto, é aos liberaes que o *Hotel da Europa* tem mais servido, aliás sem preferencia politica.

Em uma das salas desse hotel fundou o Sr. senador Silveira da Motta em 1868 o seu *Club dos Radicaes*, e ahi S. Ex., eloquente e energico orador, e alguns outros *radicaes* pronunciarão bellos discursos, conversarão muito no sentido de suas idéas politicas em repetidas reuniões; esse *club*, porém, acabou sem grande resultado de propaganda; mas com saudades profundas do hotel privado da excellente freguezia *radical*.

Mezes depois de 16 de Julho de 1868, isto é, da subida do partido conservador ao governo, e da dissolução da camara, os chefes liberaes e muitos dos seus correligionarios politicos creárão o *Club da Reforma* com regulamento e character permanente, e o estabelecêrão interinamente em uma das salas do *Hotel da Europa*, e ali, durante tres mezes, se reunião todos os dias, entendendo-se sobre a direcção da imprensa e da acção legal do partido em opposição.

No fim dos tres mezes o *Club da Reforma* despedio-se do *Hotel da Europa*, que ainda mais dolorosas saudades sentio; porque o freguez tão bom pagador, como o chefe dos *radicaes*, pagava muito mais, tendo tomado sala não a preço de noite, mas por elevado aluguel mensal.

E o *Hotel da Europa* abandonado, ou deixado pelos *liberaes*, e tendo tomado gosto aos *clubs* de propaganda politica, esperou, mas esperou em vão por freguezia de *club do partido conservador*, sem calcular que, estando este a dar as cartas no governo, não desceria a fazer *jogo* no *Hotel da Europa*.

Mas não é justo que deixemos na rua o *Club da Reforma*.

Despedindo-se do *Hotel da Europa* foi esse *club* florescer nos pavimentos superiores da casa n... da rua dos Ourives, onde muito deveu á solicitude e

à dedicação do benemerito liberal e illustre cidadão Dr. Manoel de Mello Franco, um dos membros da sua commissão administrativa.

Da rua dos Ourives passou-se o *Club da Reforma* para a casa n... da rua Sete de Setembro, e ali se acha e se mantem com o character de quartel-general do partido liberal do Imperio.

Não me digão que o *Club da Reforma* vem mal encaixado nas *Memorias da rua do Ouvidor*: menos essa! elle teve o seu berço na *rua do Ouvidor*, pois que a sala do hotel que lhe foi alugada abre suas janellas para essa rua, na qual tambem se fundou a *Reforma*, orgão principal do partido na imprensa, e importante gazeta diaria, que não póde jámais esquecer o nome de Francisco Sabino de Freitas Reis, que mais que qualquer dos outros fundadores correu com a sua bolsa e com a sua direcção administrativa para essa instituição do partido liberal.

Freitas Reis era homem de grande força de vontade e intelligente emprehendedor: foi o primeiro brasileiro que se abalançou a propôr-se a consideravel empreza industrial na Europa, conseguindo tomal-a sobre si, formar companhia e dotar uma parte da famosa e esplendida Pariz com o notavel melhoramento (já conhecido e apreciado então no

Rio de Janeiro) do ferro-carril para carros urbanos de tracção animada, a que chamamos *bonds*.

Freitas Reis ganhou boa fortuna com a sua empresa, e deixou seu nome de brasileiro lembrado honrosamente entre os emprehededores a quem a grandiosa Pariz deve consideravel beneficio. Infelizmente esse nosso compatriota, amigo e entusiasta do seu e nosso Brazil, acabou seus dias, ainda no vigor da idade, lá na capital da França, accommettido de invencivel molestia pulmonar.

Se estas lembranças tambem são *amoladoras*, declaro que não sei o que sejam recordações que se devão guardar.

Em continuação de viagem o autor e os leitores destas *Memorias* entrão pela *rua do Ouvidor* acima no vasto mar immenso que se estende das quinas da *rua da Quitanda* até á dos *Ourives*.

Mas de olhos voltados para trás ou com os olhos ainda fitos no ponto donde partimos a seguir viagem, tomamos a liberdade de perguntar á *illustrissima camara*, desde algum tempo maniaca chris-madora de ruas, porque conserva essa denominação de rua da *Quitanda*?..

Que especie ou que diabo de *quitanda* ha nessa rua tão destampatoria, e desgraçadamente nomeada, que ainda no ultimo seculo teve o seu primeiro

quarteirão conhecido e geralmente chamado por nome obsceno, e só perdoavel em heroicas desenvolturas da furiosa língua de Cambrone?...

Hoje, ao menos *no nosso tempo*, *quitanda* traz a idéa de commercio de verduras, commercio explorado principalmente pelas *negras minas*, que não se encontram na rua assim denominada.

Requeiro à *illustríssima* que mude aquelle nome para outro que a gente saiba o que significa.

Se quizer *nome republicano* eu lhe offereço ou lembro um de dous:

Rua de *João Mendes Vianna*, que foi grão-mestre da maçonoria, republicano ostentoso e deputado, que ahí teve casa de sua propriedade perto da quina da rua Sete de Setembro.

Ou rua de *Cypriano Barata*, deputado braztleiro na constituinte portugueza, republicano, preso em 1824, e que sahindo em 1829 da *Presiganga*, foi morar por mezes nessa casa do João Mendes, seu amigo.

Se preferir nome de monarchista constitucional, dou-lhe o mais symbolico.

Rua de *Evaristo*, ou por já haver uma com essa denominação—rua da *Aurora Fluminense*; porque Evaristo redigio durante annos a sua *Aurora*, creou o partido monarchista constitucional puro, floresceu,

glorificou-se emfim, morando e tendo a sua loja de livros nessa rua, quina da antiga dos *Pescadores*

Eu iria ainda muito além, se não me lembrasse que não é pela *rua da Quitanda* que devo viajar.

Eia pois, a caminho!

Mas..... uma duzia de passos, e já é de obrigação parar,

Ao lado direito mostra-se a aliás já *marcada* casa tradicional, que o Dr. Berquó, o *ouvidor*, occupou. Não convem repetir informações que deixei escriptas no capitulo competente; quero porém expôr uma observação que me occorre.

Acredito que a mudança do nome de *Padre Homem da Costa* para *Ouvidor* não influio nos destinos da *rua*; mas é licito imaginar que ella tomou em 1780 com orgulho profano o nome e a toga do magistrado.

Ora, em uma das sessões preparatorias da camara temporaria que em 1842 foi dissolvida *préviamente* ou antes de constituir-se, Felipe Alberto Patroni Maciel Parente (um dos deputados eleitos pela provincia do Grão-Pará), em originalissimo discurso declarou que não se prestára a seguir a magistratura porque em sua significação radical—*magistrado* quer dizer *diabo*.

Se o Dr. Patroni (que seja dito aqui entre nós

era meio doudo) tinha razão, deve-se concluir que a rua por onde viajamos, trocando a batina pela toga, o nome do sacerdote da igreja pelo do magistrado, *desviou-se* do caminho do céu, e abraçou-se com o *diabo*.

Não penso que desde 1780 a rua que então se chamou do *Ouvidor* (magistrado) se tornasse diabolica; mas com certeza dezenas de annos depois começou a ostentar, e cada dia vai ostentando mais artes, e laços que parecem mesmo tentações *do não sei que diga*.

Basta de casa do *Ouvidor Berquó*.

Olhem: alli defronte estamos vendo com os seus annexos a *casa do Jornal do Commercio*; nesta, porém, eu não toco, nem para lembrar ao menos *Seignot Plancher*, o primitivo e rude fundador do *Jornal* na rua dos *Ourives*, publicado em meia folha de papel e em dias irregulares. Ha nessa casa tradições, historias politicas, casos curiosissimos, que em minima parte conheço bem, e que eu poderia contar sem inconveniente; mas em primeiro lugar aquillo lá dentro é maçonaria, na qual ninguem entra sem juramento de segredo, e em segundo, não quero que se diga, nem se pense que artificio ornamentações e teço elogios de encomenda ao *Jornal* que publica estas *Memorias*.

O que asseguro é que o *Jornal do Commercio* é mais rico de segredos políticos, do que o conselho de estado, e do que todas as sete secretarias ministeriaes, e que se quizesse fallar, e escrever dizendo o que sabe, fallaria mais do que o finado Montezuma (Visconde de Jequitinhonha) fallava, quando era vivo, e escreveria mais do que o Sr. Dr. Mello Moraes escreve em quanto não morre.

Como o *Jornal do Commercio* tem para mim por duas razões inscripta em sua porta o—*on ne passe pas*—da sentinella de Napoleão, passo adiante.

Um pouco além, quasi em frente á rua *Nova do Ouvidor*, e, portanto, outra vez do lado direito da do *Ouvidor*, vemos a actual casa do Grão-Turco, que não perde por falta da menção do numero.

Hoje, depois da guerra de 1877 e 1878, em que a Russia levou a Turquia ao extremo de exportar o fumo do sultão, e os cachimbos dos ulemas e dos pachás, o *Grão-Turco* perdeu todo o seu prestigio na Europa e Asia, e a *meia-lua* ottomana ficou em perpetua phase minguante.

Antes, porém, dessa guerra devéras que só o *Grão-Turco* pudera ser herdeiro condigno das glorias da casa que conquistou, e que já era *triplicemente* famosa.

Eu disse *triplicemente*, e para mostrar os fun-

damentos da applicação do adverbio *basta-me* declinar os nomes dos florescentes *logistas francezes* que celebrisárão essa casa.

A começar de 1824 alli temos:

Loja de modas de Mr. *Saisset* :

Idem de Mr. *Wallerstein* :

Idem de Mr. *Masset* (o antigo).

O *Saisset* estreou-se auspicioso em 1824 (ou no fim de 1823), e foi arranjanado fortuna; mas passados cerca de quatro annos, em que bateu moeda, veio-lhe inesperada adversidade da *formosura*, e do *vinho*.

Mme. *Saisset* era lindissima, conforme o testemunho dos seus jovens contemporaneos e hoje velhos choradores do passado; tinha, porém, a fraqueza de saber de mais que o era, e de gostar que a admirassem.

O *Saisset*, homem extremamente delicado no trato, de genio brando e pacifico, e que muito se desvanecia da belleza da esposa, tinha tambem sua fraqueza; amava além de Mme. *Saisset* o vinho de Borgonha, e ás vezes depois do jantar mudava de character, e tornava-se bulhento e arrebatado: isso não era sempre, era ás vezes, conforme a quantidade do traçoeiro Borgonha bebido.

O peor era que o *Saisset* quando se exagerava

no culto do vinho, nem sempre dormia, e quando não dormia, ficava irascível, desatinado, e inconsequente.

Foi um dia á noitinha, isto é, depois do jantar, o Saisset embirrou com a esposa, que estava diante de *grande espelho* a enfeitar-se com um *lindo toucado* que usava de predilecção, e elle em demasias de Borgonha excedeu-se tanto, que encolerizado quebrou o espelho, e fez em casa tão escandaloso ruido, que todos os visinhos o julgáráo perdido por ataque de loucura.

Poucos dias depois, muito vexado, e constrangido, o Saisset teve de deixar a cidade do Rio de Janeiro, levando comsigo a bella esposa, e sahirão ambos barra-fóra para a Europa ; elle a maldizer do seu vinho brigão, e Mme. Saisset a chorar o seu *espelho quebrado*.

Ao Saisset succedeu na casa e nos fulgores das modas Mr. *Wallerstein*.

Que nome ! Que prestigio !

O Saisset fôra o Clovis !

O *Wallerstein* foi o Carlos Magno da *rua do Ouveidor*.

O' loja do Wallerstein ! ... A lembrança dos seus primores faz ainda palpitar corações, não de velhas, porque não ha senhoras que o sejão, mas

de senhoras que forão meninas e jovens durante o florescimento daquelle genio do *bom gosto*, florescimento que perdurou desde o fim do primeiro reinado até além da coroação do Imperador o Sr. D. Pedro II.

Havia na *rua do Ouvidor*, e em outras como a da Quitanda, lojas que vendião sedas, leques, chailes, etc., a preço de vinte, trinta, cincoenta por cento menos do que se compravão iguaes e algumas vezes inferiores na loja do Wallerstein; mas que importava isso? ... não erão do Wallerstein! ..

Se algum pai ou marido levava á *menina* ou á *esposa* com ar de triumpho o rico e lindo córte de vestido com ancia esperado da pasmosa loja; a *menina* ou *esposa* exultava, achando-o admiravel e eclypsador.

— Sim!.. mas custou duzentos mil réis!...

(Era naquelle tempo.....)

— Pois não está caro... e disto só tem o Wallerstein.

— Ainda bem! .. mas esse córte de seda eclypsador sahio da loja do João Fernandes & C. por 110\$000.

Ah, boca que tal disseste!...

A *menina* ou a *esposa* dissimulava durante alguns

minutos, depois examinava de novo a seda, e empurrando-a para o lado, fazia um momo desprezador, e murmurava desconsolada :

— Reparando melhor.. nem por isso... parece antiga... é algum alcaide... vê-se logo que não é do Wallerstein!

Os pais e maridos mais ladinos não fazião confissão do estratagemas, e as filhas e esposas ás vezes ostentavão seus ricos vestidos de Wallerstein comprados na rua da Quitanda, ou em lojas modestas.

Para brilhar a alegria na familia bastavão duas innocentes mentiras; primeira, dizer que o córte de seda era procedente da casa do Wallerstein; segunda, ralhar exagerando a despeza feita: asseverando que custára duzentos mil réis, o que se comprára por oitenta ou cem.

Mas não havia pai nem marido capazes de illudir as filhas e as esposas da alta sociedade ou do proclamado *bom tom*; essas erão intransigentes e escrupulosas freguezas do Wallerstein.

Era tal o furor de preferencia dada á casa do Wallerstein, que em mais de um caso chegou a tocar á extravagancia e ao ridiculo.

Dou exemplo.

No anno de.. (não quero expôr-me á indiscripção marcando o anno), um deputado *novo* de alguma

das provincias do norte, foi com a sua joven e digna esposa á loja do Wallerstein, e á escolha deste, e sem questão de preço, comprou-lhe o mais *distincto* córte de seda para vestido, com que a senhora deveria apparecer em proximo *baile diplomatico*, e encarregou ao Wallerstein da escolha da melhor modista, e de todos os ajustes com esta, e foi nisso promptamente servido.

Tudo correu por conta e responsabilidade do famoso logista, dictador da moda.

Não sei qual foi a modista preferida, mas ou por tardo reconhecimento de deficiencia do córte de seda, e falta de fazenda igual, ou por imprudentes estragos de tesoura, a tal modista para completar um *dos pannos da saia do vestido* dissimulou na barra deste, e do lado esquerdo uma emenda em fórma de triangulo finissima e quasi imperceptivelmente cosida, e ainda mais occulta por baixo de rendas e flôres.

Nem Christovão Colombo que descobrio a America nos desertos do oceano seria capaz de descobrir aquella emenda coberta por flôres e rendas na barra de um vestido.

A joven provinciana não deu com o escondido defeito, e applaudio-se do seu vestido que lhe pareceu e era realmente distincto, e tão distincto que produzio no baile o mais lisongeiro effeito.

Mas por isso mesmo no fim de pouco tempo algumas senhoras com seus olhos perscrutadores fizeram a descoberta da quasi invisivel emenda triangular!!! e umas por inveja e outras innocentemente pedirão á esposa do deputado explicações de semelhante novidade.

— Não sei ; respondeu a senhora meio confusa, e corando vexada ; não sei, o vestido veio-me do Wallerstein, que escolheu a seda, a modista, e tudo dirigio.

As curiosas ficarão como attonitas, ouvindo o nome do Wallerstein, e antes de terminar o baile, cada uma dellas já achava graciosa a emenda triangular dissimulada entre rendas e flôres ; nenhuma porém confiou ás outras a nova impressão que *aquella novidade* lhe causava.

Dez dias depois em outro baile, todas as curiosas apresentárão-se com riquissimas *toilettes* trazendo bem visivel ao lado esquerdo e junto á barra dos vestidos a emenda triangular : já porém exagerando a moda não só com a manifestação e com proporções maiores da emenda ; mas tambem porque esta como negligentemente feita repuxava com pequenos arregaços a barra do vestido, de modo a deixar ver a ponta do sapatinho de setim do pé esquerdo.

— Que extravagante e feia moda é aquella ? perguntavão algumas senhoras.

— E' phantasia... é emenda triangular á Wallerstein : respondião outras já informadas.

No dia seguinte o Wallerstein foi obrigado a responder a numerosas interpeleções, e a emenda triangular cahio no ridiculo.

Em 1841, por occasião das festas da coroação do Imperador, o Wallerstein regalou-se; todos os seus *alcaldes* sahirão da loja e fizerão farofa, como ultimas modas de Pariz da loja do Wallerstein.

Algun tempo depois, Mr. Wallerstein, o Napoleão da moda e da elegancia sem Waterloo imaginavel, farto de aurea colheita, e no apogêo da gloria dos *altos preços*, bateu as azas, e foi-se do Rio de Janeiro.

Le roi est mort : vive le roi !...

A casa mudou de nome e chamou-se *Masset*.

A loja *Masset* estreitou-se com a herança do brilho e da fama do Wallerstein; mas aos poucos teve competidoras de importancia, e não pôde manter por muito tempo a primazia inabalavel que gozára a do antecessor.

Ainda assim a loja *Masset* (a antiga), aliás sempre consideravel, me daria assumptos curiosos para encher algumas paginas destas Memorias; mas houve *Masset* — o antigo, e ha *Masset* moderno; a *antiguidade* do primeiro é *joven*, como o dia de hontem, e a *modernice*

do *segundo* é como menina, que hoje ainda faz travessuras, e portanto contemporaneas ambas não devo nem quero offender a modestia da *joven*, nem entender com a menina traquinas.

Nas *Memorias da rua do Ouvidor* sou e hei de ser cabeleireiro que só penteia cabellos brancos, quando não faz toucados para defuntos.

E apenas em frente da actual casa do *Grão-Turco*, reparo agora que este capitulo já se alongou demais, e que é indispensavel interromper a viagem que estou fazendo com os meus pacientes leitores.

Ancoremos aqui por hoje.

CAPITULO XIII.

Como em continuação da viagem pela *rua do Ouvidor*, mostra-se a casa que foi — *loja de perfumarias de Mr. Desmarais*, lembrão-se muitas das suas maravilhas, e modas de penteados — *tropa-moleque, a romantica estrada da liberdade*, etc., e diz-se como o sobrevivente dos dous velhos *Desmarais* retirado dos negocios, se conserva ainda robusto e sempre sympathico e alegre, e é hoje o mais habil dos amadores da pescaria de canhão nos mares de Nitherohy, o que faz suspeitar benigno influxo dos espiritos das bellas pescadoras da *rua de Aleixo Manoel*. Cumprimenta-se de passagem ao Sr. Bernardo Ribeiro da Cunha. Como á *proposito* das perfumarias da *rua do Ouvidor* incorre-se no *desproposito* de fallar dos antigos *tigres* que a frequentavão de noite; referem-se os infortunios ridiculos de um inglez e de um estudante de medicina; mencionão-se algumas reformas que houve em materia de despejo até a inexcedivel perfeição da *City Improvements*. O autor arrepende-se do assumpto de que por ultimo tratou, e, desapontado, fica no *canto*.

Um caminhante, homem de experiencia, dizia aos companheiros de jornada: « *de vagar, que eu tenho*

pressa. » Eu não digo o mesmo aos meus leitores, porque em viagem pela *rua do Ouvidor* não ha meio de andar depressa.

Uma duzia de passos além da casa do *Grão-Turco*, já é força parar em frente da de n. 84, onde ainda o anno passado (1877) se achou installado nada menos que o *Globo*, e agora se acha o *Economista*.

Ahi *outr'ora*, isto é, ha mais de meio seculo, floresceu, ou *rescendeu*, a primeira loja de perfumarias de que tenho noticia na *rua do Ouvidor*.

Contemporanea da casa de modas do *Saisset* ainda hoje é lembrada por celebridade cheirosa e sympathica a de perfumarias do *Desmarais*.

Erão dous irmãos os *Desmarais*, um, o mais velho, e primeiro chefe da casa, deixou no Rio de Janeiro prole de esmerada educação, mas pouco afortunada; o outro, successor do primeiro, vive ainda sem prole e sem fortuna, e Deus lhe prolongue a vida, porque mesmo sem ter loja de perfumarias, como d'antes, conserva tanto *cheiro de bondade*, que é realmente um velho attractivo.

A loja de perfumarias *Desmarais* teve no seu genero a gloria e a primazia de que gozou a do *Walerstein*; exerceu o governo e fez o encanto do nariz, dos cabellos, e das barbas da cidade do Rio de Janeiro; introduzio os preciosos segredos que

carbonisam a neve que a idade derrama sem piedade sobre as mais graciosas cabeças; acabou com as ultimas e mais pertinazes cabelleiras apolvilhadas e de rabicho, substituindo-as por melhores, e dissimuladas cabelleiras em favor dos calvos, e em soccorro de bellezas descabelladas; por força de logica reformadora, abolindo o polvilho, não ousou ou não soube então explorar o *pó de arroz* simples ou composto; mas em compensação brilhou em apuros do *nacar*, e até ganhou não pouco dinheiro em *moscas*.

Loja prodigio!... tornou como redivivos em *moças vivas* cabellos de *moças defuntas*, e deu ás *moças* já velhas o condão de deixar em sua passagem, e em seus vestigios suaves odores de juventude.

Essencias, sabonetes, escovas, suavissimas esponjas, adornos de toucador, vidrinhos de cheiro, espelhos, bonecas, cabellos annellados, etc.. só as do *Desmarais*, a que, eu o creio, chegavão encommendas até de Goyaz e de Mato-Grosso.

O que a loja *Desmarais* ganhou em *pentes* durante algum tempo depois de 1830 só o podem calcular aquelles que se lembrão das cabeças, não me atreverei a chamar *monstruosas*, mas chamarei *monumentaes* das senhoras do *melhor tom*.

Eram penteados *enormes* em torno de *pentes* que

os excedião, e tanto, e tanto que o povo eloquente nas denominações que inventa e impõe, fel-os chamar *pentes e penteados de—trepá moleque—* para indicar a sua altura.

A loja *Desmarais* fartou-se de vender os seus—*trepá-moleque!*—de palmo e meio de altos.

A moda dos—*trepá-moleque*—coincidio como a dos vestidos chamados de *mangas de presunto* pela semelhança da fórmula aliás exagerada com a dos *presuntos de Lamego*, de modo que as senhoras ostentavão então pequenos e irregulares balões aerostaticos por mangas de vestido, e o mundo da lua por toucado.

Sou de opinião que as mimosas jovens elegantes da actualidade não se-rião dos *trepá-moleque* e das *mangas de presunto* daquelle tempo, para não dar direito ás suas herdeiras de elegancia a rirem-se dos vestidos *ultra-negados* e dos *puffs occidentaes* das penultimas e ultimas modas.

Dos irmãos *Desmarais* o mais velho retirou-se do commercio, preferindo accupar-se da educação dos filhos a continuar na exploração das perfumarias.

O *Desmarais*, irmão mais moço ficou dirigindo a casa com intelligencia e natural amabilidade.

No tempo do seu florescimento houve revolução

nos bigodes e nos cabellos dos homens ; porque logo depois de 7 de Abril de 1831 forão *banidos* os bigodes dos militares, o que deu por certo mais trabalho aos barbeiros ; não porém aos cabellereiros do *Desmarais*.

Cerca de quatro annos depois introduzio-se vinda de França a moda dos cabellos longos e penteados em torno da cabeça ; não á *Voltaire*, como alguns chamavão, mas precisamente á *romantica*.

Em França tinha essa moda certo interesse, pois que era usada pelos cultivadores e apaixonados da escola romantica no theatro e no romance. No Rio de Janeiro não se observou semelhante significação litteraria ; mas os cabelleireiros do *Desmarais* tiveram de pentear diariamente cabellos á romantica em dezenas de cabeças ; porque a moda fez furor entre os estudantes, os moços, e até entre alguns velhos, muitos dos quaes se entregavão pacientes á longa applicação do ferro quente para se encrespem os cabellos.

E não se admirem de semelhante paciencia em homens ; pois que havia jovens vaidosos, afeminados tafues, que dormião com os cabellos em papelotes, como as senhoras ás vezes praticão !...

O *Desmarais* achava tudo isso muito ajuizado, porque vendia oleos, banhas e cosmeticos a fartar ;

e, ainda mais, quando a moda foi modificada pela *estrada da liberdade*, que separava os cabellos até o alto da cabeça em duas partes principaes, sendo a do lado esquerdo desproporcionalmente menor, excepto nos tafues afeminados e de peor gosto, que usavão a divisão dos cabellos em duas partes iguaes, como as senhoras em alguns penteados.

E fiquem sabendo os mancebos de hoje, a *estrada da liberdade* exigia perfeição mathematica em sua linha recta, e bem visivel a *largura* relativa da *estrada*, de modo que esta era em muitas cabeças, não só aberta pelo pente, como ainda *construida* pela navalha do cabelleireiro.

Os cabellos á *mal-content* ou á *escovinha*, começaram a usar-se naquelle mesmo tempo; mas tiveram pouca voga.

Depois de 1850, cansado de trabalhar, e já então com a antiga preferencia conferida á sua loja de perfumarias e de cabelleireiros habilmente disputada por competidoras iguaes e com o prestigio da novidade, o Desmarais não querendo ser João Fernandes onde fôra Cesar, tambem deixou o commercio; mas recolhendo-se á vida privada, não quiz deixar o Rio de Janeiro.

Em regra geral os negociantes francezes, estabelecidos no Brazil, ou pelo menos no Rio de Ja-

neiro, mais conhecido nosso, têm aqui as cabeças que calculão, os braços que trabalham, infatigável actividade que duplica o tempo, e zelozza economia que multiplica o capital, mas não arredão da França a alma que lembra, o coração que ama e a esperança de gozos de futuro no seio da patria. Não lhes quero mal por isso. Preferem a todos os paizes o seu paiz. Se isso é peccado, eu por mim sou peccador como elles.

Mas sempre é doce e grato á terra hospitaleira ver prender-se a ella o estrangeiro que a achou donosa e como boa amiga, ou amorosa mãe adoptiva.

Sympathica excepção (e nem é a unica) daquella regra franceza, a familia Desmarais ficou, ou toda ou quasi toda, no Brazil, e é digna delle.

E o velho, que foi o *Desmarais* irmão mais moço, lá está hoje infelizmente menos afortunado, mas sempre activo, suave, agradavel e brincador em doce ninho no bairro de S. Domingos, cidade de Nitherohy.

Já é septuagenario o sympathico Desmarais, robusto, porém, activo, dilligente, e alegre e espi-rituoso conversador; se fosse mulher, estaria em seu direito dissimulando quinze annos.

Os unicos entes que com justissima razão pode-

rião, se não fossem mudos, dizer mal e muito mal delle, seriam os peixes daquelle mar que banha o bairro de S. Domingos e de Icarahy.

Lá, em horas opportunas, que magistralmente conhece e determina, o velho *Desmarais*, de canhão ou de linha em punho, e com o sacco ou embrulho de estudadas *iscas* ao lado, vai á ponte das barcas, ás pedras do Gragoatá, ou a outros sitios de sua escolha, e anzóes ao mar, espera com verdadeira paciencia de pescador, e como o devoto mais fiel de S. Pedro o fructo das iscas que lança na agua.

O mais famoso entre os amadores da pesca em Nitherohy, elle ainda nos dias menos felizes tem o segredo de recolher boas *corócorócas*; mas é curioso vê-lo jubiloso, quando lhe traz o anzol alguma garoupinha, e entusiasmado ao pescar um robalo.

Este amor de pescaria deliciando em sua velhice o *Desmarais*, celebre iniciador das lojas de perfumarias na *rua do Ouvidor*, quem sabe, se não é magico e benefico influxo dos espiritos das primitivas e bellas pescadoras do mar, defronte do qual começava a rua de *Aleixo Manoel* ?...

Ainda uma ultima recordação da casa de Mr. *Desmarais*: foi della, onde era caixeiro, que sahio doutor de borla e capello em perfumarias o Sr. *Bernardo Ribeiro da Cunha*, para estabelecer loja propria,

que todos conhecem e que ficava do mesmo lado e muito vizinha daquella.

Que de tal pai tal filho se esperava.

Não quero occupar-me das perfumarias, dos cabelleireiros e dos mil artefactos e artificios da loja do Bernardo, porque ou por incontestavel direito de idade, ou por magicaturas da casa, elle ainda não se dignou envelhecer, e, continuando a florescer, não entra no numero dos *representantes do passado*.

Mas a loja do Bernardo tem uma condição especial devo que mencionar, como informação deixada a futuros indagadores de costumes e de curiosidades do nosso tempo.

A loja consta de sala de perfumarias, sala de cabelleireiros e de cortar cabellos, e sala instituição extra-commercial, discretamente recolhida no fundo da casa.

Na primeira sempre e ás vezes na segunda é constante e livre e como que publica a freguezia de conversadores politicos, economistas, diplomatas, etc., e o Bernardo não precisa dizer quem nellas está, porque todos vêm.

Na ultima, na discreta, si alguns pedem para

conferenciar particularmente nella, o Bernardo os introduz, retira-se, e com a maior innocencia deste mundo, si é interrogado, ignora sempre que haja alguém *lá dentro*.

E pelos diarios e successivos conversadores não dissimulados, e pelos conferenciadores da sala *extramuros* commerciaes a loja do Bernardo é uma caverna acustica, onde se ouvem os écos de todas as noticias politicas, industriaes, bancarias, scientificas, litterarias, theatraes, *et caetera*, quer verdadeiras, quer falsas; é o prodigioso oculo de alcance, pelo qual se vê tudo, e ainda mesmo o que não existe.

Na loja do Bernardo ouve-se de vespera o que no dia seguinte se lê na *Gazetilha do Jornal do Commercio*, e nos *Noticiarios* das outras folhas diarias, e o muito mais inexacto, que a imaginação inventa, e a credulidade espalha.

Em regra o Bernardo deixa fallar, e não escuta; e ainda que ouça, não falla, e sou capaz de jurar que elle faria entrar na mesma manhã um depois do outro na sua sala discreta o *Ganganelli* para conferenciar com alguns dos seus excommungados, e o *redactor do Apostolo* para explicar a politica do Vaticano aos conegos da capella imperial.

Mas em relação á philosophia positiva das

lojas de perfumarias o Bernardo começou a florescer em época de competencia e de concurso de emulas.

As lojas de perfumarias e de cabelleireiros a ellas annexos augmentarão em numero na *rua do Ouvidor*.

O Bernardo teve ao lado direito, e quasi de-frente lojas rivaes, e além abaixo e acima outras competidoras.

A *rua do Ouvidor* contou diversas lojas de perfumarias, e por consequencia devia ser a rua mais cheirosa, mais perfumada entre todas as da cidade do Rio de Janeiro.

E todavia não o era !...

Com effeito não havia nem ha rua mais opulenta de aromas, de perfumes, de pastilhas odoríferas, de banhas e de pomadas de optimo cheiro ; mas tudo isso encerrado em vidrinhos, em frascos e em pequenas caixas bonitas que mantinhão e mantêm a *rua do Ouvidor* tão inodora como as outras de dia.

Actualmente de noite observa-se o mesmo facto.

Naquelle tempo, porém, isto é, nos tempos do *Desmarais*, e ainda depois, a *rua do Ouvidor* era de noite e principalmente das oito horas em diante, horriavelmente mal cheirosa.

Época dos *tigres*.

Então o mais fetido e nauseabundo despejo das casas se fazia em *barris* não tampados que escravos e negros africanos do ganho levavão ao mar, e a *rua do Ouvidor*, de facil e recta communição com a praia, era uma das mais frequentadas pelos conductores dos repugnantes *barris*, das oito horas da noite até às dez.

A' esses *barris* asquerosos o povo deu a denominação geralmente adoptada de — *tigres* — pelo medo explicavel com que todos fugião delles.

Esse ruim costume do passado me traz á memoria informação falsa e ridicula que li, e caso infeliz e igualmente ridiculo, de que fui testemunha ocular e *nazal* em 1839, no meu saudoso tempo de estudante.

A informação é a seguinte :

Um francez (*viajante charlatão*) passou pela cidade do Rio de Janeiro, e demorando-se nella alguns dias, ouviu aos patricios da rua do Ouvidor queixas dos incommodos *tigres* que frequentes passavão alli de noite. Sabio e consciencioso observador que era, o viajante tomou nota do facto, e poucos annos depois publicou, no seu livro de viagens, esta famosa noticia :

« *Na cidade do Rio de Janeiro, capital do Imperio do Brazil, féras territeis, os tigres vagão, durante a noite, pelas ruas, etc., etc.!!!* »

E é assim que se escreve a historia !

O caso que observei, foi desastroso : mas de natureza que fez rir a todos.

Pouco depois das 8 horas da noite, um Inglez, trajando casaca preta e gravata branca...

Entre parenthesis.

Em 1839 ainda era de uso ordinario^o e commum a *casaca* ; o reinado do *paletôt* começou depois : muitos estudantes ião ás aulas de casaca, e não havia senador nem deputado que se apresentasse *desacasacado* nas respectivas Camaras : o *paletôt* tornou-se eminentemente parlamentar de 1845 em diante.

Fechou-se o parenthesis.

O Inglez de chapéo de *patente*, casaca preta, e gravata branca subia pela *rua do Ouvidor*, quando encontrou um negro que a descia, lavando á cabeça um *tigre* para despejal-o no mar.

O pobre africano ainda á tempo recuou um passo ; mas o Inglez que não sabia recuar, avançou outro ; o conductor do *tigre* encostou-se á parede que lhe ficava á mão direita, e o Inglez suppondo-se desconsiderado por um negro que lhe dava passo á esquerda, pronunciou a ameaçadora palavra *godemi*, e sem mais tirtete nem guar-te *honrou* com um soco britannico a face do africano, que, perdendo o equilibrio pelo ataque e pela dôr, deixou cahir o

tigre para diante e naturalmente de boca para baixo.

Ah ! que não sei de nojo como o conte !

O *tigre* ou o barril abysmou em seu bojo o chapéo e a cabeça e inundou com o seu conteúdo a casaca preta, o collete e as calças do Inglez.

O negro fugio acelerado, e a victima de sua propria imprudencia, conseguindo livrar-se do barril, que o encapellara, lançou-se a correr atrás do africano, sacudindo o chapéo em estado *indizivel*, e bradando furioso ;

— Pegue ladron ! pegue ladron !...

Mas qual — *pega ladrão !* — : todos se arredavão do innocente e mal cheiroso negro que fugia, e ainda muito mais do Inglez, tornado *tigre* pela innundação que recebera.

Era geral o côro de risadas na *rua do Ouvidor*.

O Inglez, perdendo emfim de vista o africano completou o caso com um remate pelo menos tão ridiculo, como o seu desastre. Voltando rua acima, parou em frente de numeroso grupo de gente que testemunhára a scena, e ria-se della.

Ainda hoje o estou vendo ; o Inglez parou, e sempre a sacudir o chapêo, olhou iroso para o grupo e disse, mas disse com orgulhosa gravidade britanica :

— Amanhã faz queixa a ministro de Inglaterra, e ha de ter indemnisação de chapéo e de casaca perdidas.

Ah! eu creio que então a melhor das risadas que rompêrão foi a minha gostosa, longa e repetida risada de estudante feliz e alegre.

E' inutil dizer que não houve questão diplomatica. A Inglaterra ainda não se tinha feito representar no Brazil por *Mr. Christie*, o unico capaz (depois do jantar) de exigir indemnisações do *chapéo e da casaca* que o patricio perdêra.

Não foi este unico desastre que os *tigres* occasionárão. forão muitos e todos mais ou menos grotescos, e sei de um outro (além do da encapellação do Inglez) occorrido na rua do *Cano* hoje *Sete de Setembro*. que de subito desfez as mais doces esperanças do casamento inspirado e desejado por mntuo amor.

O namorado era estudante, meu collega e amigo; estava perdidamente apaixonado por uma viuva, viuvinha de dezoito annos, e linda como os amores.

Uma noite a bella senhora estava á janella, e á luz de fronteiro lampeão vio o namorado, que aproveitando o ponto do mais vivo clarão illuminador, lhe mostrava, levando-o ao nariz, um raminho de lindas flôres, que ia enviar-lhe, quando nesse

momento o cego apaixonado esbarrou com um conductor de *tigre*, e embora não encapellado, foi quasi tão infeliz como o Inglez.

O peor do caso foi que a joven adorada incorreu no erro quasi inevitavel de desatar a rir, e logo depois, de fugir da janella por causa do máo cheiro, de que se encheu a rua.

O namorado resentio-se do rir impiedoso da sua esperançosa e querida noiva ; amoroso, porém, como estava, dous dias depois tornou a passar diante das queridas janellas.

Novo erro: a formosa viuva ao ver o estudante, saudou-o doce, ternamente ; mas levou o lenço á boca para dissimular o riso lembrador de ridiculo infortunio.

O estudante deu então solemne *cavaco*, e não appareceu mais á bella viuvinha.

Um *tigre* matou aquelle amor.

Com effeito, amor todo cheio de poeticos sonhos, não podia resistir á realidade fatal da materialissima influencia ridicula do *tigre*.

O estudante, noivo já infeliz antes de casado, não quiz expôr-se aos risos da noiva ainda depois do casamento.

E o *tigre* foi causa de morrer *viuva*, e de morrer

solteiro, ambos precocemente, aquelle par de ternos namorados.

A edilidade do Rio de Janeiro lembrou-se emfim de banir os *tigres*.

Mas não pensem que lembrar, querer e conseguir fosse obra de poucos dias, ou *fiat* de energica vontade.

Primeiro houve horas marcadas para o sahimento e despejo dos *tigres*, e praias determinadas e exclusivamente concedidas para o despejo delles.

Depois usárão-se para os despejos barris que pelo menos se proclamavão *hermeticamente fechados*, e depois carroças conduzindo em grandes caixas tampadas aquelles mesmos barris.

Finalmente veio como ultimo e inexcedivel melhoramento a *City Improvements* com os seus esgotos subterraneos : não ponho em duvida a excellencia do systema ; nego, porém, que tenha sido preceituosamente executado no Rio de Janeiro. Com certeza a *City Improvements* não é hermeticamente fechada ; frequentemente *respira* maleficios nas casas, e nas ruas da cidade, faz então lembrar o tempo dos *tigres*, e, honra lhe seja feita, em taes casos a *City Improvements* é *tigre colossal*.

Os typhos e as febres perniciosas tem muito que

agradecer aos evidentes defeitos do tal systema subterraneo que espalha miasmas subterraneos.

Até onde me levou a historia dos tigres! e que contraste, quando eu tratava das perfumarias da *rua do Ouvidor*!...

Pois não vou adiante.

Eu tinha ainda muito que referir da historia antiga deste quarteirão da *rua do Ouvidor*; tinha mesmo um pequeno romance de outro estudante que andava diariamente e sempre com o relógio atrasado para ter o gosto de acertal-o por pendula que não claudicava; até que uma vez quando o estava acertando, espirrou inesperadamente, e quebrou o relógio sem nunca ter podido adiantal-o.

Mas estou aborrecido do ruim e feio assumpto de que acabei de occupar-me e suspendo ou interrompo a viagem, ficando no canto da *rua dos Ourives*.

O meu desapontamento é tal que *fico no canto*.

CAPITULO XIV.

Como além da quina da rua dos *Ourives* temos logo de parar na do *Ouvidor* em face da casa n. 89, onde morreu este anno o *Diario do Rio de Janeiro*, orgão do partido conservador, e outr'ora batia moeda *Mme Josephine*, a mais celebre das antigas modistas: falla-se muito do passamento do *Diario* e da tesoura de *Mme. Josephine*. e logo depois estacamos diante da casa n. 103 não para comprar *machinas americanas de costura* que hoje alli se vendem; mas para lembrar a loja de *Mme. Pinot*, celebre florista; avivão-se recordações de cousas passadas ha mais de trinta annos, e entre ellas a de um lamentavel *amor anachronico*. Como emfim se conclue este capitulo, lembrando as *fundas* do velho *Vannet*, e a *livraria* e a *buzina* do *Albino Jordão*.

No Brazil ninguem morre enquanto não morre devéras de molestia *physica* e desaparecendo na cova do cemiterio.

Só assim, com esses testemunhos de obito; por que tem-se visto muita gente moralmente morta,

que de um dia para outro reaparece viva, sem que se saiba como, nem porque.

No commercio isso já é trivial, e em politica sedição.

Não admira, pois, que eu que, graças a Deus, nunca morri, e apenas no ultimo capitulo acabei mettendo-me no *canto* por muito vexado, hoje me desencante sem vexame algum para continuar a minha viagem pela *rua do Ouvidor*.

O *canto*, onde fiquei com os meus companheiros de viagem do capitulo antecedente, foi o da rua dos *Ourives*, e agora, passando além della para seguir viagem, temos já de estacar por alguns minutos defronte dessa casa antiga de dois pavimentos, do lado esquerdo, e de actual n. 89.

Ahi morreu este anno o *Diario do Rio de Janeiro*, uma lampada que se apagou por falta de azeite.

Eu estava no meu direito escrevendo a sua necrologia, e lamentando de coração a molestia que o matou; mas o *Diario do Rio de Janeiro* podia bem zombar de mim, dando novo exemplo daquelles mortos de que fallei, e que de subito reaparecem vivos.

Declaro que desejo e que havia de applaudir a revivificação do *Diario*, que viria demonstrar a vita-

lidade do partido conservador de que elle foi orgão nos ultimos annos.

Tenho-me por liberal de boa escola e por isso mesmo reputo necessario no nosso systema de governo e contrapeso do partido conservador.

O facto de suspender sua publicação o *Diario do Rio de Janeiro*, e de ficar na capital do Imperio sem orgãos de imprensa o partido conservador logo depois da sua quéda do governo, e de perder consequentemente a influencia official, não é airoso para elle, e é de grande inconveniencia para os negocios publicos.

O partido liberal quando em 1868 sahio do governo, fundou imprensa mais forte, e mais influente do que tivera na capital durante os cinco annos, em que estivera no poder.

Não vai nestas poucas palavras idéa de aggressão ou de dissimulada injuria ao partido conservador, ou á sua imprensa de lampadas que se apagarão por falta de azeite ; o que vai é simples estimulo para despertar o seu patriotismo ; porque a fiscalisação opposicionista, e a luta generosa dos partidos politicos na imprensa são indispensaveis á marcha regular do systema representativo,

No governo constitucional a censura apaixonada, e ainda mesmo violenta e injusta, é mil

vezes preferivel ao silencio sepulcral da imprensa da opposição.

O *Diario do Rio de Janeiro* não devia ter morrido, e tanto mais que sua redacção assetinada honrava o partido, cujos interesses politicos defendia.

Mas quem me mandou intrometter em cousas politicas capazes até de tornar *impolitica* e anarchica esta viagem pela *rua do Ouvidor*, que estou fazendo fraternalmenie com liberaes, com conservadores, com republicanos, e até com o *Apozto*lo e com o *Ganganelli* ?

É preciso emendar a mão, e ahi mesmo sem arredar os olhos dessa casa tradicional hoje de n. 89.

Numero 89!.... é verdade: foi erro do *Diario*, orgão conservador, tomar posto em tecto desse numero 89, que recorda a data mais anti-conservadora, e mais revolucionaria da França e do mundo.

Outra escorregadura para a politica!... agora juro corrigir-me de uma vez para sempre.

Tratemos de cousas sérias.

Nessa casa do actual numero 89 fazia ha mais de meio seculo, e durante muitos annos cortou e fez vestidos, toucados e enfeites de finissimos tecidos, mademoiselle, depois Mme. *Josephine*, a mais antiga e a mais famosa modista da *rua do Ouvidor*.

Ainda depois da chegada da Familia Real Por-

tugueza ao Rio de Janeiro em 1808 e até 1816 pelo menos, as senhoras da côrte e das familias ricas tinham criadas e escravas *costureiras*, e, em geral, as senhoras talhavam seus vestidos ou os mandavam fazer por *costureiras* de profissão; mas todas portuguezas ou brazileiras.

De 1810 a 1816 ou pouco além deste anno houve, entre outras ignoradas, duas irmãs muito procuradas como habilissimas *costureiras*: erão do Brazil e moravam na rua do *Fogo* hoje dos *Andradas*, e perto do então chamado *Largo da Sé*: sei os seus nomes; julgo porém, que não me é preciso declinal-os.

O certo é que *modista* foi planta nova e *franceza* que por ventura já se cultivava em outras ruas, quando em 1823 ou em 1824 começou a predominar na *rua do Ouvidor Mlle. Josephine*.

Não posso determinar precisamente o anno da revelação dessa celebridade: *Mlle. Josephine* foi talvez a primeira, e com certeza uma das primeiras, que marcaram a época da *hegira* das francezas para a *rua do Ouvidor*.

Mlle. Josephine foi a modista da primeira Imperatriz do Brazil, e, *portanto*, de todas as senhoras da côrte, e, *portanto*, de quantas outras senhoras tinham pais e maridos dispostos a pagar frequentemente a habi-

lidade e a fama da *modista*, cuja tesoura de imperial predilecção *cortava cara e desapiadadamente*.

E por isso mesmo era celebre, e a melhor possível, e a mais desejada a tesoura da incomparavel *Josephine*.

A casa da modista começára com a denominação de *Mlle. Josephine*; casando-se, porém, esta algum tempo depois com *Mr. Quelque Chose*, já era tanta e tão proveitosa a fama do nome da *modista*, que mulher e marido accordárão em conserval-o na designação da loja, que ficou denominada de *Mme. Josephine*.

Eclipse do marido que com espirituoso materialismo reconheceu quanto o nome da esposa valia mais do que o seu na grande realidade da vida.

E por isso mesmo, na ignorancia do nome do marido eclypsado, eu o chamei acima *Mr. Quelque Chose* que em bom portuguez se traduz por — *illustríssimo senhor Cousa Nenhuma*.

Em compensação *Mme. Josephine* foi grande cousa, e no seu tempo não houve modista que retalhasse mais fazendas e ganhasse mais dinheiro: ella era mais do que interprete fiel das modas de Pariz, era a propria moda.

Raramente e só obrigada determinava ou ajustava o preço do vestido que devia fazer: com o

seu portuguez afrancezado costumava dizer: « *Sou artista e ainda tenho de imaginar a minha obra: como hei de marcar o preço do vestido que vai sahir das inspirações que eu tiver?...* »

Não se resistia á modista que considerava o vestido que cortava e enfeitava como poema ou painel da sua tesoura

A *rua do Ouvidor* não póde esquecer e deve honrar a memoria de Mme. Josephine, que foi *matriarcha* das modistas francezas.

Se a *rua do Ouvidor* quizer algum dia ter as *suas armas*, não póde adoptar melhor emblema do que a *Tesoura*; mas precisamente a *Tesoura de Mme. Josephine*.

Rica e saudosa da França, a famosa *modista* depois de longos annos de trabalho e de economias, deixou o Rio de Janeiro, e lá na patria tomou o nome do marido, ficando por sua vez *eclypsada*, e perdendo a sua *autonomia*. Asseverão-me que em Pariz Mme. Josephine acabou pobre e muito triste por historia de *eclipse*.

Pouco adiante da casa n. 89 temos que demorar-nos de novo, considerando a de n. 95, placa, que é actualmente *Deposito de Machinas Americanas de Costura*.

Por mais interessantes que sejam as taes *machinas*,

a casa n. 95 só me fará recordar a *Loja de Flores* de Mme. Finot, uma outra das glorias passadas da *rua do Ouvidor*.

Mme. Finot (que por signal era *finissima*) floresceu (e não havia de florescer, sendo *florista*) ainda além do anno de 1850, tendo sido contemporanea, e no seu genero igualadora da fama de Mme. Josephine

Mme. Finot, a sacerdotisa do seu templo de Flora, fabricava e vendia flôres, ramalhetes, capellas e outros tecidos e obras de flôres artificiaes; mas, servindo a encomendas feitas, compunha lindos e elegantes ramos de flôres naturaes, incumbindo-se de comprar-as quando isso lhe pedião, e ganhando na incommoda commissão modestissimo lucro de duzentos ou trezentos por cento.

Se ella era *finissima!*

Em honra dos *objectivos* ninguem discutia o preço das flôres naturaes.

Entre os seus numerosos freguezes Mme. Finot contava indefectivamente no mez de Dezembro com todos os jovens doutorandos da escola de medicina, para os quaes preparava *muitas dezenas* de ramos de 100 e 200 cravos naturaes ornados de canotilhos; pois que então era de costume no acto solemne do recebimento do gráo offerecerem os novos doutores ramos de cravos aos lentes de sua predilecção.

Este costume acabou, ou porque Mme. Finot entendeu que erão de prata de lei os seus canotilhos, e rubins os cravos que enramava, ou porque alguns lentes da escola menos sympaticos achárão espinhos na festa de flores.

Em 1844, e ainda em 1845, Mme. Finot não achou flores que lhe bastassem nos jardins da cidade, e fez de sua loja activissima *casa de moeda*, emittindo cravos, rosas, violetas, cravinas, etc.

Em 1843, estreara-se na cidade do Rio de Janeiro uma pobre companhia de opera italiana, e nella a joven cantarina, a *Candiani*, a quem faltava muito a arte; mas que positivamente possuia a voz mais doce e commovente que se tem ouvido no nosso theatro de canto.

A *Candiani*, que tinha assucar nos gorgomilos, fez furor.

No anno seguinte, 1844, improvisárão em rival impossivel da *Candiani* outra cantarina de nome *Delmastro*: rompeu a luta apaixonada entre *Candianistas*, quasi todos, e *Delmastristas* em minoria furente.

Um diluvio de flores em cada noite de opera italiana marcava os triumphos da *Candiani*.

Mme. Finot prelibava sempre o odorifico preço de cada um daquelles diluvios.

O delirio era tanto, que até deu-se a um jasmim proveniente da provincia do Pará, e então novissimo na cidade do Rio de Janeiro, o nome de *Candiani*. Foi lembrança de estudantes, em gratidão aos quaes a cantarina em uma das noites de opera mostrou-se ao publico entusiasmado com o jasmim no peito: fação idéa do palmejar, e dos applausos freneticos que então houve!...

E quem mais *Candianista* se exaltava era Mme. Finot, que, quasi posso jurar-o, nunca tinha ouvido, nem jámais ouviu contar á *Candiani*.

Não sei, não posso dizer, se foi quando começavão a chegar de França as flores artificiaes do celebre Constantino, que principiárão a *murchar* as da loja de Mme. Finot, que foi aos poucos descendo do seu elevado e famoso pedestal.

Antes, porém, da época ou data da sua decadencia, Mme. Finot vio a sua loja amorosamente aristocratisada.

Avivarei recordação do que se passou em... não quero marcar o anno, foi depois de 1840; mas lembrando fraqueza humana, não levarei minha indiscrição até o ponto de declinar grande nome historico.

Dizem-me que Mme. Finot fôra bonita; mas no tempo em que pude e posso dar testemunho do que

ella me pareceu, devo crer que ella pertença ao *bello* sexo, sómente pelo facto de pertencer ao sexo feminino.

Em compensação porém ella ou por calculo, ou por *innocente* escolha reunia e expunha em sua loja uma pleiade de raparigas *floristas*, á nenhuma das quaes faltava o viço da mocidade, e á uma ou outra accrescia o dom de mais ou menos boniteza.

De uma dessas meninas se apaixonou *em retour de la jeunesse* um velho septuagenario, notabilidade politica da mais elevada posição social, titular...etc. ... sabio e poeta inspirado de antiga reputação.

Dia por dia lá se encaminhava a passos lentos e quasi rastejantes o illustre velho para a loja de Mme. Finot e alli ficava duas ou tres horas ao lado da menina que o encantára, lendo-lhe ás vezes ternos cantos poeticos que o pobre amor anachronico lhe inspirava.

No fim das duas ou tres horas de lyrismo o septuagenario apaixonado, combinando o proprio gosto com o preço da tolerancia da dona da loja, comprava bonitas e *caras* flôres que deixava nas mãos e ao collo da menina florista, e sahia para curtir saudades até o dia seguinte.

E logo que elle sahia, Mme. Finot sem riso nem careta, perfeita philosopha positiva, guardava

na gaveta o producto das flôres vendidas ao grande titular, enquanto as raparigas em zombarias mal abafadas mettião á bulha a menina adorada, a quem aliás invejavão aquelle amor que embora limitado ao gozo de poesias e de flôres, era em todo caso preferencia e distincção.

Durou alguns mezes este amor platónico e lamentavel de velho: veio pôr-lhe termo a morte deste.

Asseguravão alguns intimos amigos do notavel personagem que os cantos e lyras com que elle exaltava a sua ternura e a belleza da menina florista erão repassados de doce melancolia, magistraes sob o ponto da vista da arte, e sorprendentes na idade do poeta pela viveza da imaginação.

Ao presentir, porém, a morte o sabio arrependeu-se da misera fraqueza, e queimou seus ternissimos versos, extinguiu os testemunhos lyricos do amor de septuagenario por menina.

Depois desta indiscreta revelação de caso que muitos observarão, como eu, mas que por ventura já esquecido estava, não devo occupar-me mais de Mme. Finot, e por tanto — disse. E peço aos meus leitores tres *Ave Maria* para que Deus nos livre e guarde da fraqueza humana igual á daquelle varão illustre estadista, sabio e poeta, que ao aproximar-

se dos oitenta annos se apaixonou por menina florista de menos de vinte primavéras.

Neste quarteirão da *rua do Ouvidor* as celebrações se acotovelavão ao lado esquerdo.

Segue-se á casa n. 95 a de 97; á de Mme. Finot a florista, a casa, onde explorou boa mina de ouro, vendendo *fundas*, M. Vannet, um dos mais antigos francezes da *rua do Ouvidor*.

« Ouro é o que ouro vale. »

Ao velho Vannet servirão as *fundas* para *fundar* tão boa fortuna, que sem outra fonte de recursos, e sem esgotar o capital adquirido, elle fez construir a casa de tres pavimentos na mesma rua, esquina da de *Gonçalves Dias*, e hoje tambem celebre; porque nos pavimentos superiores se acha estabelecido o hotel *Frères Provençaux*, cuja nomeada é contemporanea e, portanto, não póde entrar nestas *Memorias*.

A casa n. 97 ainda conserva em tradicional taboleta o antigo letreiro: *Fabrica de Fundas do Vannet*; mas eu aposto que o seu actual proprietario e fabricante não será capaz de *exclusivamente com o producto da venda de fundas* levantar casarão igual áquelle que ficou mencionado.

Porque?...

Quem puder explique ou resolva este problema economico, e medicinal ou cirurgico. Eu que não sou

economista, nem medico pratico, apenas chego a comprehender a causa pelo modo seguinte :

No tempo do velho Vannet todos os homens que, por qualquer causa, se sentião com o que vulgarmente se chama *quebradura* ficavam realmente *quebrados*, e recorrião ao prudente soccorro das *fundas*; hoje em dia porém as *fundas* se tornárão muito menos necessarias; porque observa-se que alguns *quebrados* apresentam o curioso phenomeno de se acharem mais inteiros, e se podem *quebrar* duas vezes, isto é, a direita e á esquerda, avulta ainda mais a saude perfeita, de modo que as *fundas de Vannet* não têm mais a extensa procura do outro tempo.

Esta explicação póde afigurar-se demasiado *metaphysica*; mas eu asseguro que pelo contrario ella é filha legitima da *escola realista*.

Aquella casa n. 113, ainda do lado esquerdo, acanhada, estreita, mas de tres pavimentos, cujo letreiro chamador de freguezes annuncia o *Café de Londres*, e excellente *Restaurant*, foi levantada no lugar onde se mostrava a antiga e pequena casa terrea de duas portas, que ainda em 1838 era loja de livros do *Albino Jordão*.

Lembro-me sempre delle! lembro-me da sua modesta loja de livros novos e velhos, de obras encadernadas ou em brochura, que se vendião alli a barato

preço. Em meu tempo de estudante fui freguez do Albino Jordão, e entre outras obras, comprei-lhe as *Memorias Historicas* de Pizarro, e as *Memorias para servir á historia do Reino do Brazil*, do padre Luiz Gonçalves dos Santos, por alcunha o — *Perereca* —, as quaes de tanto soccorro me têm sido em estudos, como este que estou fazendo.

O Albino Jordão era, quando o conheci, homem já velho, vestindo sempre jaqueta, e desde muito *cégo e surdo*. Contra a cegueira não tinha recurso, que não fossem a memoria sorprendente e o tacto explicavelmente aprimorado; contra a surdez, que não era completa ou absoluta, soccorria-se de famosa e tradicional *buzina*, que o fazia ouvir o que os freguezes da loja procuravão.

Albino Jordão tinha dous ajudantes, meninos ou rapazes de quatorze a dezeseis annos, de instrucção nulla e de pouco zelo: quando elles, porém, não servião de prompto a algum freguez, e demoravão-se, procurando o livro pedido, o *cégo* levantava-se da sua cadeira, punha a *buzina* ao ouvido, e sciente do que se pedia, hia sempre certo e sem nunca enganar-se, tomar o livro na estante e no lugar onde estava, ainda mesmo quando lhe era necessario subir por pequena escada portatil para ir buscal-o.

Erão na verdade admiraveis a memoria, o tacto, e o tino que a cegueira apurava naquelle velho cego; mas para que podesse tanto, era só e exclusivamente elle o ordenador, e collocador dos livros nas estantes da sua loja.

Albino Jordão foi, como livreiro, contemporaneo dos notaveis e celebres *livreiros* Saturnino, João Pedro da Veiga e Evaristo Ferreira da Veiga, filhos do primeiro; mas em sua loja, que não podia rivalisar com a daquelles, vendia em geral obras já usadas, livros em *segunda mão*, e portanto baratissimos, e se por isso deve ser tido em conta do primeiro *alfarrabista* da cidade do Rio de Janeiro, foi de tanto proveito para o publico, e de tão sã consciencia na sua industria, que nunca lhe caberia o *nome feio* que os estudantes do Imperial collegio de Pedro II derão ao vil *belchior* de livros velhos estabelecido na vizinhança daquelle collegio da rua de S. Joaquim, nome um pouco obsceno que a principio se estendeu a todos os chamados hoje *alfarrabistas*.

A *rua do Ouvidor* deve perpetuamente lembrar o seu *Albino Jordão*, o primeiro livreiro que teve, o precursor, ou antecessor dos Srs. Laemmert, Garnier, e ainda outros, o Albino Jordão, emfim, cuja *buzina* foi tão famosa, como a thesoura de Mme.

Josephine, e muito mais util do que ella, se as
minhas Exmas. leitoras permittem que eu assim o
pense.

CAPITULO XV

Como em viagem pela *rua do Ouvidor* entramos no quarteirão que demora entre as de *Gonçalves Dias* e da *Uruguayana* e não achando ahi casas celebres no passado, vejo-me baldio de materia, e por isso mesmo fallo mais do que nunca, occupando os meus companheiros de viagem com observações sobre os *bonds*, e sobre o famoso e visinho *Alcazar*, depois chamado *Theatro Lyrico Francez*, planta damninha que nos veio de França. Como enfim conto curiosa historia que é da *rua do Ouvidor*; mas que eu não digo nem quando, nem em que loja de modista se passou: dou á historia fórma de romance, e nella muitas lições moraes, e principalmente a ultima, que é de fazer arripiar os cabellos.

O quarteirão da *rua do Ouvidor* que fica entre as ruas de *Gonçalves Dias* e, antiga da *Valla*, hoje da *Uruguayana*, não me lembra casas celebres, nem factos, que não sejam da actualidade.

O futuro continuador das *Memorias da rua do Ouvidor* (na hypothese de que ella venha a tel-o) terá

muito que escrever sobre este quarteirão que deixo sem *nota*, e que desde tres lustros tanto *lustre* tem adquirido, e que de tantas *notas* póde ser objecto.

Dous factos marcarão o seu florescimento que é do nosso tempo.

O primeiro foi a vizinhança do *Alcazar*, depois chamado *Theatro Lyrico Francez*, que se fundou na rua então ainda denominada da *Valla*, e muito proximo da *rua do Ouvidor*.

O segundo foi a instituição dos carros urbanos, a que o povo deu o nome de *bonds*; porque o seu serviço começou mezes depois que o visconde de Itaborahy, ministro da fazenda, realisou em 1868 a operação financeira de emissão de *bonds*, de que muito se occupou pró e contra a imprensa.

A's linhas de *bonds* de Botafogo e das Larangeiras com seu ponto de partida inicial e de chegada terminal na rua de *Gonçalves Dias* quina da *do Ouvidor*, seguirão-se mais tarde as de Villa-Isabel com seu ponto de partida e chegada na rua da *Uruguayana* junto da *do Ouvidor*.

Ora, bastarão os *bonds* nos dous extremos desse quarteirão esteril no passado para tornal-o florescente e com certeza rico de episodios romanescos, que amenisarião muito as memorias do tempo.

Antes porém dos *bonds* o *Alcazar* já tinha elec-

trizado muito este *departement* da França da *rua do Ouvidor*.

As cantarinas do *Alcazar*, artistas indefectivamente *arteiras*, frequentavão de preferencia o quarteirão, onde muitas tinham o seu quartel, ou como andorinhas fazião o seu verão.

Não ponho mais na carta; porque dos principios tirão-se as consequencias.

Tenho a cahir-me do bico da penna uma enchente de reflexões; mas para não *amolar* demais os meus companheiros de viagem, limito-me a escrever breves palavras, que são de irresistivel impulso.

Maligna foi sob todos os pontos de vista a influencia do *Alcazar*. venenosa planta franceza, que veio medrar e propagar-se tanto na cidade do Rio de Janeiro.

O *Alcazar*, o theatro dos trocadilhos obscenos, dos kan-kans e das exhibições de mulheres seminúas, corrompeu os costumes e aticou a immoralidade.

O *Alcazar* determinou a decadencia da arte dramatica, e a depravação do gosto.

O *Alcazar* francez propagou o seu veneno em *Alcazares* de maculada lingua portugueza, que se fôrão chamando — *Jardim de Flora*, *Cassino* (o antigo; pois que honra lhe seja feita, o artista Furtado Coelho

no seu *Cassino* sabe resistir á peste) e outros mal chamados theatros.

A minha censura não é tão cruel, que negue perdão a empresarios e artistas dramaticos (alguns de merecimento real), que se abatem e se amesquinhão, servindo á depravação do gosto do publico: elles são todos pobres, querem viver, querem pão, não podem prescindir do *pão* quotidiano, e já fazem muito, quando evitão as indecencias da scena corrompida com o recurso de dramas phantasticos e magicos.

A influencia epidemica, perniciosa, *palustre* do Alcazar foi tal, que o *Rossi* e o *Salvini* tiverão no Rio de Janeiro algumas noites quasi sem publico, e que para não lhe acontecer o mesmo, forão precisos á *Ristori* todo o prestigio de seu sexo, e todo o opulentissimo e inesgotavel thesouro do seu genio admiravel e da sua profunda mestria artistica.

João Caetano dos Santos, o inspirado, o sublime adivinhador dos segredos de arte de *Rossi* e de *Salvini*, João Caetano, verdadeiro genio do theatro brasileiro, o grande triumphador do nosso palco dramatico, morreu felizmente a tempo para não morrer desesperado em face das preferencias dadas pelo publico ás obscenidades de trocadilhos, ao kan-kan e á semi-nudez das artistas-arteiras do Alcazar.

E o satânico *Alcazar*, que debalde corrigio depois em parte as exagerações do desenfreamento scenico, deixou-nos até hoje, e nem sei até quando, sem theatro dramatico nacional, ao menos regular.

Talvez que alguns pensem que a lamentavel falta de bom theatro dramatico seja de pouca importancia.

Positivamente assim não é.

No theatro póde-se tomar o pulso á civilisação e á capacidade moral do povo de um paiz.

O theatro é cousa muito séria. E' a mais extensa e concorrida escola publica da boa ou da má educação do povo.

E agora reparo que discorrendo um pouco sobre o *Alcazar*. metti-me em assumpto que é estranho á *rua do Ouvidor*.

Hão de dizer que é penuria de materia.

Enganão-se.

Se eu *puédesse* escrever tudo quanto sei da *rua do Ouvidor*, encheria dous ou tres volumes, e ainda me ficaria que dizer.

Vou dar uma prova :

Já declarei que o quarteirão, por onde estou agora viajando com os meus leitores, não me apresenta casas celebres no passado, nem tradições ou reminiscencias curiosas.

Pois bem : acho excellente o lugar e o ensejo

para contar uma historia um pouco melindrosa, cujo desfecho se passou em uma casa de modista da *rua do Ouvidor*.

O que porém não direi é o nome da modista, nem onde era a sua loja, e muito menos incorrerei na indiscrição de indicar o anno em que deu-se o caso.

O melhor é que os meus companheiros de viagem fação de conta, que lhes conto um romance, procurando divertil-os.

Seja um romance da *rua do Ouvidor* criado pela minha imaginação, e por isso mesmo lá vai com tal qual *fôrma* de romance.

Julia era ainda joven e de muito delicada sensibilidade: havia cinco annos que se casára por amor; mas no fim de cinco semanas depois do casamento Frederico, seu noivo, tornára ao culto frequente da sua apaixonada distracção do tempo de solteiro.

Frederico era doudo pela caça; e por corridas de pacas na serra da Tijuca, ou de veados ainda mais longe da cidade, ás vezes deixava Julia tres, quatro e seis dias entregue ás desillusões dos sonhos poeticos do passado, e exposta a novas illusões de sonhos do presente e do futuro.

Peior ainda: Frederico e Julia erão ricos, e

Julia não tinha occupação em que empregasse o tempo.

Que rêde de perigos para aquella esposa!...

Juventude, idade de flammas e de imaginação a desnortear a vida real;

Sensibilidade, muito excitavel que é porta que se abre facil ás tentações do diabo;

Ociosidade, menor ou maior serie de zeros susceptiveis de se escreverem á direita da parcella do peccado;

Marido caçador apaixonado, ausentando-se frequentemente por dias da esposa deixada em solidão propicia aos sonhos da imaginação;

E além desse outro perigo, o ponto mais fraco da fortaleza da virtude feminil, que não indiquei em primeiro lugar porque estava subentendido — a *vaidade feminil*.

E Julia era vaidosa, mesmo tão vaidosa, como um homem, que elevado a barão ou a visconde do seu dinheiro, toma balda e fumaças de *fidalgua*.

(Creio que chamei *tola* por vaidosa a Julia do modo o mais cortez que me era possivel).

A evitar e vencer esses perigos havia o encanto do amor: os dous esposos amavão-se com effeito ternamente; mas Julia amava só — seu marido —; e Frederico adorava além de Julia as pacas e os

veados, o que desequilibrava um pouco as proporções do amor de uma e de outro.

Felizmente além do amor, Julia possuía o thesouro da virtude.

Pois bem, ou antes, *pois mal*, em cinco annos de casamento, Julia tivera apenas *cinco semanas* de enlevadora e perfeita *lua de mel*, e turbára-se e doêra-se, vendo que depois de um mez e poucos dias de exclusivo dominio de formosa noiva, as pacas e os veados erão rivaes, que repetidas vezes lhe usurpavão por dias os zelosos cuidados e os affagos do esposo.

Este romance é cheio de lições moraes, e a moralidade do seu principio é o seguinte :

Homem *caçador* phrenetico tal qual o era Frederico, ou deve ser perpetuo celibatario, ou casando-se com senhora joven, sensivel, rica, ociosa, e está subentendido, vaidosa, cumpre-lhe renegar o culto da caça, e não podendo fazel-o, levar a esposa ás corridas de pacas e veados, tornal-a sua socia, sua Diana caçadora, para não expol-a a ficar em solitário abandono — doce objectivo de outro muito condemnavel, reprovado, mas indignamente observado genero de caça.

E foi isto, foi o caso de — doce objectivo, — o que veio atormentar Julia por frequentemente aban-

donada pelo marido caçador, sendo ella tão joven (casara-se aos 18 annos de idade), tão linda e tão vaidosa, tão sensível, tão rica e ociosa.

As ausencias de Frederico que no primeiro e segundo anno de casamento limitavão-se a tres ou quatro dias, estendêrão-se depois a seis e oito.

Nos tres primeiros annos Julia escrupulosamente encerrada em sua casa esperava saudosa a volta do seu Nemrod, indicando o seu desgosto em aversão pronunciada na mesa do jantar aos pratos de pacas e de veados; mas no fim de tres annos acabou por manifestar-se francamente aborrecida do isolamento, á que se via condemnada durante os dias de caçada de seu marido.

E Frederico respondeu a Julia, abraçando-a :

— Tens mil vezes razão, meu querido anjo!... mas eu ainda não me lembrei de oppôr-me a que visitasses, e recebesses as tuas amigas...

A joven esposa que declara ao esposo que se aborrece muito de ficar só seis e oito dias, enquanto elle a esquece, divertindo-se a caçar pacas e veados, evidentemente deixa ouvir séria prevenção, que apenas dissimula diluvios de ameaças nestas duas não ditas, mas adivinhadas palavras:— veja lá!

E o marido que, teimando em suas ausencias por paixão de caçador, ou por alguma outra semelhante,

responde á prevenção da esposa, dizendo-lhe :— *visita as amigas e recebe suas visitas*, isto é, faze por distrahir-te, enquanto estou longe me distrahindo, não diz, mas quasi que está dizendo :— *fecho os olhos pela confiança*.

Mas a *confiança* de Frederico tinha o defeito de afigurar-se lisongeiro pretexto para a continuação das suas caçadas, que deixavão a joven, sensível, vaidosa, rica e ociosa esposa sem cultos de amor.

Julia aceitou o conselho do marido, e na ausencia delle procurou e recebeu a sociedade de suas amigas.

E um dia... o acaso...

Nestas historias sempre apparece bello e tentador o demonio com o nome ou com a alcunha de *acaso*.

Um dia Julia, indo ver uma de suas amigas, por *acaso* achou-a cercada de escolhida e elegante companhia, e por *acaso* tambem fazia parte da companhia um mancebo *fatalmente* chamado *Arthur*.

Nestas historias tambem é de regra que appareça sempre um *Arthur*, cujo nome, *Arthur*, é outra já cançada alcunha romanesco-seductora que o diabo costuma tomar.

Arthur aos trinta annos de idade estava no maior viço da belleza varonil, era de alta estatura, muito bem feito, e vestia-se com o melhor gosto.

Ou seduzido pela belleza de Julia, ou simulan-

do-se nessa lisonjeadora situação, Arthur immediatamente enamorou-se da joven esposa do caçador ausente, ou antes namorou-a, e fez-lhe a mais doce côrte, zelando todavia respeitosa circumspecção, que ainda mais o recommendou.

Julia mostrou-se *tão sabia*, quanto póde sêl-o uma joven desvanecida de seus encantos: não animou de modo algum a côrte que lhe era feita; mas fingia não perceber-a para não ser obrigada á repulsal-a.

De volta á sua casa, e ao destoucar-se diante do espelho Julia lembrou-se de Arthur; no dia seguinte porém deixou de lembral-o, recebendo Frederico depois de oito dias de ausencia.

Correu feliz um mez para a amorosa esposa, que aliás de todo indifferente vio por vezes Arthur a admirar-a no theatro, no baile, ou em encontros casuaes.

Mas passado o ditoso mez, Frederico partio para a caça; Julia foi distrahir-se da solidão, visitando as amigas...

E Arthur no caso!...

Resuma-se a historia.

No fim de um anno tanto caçara pacas e veados o marido Nemrod e tanto se estremara surrateiramente o habil e artificioso Arthur, que Julia, joven, sensível, vaidosa e sonhadora de illusões na ociosi-

dade, apenas se mantinha recatada pela sua nobre virtude.

Mas no intimo do coração a esposa do caçador incorrigivel sentia-se docemente agradecida ás finezas e ao amor do bello Arthur.

Se Julia não escondesse e abafasse tão cuidadosa essa *especie* de gratidão, seria tal sentimento um começo pelo menos de *amor platónico*.

E o *amor platónico* é ainda outra alcunha que o diabo toma, quando quer empurrar para o abysmo alguma triste victima.

Infelizmente a tal *especie* de gratidão por mais que se dissimule, sempre se atraicôa: é uma especie de violeta, cujo perfume a denuncia.

Eu não sei, nem talvez Julia soube, como Arthur descobriu o segredo daquelle sentimento; mas descobri-lo e apertar o cerco da fortaleza foi o que activamente fez o já esperançado conquistador.

Esforço baldado! Frederico caçava; mas o baluarte não se rendia.

Arthur ousou escrever a Julia; esta porém, negou-se a receber a carta; em opportunos ensejos de reuniões em que se encontráráo, Arthur tentou por vezes levar, attrahir, arrastar Julia á conveniente conversação que lhe facilitasse já desnecessarias, mas insidiosas declarações de seu amor, e a joven

senhora casada sempre achou optimos pretextos para cortar-lhe a palavra, ou distanciando-se do *tentador*, ou fallando-lhe do sol e da chuva.

Mas Julia não pensava que assim cumpria apenas metade do seu dever, e que continuando por *vaidade* e por aquella *especie de gratidão* a tolerar nas sociedades a aproximação, a palavra, e a cõrte embora decente do mancebo que evidentemente se mostrava seu apaixonado, quasi que o autorizava a *apertar o cerco da fortaleza*.

Porque em materia de cumprimento de dever — ou tudo ou nada. — O dever não tem metades, é, ou não é, cumpre-se todo e á risca, ou incompleto deixa de ser cumprido.

E, consequencia logica daquella aberração do dever, cujo cumprimento ficará em metade e, portanto, moralmente nullo, eu ainda não sei como foi e creio e devo crer que Julia tambem não o soube, deu-se o caso do singular desfecho deste romance.

Artur queria a todo transe um momento, alguns minutos, uma hora, em que a sós com Julia pudesse ajoelhar-se a seus pés, e beijar-lhe, uma vez ao menos, as mãos pequeninas e lindissimas.

Perdera tempo e eloquencia, tentando dirigir-se directamente á joven senhora.

Mudou de plano, e appellou para ataque de surpresa.

Eu digo de surpresa, porque seria capaz de jurar que Julia foi estranha ao trama condemnavel e compromettedor de sua virtude.

Arthur informou-se de quem era a *modista* de Julia na *rua do Ouvidor*, e de bolsa aberta e convencendo a modista de *connivencia* que não havia, preparou cilada perversa e infernal.

A *modista* mandou annunciar a Julia que acabava de receber de Pariz *delirantes toilettes de phantasia*, e que a esperava no dia seguinte para dar-lhe a primazia na escolha dos mais eclypsadores.

E' claro, e evidente que então andava Frederico, o Nemrod, ausente em *caçada*.

Julia não faltou, era impossivel que faltasse ao emprazamento da sua *modista*, e esta notou ou fingio notar que a joven senhora entrava commovida e hesitante em sua loja...

Sem duvida, nessa observação andou malicia da franceza que de ante-mão quereria preparar desculpas. Eu não creio que Julia tivesse entrado na loja nem commovida, nem hesitante.

A bonita e vaidosa senhora examinou e escolheu tres ou quatro toilettes, e a convite da mo-

dista subio ao pavimento superior para experimentá-los em sala apropriada.

E poucos momentos depois de antrada na sala, a modista sahio, pretextando ir buscar alfinetes que não achava no toucador.

Apenas a modista passou além da porta, rompeu de gabinete contiguo o bello e audacioso Arthur, que se prostrou de joelhos aos pés de Julia, e quiz tomar-lhe as mãos para beijal-as.

Coincidencia notavel!... No momento em que Athur cahia assim ajoelhado aos pés de Julia, Frederico disparava tiro certo sobre uma veadinha que expirou ferida no coração.

Mas Julia sorprendida, assustada e nervosa como era, desmaiou, cahindo em uma ottomana.

Entenda-se: desmaiou realmente.

Arthur, que estava de joelhos e ia improvisar eloquente discurso que trazia de cór, levantou-se attonito, vendo Julia desmaiada.

Que havia de fazer? ir chamar a modista ou gritar por ella era comprometter a reputação da innocente senhora.

Arthur lançou-se para a mesa do toucador, tomou lindo frasquinho de caprichosa fórmula, que pelo lugar onde estava, deveria conter agua de colonia ou alguma essencia aromatica, abriu o frasquinho,

e precepito levou-o ao nariz da joven desmaiada; como porém lhe tremessem as mãos, derramou parte do liquido no formoso rosto.

Ah!... o liquido que o vidro continha, era tinta de escrever!...

A modista que certamente procurava alfinetes muito ao perto, acudio logo, e Arthur sem mais demora nem ancioso cuidado partio em retirada tão discreta, que as costureiras da loja que não o tinham visto entrar, não o virão sahir.

Mas ainda bem que, sedutor perverso e ainda infeliz em seu ultimo plano insidioso e malvado, nem ao menos conseguira beijar as brancas, pequeninas e assetinadas mãos de Julia.

A bella joven desmaiada não tardou muito em tornar a si, soltando magoado suspiro: logo depois volveu em terno os olhos, e não vendo Arthur, endireitou-se na ottomana, encarou de face a modista, e quando pôde fallar, murmurou resentida:

—Que traição!...

A modista immodesta, cruel, e ageitando inverosimil defesa, respondeu docemente:

—Pardon, madame!... eu foi enganada por confiança de *rendez-vous* ajustade..

Julia levantou-se indignada ao novo ultraje daquella suspeita injuriosa á sua virtude, e adi-

antou-se dous passos, evidentemente para retirar-se.

—Madame, não póde sahir assim, disse a modista.

E Julia, obrigada a estacar diante do espelho, vio nodoas de tinta prêta em seu rosto, e ainda no corpinho de seu vestido branco.

Ccm effeito era impossivel descer á loja, e subir á sua carroagem, e mostrar-se ao publico *assim*, como dissera a modista.

Fiuissima esponja, odorifero sabonete e agua limpida restituiram ao rosto de Julia sua brancura immaculada; mas o corpinho do vestido, a que tinha chegado a tinta de escrever?... era indispensavel pelo menos uma e longa hora para regeneral-o lavado, seccado, e engommado.

Julia ardendo por fugir da casa traiçoeira, sujeitou se a extremo recurso, trocou seu rico vestido branco por uma das toilettes de fantasia, que escolhêra.

Mas quando ella atravessou a loja e foi tomar á porta o carro que a esperava, a mais maliciosa das costureiras ao vêl-a já de costas e distanciada, disse ás companheiras:

—Que historia foi essa?... ella entrou vestida á *vestal* e agora sahe *fantasiada*?

Moralidade do romance: ás senhoras honestas não basta sê-lo, é indispensavel não parecer que deixão de sê-lo.

Julia trocou a *sua especie de gratidão* ao namorado Arthur por desprezo profundo.

E depois do seu desmaio na casa da modista corrompida, tomou gosto por caçadas de pacas e de veados, aprendeu a atirar de espingarda, venceu nervosos estremecimentos de medo, tornou-se mestra na certeza e na promptidão do tiro, e com indizível e delirante paixão do seu Frederico fez-se Diana caçadora e socia constante do seu marido Nemrod.

CAPITULO XVI

Como por fim chegamos em nossa viagem ao ultimo quarteirão da *rua do Ouvidor*, e logo encontrámos em pequeno sobrado á mão direita a *Chiquinha*, formosa e muito leviana ou immodesta rapariga, de quem foi ditoso apaixonado em 1822 o illustre e benemerito patriota Joaquim Gonçalves Ledo, mais feliz do que o poeta Bernardo Avelino, vizinho da Ziquinha, e que por pobre desmerecia os seus agrados; recordão-se notaveis acontecimentos politicos, e a fuga de Ledo para Buenos Ayres, entrando por capricho delle a *Chiquinha* na historia. Como, emfim, se fazem notar a casa de sobrado do visconde da Cachoeira, e deste se trata, e defronte a pequena casa terra, onde em Maio de 1869 se fundou a *Reforma*.

Adivinho que os meus companheiros de viagem sentem-se possuidos da mais doce consolação ao entrar no ultimo quarteirão da *rua do Ouvidor*, onde tem de receber as minhas despedidas e de respirar livres de mim.

A consolação realmente é pouco lisongeira para

o meu amor proprio de *memorista* ; é, porém, muito natural que desejem viajantes, e ainda mais viajantes obrigados, chegar ao termo de suas fadigas.

Podem crer que eu, tambem estou cansado de tão longa viagem, e tanto mais que chega já a me parecer meu destino o ter de repetir o que disse o Lopez do Paraguay, quando fugia, *subindo a serra* : « Il faut finir pour comencer. »

Sigamos pois ; mas preparem-se, armem-se de paciencia os meus companheiros e leitores ; porque, neste pequeno quarteirão, temos muito que ver e que lembrar.

Logo na quina da rua, então chamada da *Valla* e agora da *Uruguayana*, a *rua do Ouvidor* apresentava ao lado esquerdo a casa de tres pavimentos, que ainda hoje se vê, e que abre porta e corredor de entrada para aquella tendo defronte na quina do lado direito casa de dous pavimentos ou sobrado de um só andar, como actualmente se conserva.

Ambos esses tectos devem guardar, senão importantes, ao menos curiosas recordações.

Foi no segundo desses sobrados, no de um só andar e ainda então mal acabado, que em 181..., desembarcando na cidade do Rio de Janeiro, se abrigarão *José Clemente Pereira*, que tão elevada posição social tinha de occupar no Imperio do Brazi

e o *Macamboá*, que ahí começou a exercer modestamente a advocacia, e que em 1821 celebrizou seu nome na *bernarda* de Fevereiro.

O outro, o sobrado de dous andares gozou, em 1822, fama occasional e ephemera, mas um pouco romanesca.

Habitava, não sei desde quando, em um dos pavimentos superiores dessa casa, ou occupava ambos, moça de belleza tão notavel, como de costumes faceis e sem escrupulos. Era, dizem, lindissima de rosto, e seu corpo ostentava fórmãs, contornos admiraveis, que um estatuario tomaria por modelo; mas infelizmente, pobre mulher sem recato, era anjo decahido, infeliz transviada.

Natural da provincia de Minas-Geraes, tinha vindo para a cidade do Rio de Janeiro talvez muito recentemente, porque era ainda bem joven, pouco mais de vinte annos contando; havia, porém, no seu passado de *hontem*, de menina, lá na provincia natal algum segredo de sinistro amor, como o da *Perpetua-Mineira*; mas ao contrario desta nos primeiros tempos da *saleta de pasto á mineira*, era tão alegre e parecia tão feliz no seu transviamento, que se afigurava não ter consciencia da sua degradação na sociedade.

Vivia só com uma escrava africana ou alugada ou propria.

Essa linda moça era geralmente conhecida e tratada pelo diminutivo do seu nome baptismal; como porém *tenho algumas duvidas* sobre elle, dou-lhe o nome de Francisca, e fica entendido que a tratavão por *Chiquinha!*

E convém ainda dizer que a *Chiquinha* peccava por seus *costumes faceis e sem escrupulos*, como já escrevi; mas estava longe da pratica escandalosa do vicio que hoje tão numerosamente corrompe e envergonha a cidade do Rio de Janeiro.

Ella era *transviada*, mas do genero em que se mostrou a *Perpetua-Mineira*, no ultimo periodo de sua vida: sophismava quanto podia a indignidade de sua vida.

Ao lado esquerdo da rua seguião-se casas quasi todas terreas, e muito mais afastado para o *largo de S. Francisco de Paula* o espaçoso sobrado de *Luiz José de Carvalho e Mello*, depois *visconde de Cachoeira* (que será opportunamente lembrado).

Ao lado direito depois do sobrado da esquina alínhavão-se casas tambem terreas, em uma das quaes, talvez na que foi mais tarde *pharmacia Soulier*, ou em outra abaixo, morava o pouco afortunado *Bernardo Avelino* que provavelmente devia sua ingrata fortuna ao facto de o terem em conta de *poeta*; porque rimava com facilidade, e muitas vezes com

felicidade, compondo sonetos, glozando quadras, e escrevendo cantos poeticos que tiverão sua voga; mas não rendião dinheiro.

Taes erão os dous principaes, conhecidos e nomeados ou distinctos visinhos da bella *Chiquinha*, que com o seu rosto todo branco lyrio sem auxilio de pó de arroz nem de *velutine*, com suas faces de rosas sem soccorro de carmim, com seus cabellos pretos e longos, que excluião a idéa de crescentes de hoje, com seu corpo tão bem feito, e de fórmãs tão graciosas que repudiava como insulto a ousadia de um postiço, reclamava e impunha adorações; mas só as recebia ou de caprichosa escolha, ou de inconfessavel interesse.

Luiz José de Carvalho e Mello, o visinho do lado esquerdo da rua, homem illustrado e estudioso, grave, respeitavel, honradissimo magistrado, de posição official distincta e honesto chefe de familia, não dava a menor importancia aos merecimentos physicos da *Chiquinha*, e esta de todo menosprezava o poeta, vizinho do lado direito, que se sentia sempre do lado sinistro, quando se mettia a fazer a côrte quer em prosa quer em verso á linda moça.

Mas evidentemente a *Chiquinha* não era assim cruel por inimiga da poesia, e dos homens de es-

pirito brilhante, pois que se deixára captivar em 1822 pelo mais elegante e mimoso dos escriptores da época, cultor inspirado das musas, litterato amenissimo, o qual tambem andava perdido de amores por ella.

Este namorado e amante da *Chiquinha* era sem mais nem menos o illustre benemerito da independencia, depois deputado nas duas primeiras legislaturas (de 1826 a 1833), e nellas esplendido e mavioso orador parlamentar, o notabilissimo Fluminense *Joaquim Gonçalves Ledo*.

A memoria desse varão assignalado não póde ser amesquinhada pela lembrança de sua paixão (aliás de todos sabida em 1822) pela formosa *Chiquinha*, e tanto mais que Ledo foi sempre em sua vida famoso como grande e entusiasta apreciador do *bello* na arte, e transportado adorador do *bello* na mulher.

Joaquim Gonçalves Ledo foi grande e fulgurosa intelligencia e grande coração patriota, e se quizerem nodoar-lhe a memoria illustre pelas suas fraquezas, ou peccados de amoroso culto rendido á *Chiquinha*, e a outras bellas damas, adeus memoria de Francisco I, de Henrique IV, de Luiz XIV de França, de D. Pedro I do Brazil, dos *Richelieu*, do regente duque de Orleans, de José Bonifacio, etc.,

etc., etc., etc. e no fim de tantos *et cætera* raro seria o rei, o ministro, o heroe, e até o João Fernandes capaz de atirar a pedra sobre aquelle benemerito e glorioso fluminense.

Mas Ledo, que andava doudo pela *Chiquinha*, tinha, certamente, optimas razões para duvidar da fidelidade dessa encantadora rapariga, que aliás tambem o amava com decidida preferencia ; injustissimo, porém, se mostrava ás vezes ciumento de Bernardo Avelino, que, coitado, realmente gostava muito da *Chiquinha*, mas gastava debalde com ella sua prosa e seus versos, sem duvida porque, pobre como era, o poeta não tinha sinão prosa e versos para recommendar o seu amor.

Um dia (foi depois de 15 de Setembro de 1822) Ledo, jubiloso, e feliz pelo triumpho da causa da independencia da patria, á que tão dedicada e gloriosamente servira, foi radioso e alegre render finezas á *Chiquinha*.

Tinha a bonita moça além da sua boniteza e graça natural o dote de tocar soffrivelmente guitarra, e de cantar com excellente voz modinhas e lundús.

Dizem que não havia quem como ella cantasse com doçura, expressão, e requintado gosto a *modinha* então em moda, versos do illustrado philosopho depois marquez de Maricá :

Marilia, se me não amas,
Não me digas a verdade,
Finge amor, tem compaixão,
Mente, ingrata, por piedade.

Doce mentira
Sabe agradar ;
Um desengano
Póde matar.

Naquelle dia a *Chiquinha* pedio a Ledo, que lhe escrevesse alguns versos para a musica de modinha ou de lundú que ella costumava cantar, favor que aliás estava habituada a merecer.

Ledo tomou a penna e escreveu a seguinte quadra com o seu estribilho :

Nesta rua tenho ao lado
Um *cego* que é rico e nobre,
E defronte um namorado
Poeta infeliz e pobre.

Não sou indiscreta,
Que procure o esquivo ;
E quanto ao poeta
De versos não vivo.

O epigramma não subira á altura das admiradas inspirações e do atticismo de Ledo; era antes ligeira zombaria feita a *Chiquinha* nas allusões ao illustre varão, honesto chefe de familia que não a olhava e parecia estranho á existencia da mais que leviana rapariga, e a Bernardo Avelino, o poeta pobre, que a namorava.

Mas a *Chiquinha* rio muito, achou optima a quadrinha, e tanto cantou-a, que Bernardo Avelino, tendo della conhecimento, deu-lhe resposta em furioso soneto, do qual possuo cópia, mas não o transcrevo aqui, porque além de muito injurioso, chegou levado pela colera até a aproveitar aleives que inimigos tinham assaccado contra Ledo.

O illustrado e celebre fluminense desprezou a insultuosa desforra, dando-se por bem consolado com o amor da *Chiquinha* — como dizia a brincar. e para mais atormentar o poeta a quem na verdade provocára, ridicularisando-o.

Mas de facto não sobrava tempo a Ledro para combates mesquinhos e pouco dignos d'elle e de Bernardo Avelino.

Ledo achava-se então muito absorvido em transcendentales assumptos politicos do Imperio nascente, já proclamado, mas á espera da sua *constituente*, e não menos o atarefavão as contendidas, e lutas de in-

fluencia predominante no seio da *maçonaria*, que guarda o segredo das causas de alguns dos mais consideraveis acontecimentos da época.

A 28 de Outubro de 1822 demittio-se o ministerio Andrade, e a 30 do mesmo mez e anno voltou de novo ao poder com a força e o prestígio de representação popular que o reclamára, e com ostentosa, publica e commovida aceitação do imperador D. Pedro I.

Ledo, que era na maçonaria antagonista dos Andradas, logo na manhã de 31 de Outubro deixou sua casa, e occultou-se, prevendo perseguições politicas.

Tinha adivinhado.

Os Andradas voltárão ao governo armados de medidas extraordinarias, e logo ordenárão e fizerão effectuar a prisão de José Clemente Pereira, que fôra o presidente da camara municipal a 9 de Janeiro, no dia do *Fico*; de Nobrega que tinha sido ministro da guerra no ministerio dos mesmos Andradas; do padre (depois conego) Januario da Cunha Barbosa, companheiro de Ledo na redacção do *Reverbero* e nos mais ingentes trabalhos para a independencia da patria.

Todos esses benemeritos forão deportados, e prôvârão em França o pão do desterro.

Arbitrariamente condemnado, como esses amigos politicos seus e *maçons* da mesma parcialidade, á prisão e a desterro, Ledo escapou, escondendo-se ás diligencias da policia do governo.

Como nestas *Memorias* não escrevo historia politica, deixo de parte o estudo e a apreciação destes lamentaveis factos, que somente poderião ter gcado bem e publicamente esclarecidos, se tivesse podido dar-se *publica* interpellação aos ministros, e ampla discussão parlamentar na maçonaria de 1822, de que erão membros influentissimos aquelles desterrados e D. Pedro I, José Bonifacio, Martim Francisco, Ledo e todas as notabilidades da época.

Certo é que abrio-se devassa sobre conspiração e planos revolucionarios dos varões illustres já deportados, benemeritos da independencia, que por isso e só por isso forão privados da gloria de ser eleitos deputados á constituinte brazileira, cabendo-lhes repetir lá de longe, da terra do desterro, o *sic vos non vobis* de Virgilio.

Mas eu disse acima que Ledo, homem habilissimo e sagaz, logo a 31 de Outubro adivinhando immediata e arbitraria perseguição, eclypsára-se prudente e cauteloso de modo que não houve empenho policial que pudesse conseguir apanhal-o, posto que elle nem um só dia se tivesse arredado da cidade,

e pelo contrario em não poucas noites ousasse sahir a passeio, ou a mudar de hospedagem, tomando diversos disfarces.

Todavia não era possível a Ledo prolongar sem vexame, e sem incommodo pessoal e compromettimento de amigos essa anomala situação de suspeito conspirador escondido e procurado; mas tambem elle não queria dar aos Andradas o gosto da sua prisão, e do seu desterro forçado.

Ainda nisso andavão capricho e antagonismo de elementos maçonicos.

Tiaha de sahir do porto do Rio de Janeiro para Buenos-Ayres um navio pertencente a negociante que sem duvida era *filho da viuva*, e nesse barco foi fraternalmente garantida a Ledo passagem segura para a republica do Prata.

Mas de que modo poderia Ledo ir até a praia, embarcar em bote ou escaler, e recolher-se ao navio escapando á policia, que tomára a peito prendel-o ? ...

Tomárão-se precauções; preparon-se tudo. Ledo porém que por mais de uma vez disfarçado se expuzera, indo á noite vêr a *Chiquinha*, quiz a todo transe despedir-se della na hora de sua partida.

Forçoso foi confiar o segredo da empreza á moça

de costumes impuros e portanto menos digna de confiança em caso tão delicado.

Mas a *Chiquinha* desprezando apprehensões de provavel perseguição subquente, e mostrando-se toda dedicada a Ledo, prestou-se fiel e exaltadamente ao plano de sua fuga.

Querem alguns que Joaquim Gonçalves Ledo tivesse sahido de uma casa da rua do Hospicio disfarçado com habito de frade franciscano, e que se dirigisse dalli directamente á praia para embarcar.

Que elle sahio de amiga e fraternal hospedagem na rua do Hospicio ; é certo ; tenho porém informações fidedignas de que foi da casa da *Chiquinha* que seguiu para o seu embarque, e bastando esse facto para assignalar imprudencia, não creio que elle provocasse reparos e suspeitas entrando já *vestido de frade* na casa de má reputação.

Prefiro por isso esta outra versão.

Na aprazada noite. Ledo foi sob qualquer disfarce despedir-se da *Chiquinha*, objecto de sua apaixonada affeição em 1822, e alli no pequeno sobrado da *rua do Ouvidor*, chegada a hora da partida tomou o preparado habito de frade franciscano (que lh'o perdoem os religiosos dessa ordem) imprimio na face da *Chiquinha* seu *ultimo* e fervoroso

A *Chiquinha* passou o resto daquella noite de despedida a chorar saudosa e tristemente; no outro dia ainda chorou; mas no seguinte recomeçou a rir e a cantar modinhas e lundús, como dantes.

Sina das que são *Chiquinhas*, como ella o era.

A devassa contra os suppostos conspiradores e revolucionarios continuou, e é triste lembrar que entre as *testemunhas* compromettedoras dos patriotas desterrados e de Joaquim Gonçalves Ledo se contarão companheiros dos mesmos na revolução gloriosa da independencia, e que uma dessas testemunhas da devassa foi o poeta Bernardo Avelino.

Quando cerca de dous annos depois Ledo voltou para o Rio de Janeiro, se ainda conservava lembranças da *Chiquinha*, teve o desgosto de não encontrar-a mais nem na *rua do Ouvidor*, nem em alguma outra da cidade.

A bonita, mas pobre e infeliz rapariga, seguindo seu misero destino, um dia batêra as azas, e como não tinha de quem despedir-se, ninguem soube para onde ella vôu.

A *Chiquinha* foi um pirylampo na *rua do Ouvidor*.

Não sei bem determinar qual foi a pequena casa terrea, onde morou o poeta Bernardo Avelino, e por isso não a indico.

Do lado esquerdo da rua e perto do *Largo* hoje *Praça de S. Francisco de Paula* mostra-se o grande sobrado, que é desde muitos annos occupado pelo *Hotel Ravot*.

Foi essa casa propriedade de José Luiz de Carvalho e Mello, e ainda o é de seu digno filho, do mesmo nome e titulo nobiliario.

Luiz José de Carvalho e Mello, deputado da constituinte brasileira, ministro dos negocios estrangeiros á 15 de Novembro de 1823, e conselheiro de estado e um dos collaboradores e signatarios do projecto da Constituição que foi jurada a 25 de Março do anno seguinte, visconde da Cachoeira, e senador do Imperio, foi jurisconsulto de alta reputação, magistrado probo e justo, e varão de muito merecimento e de virtudes.

Conservou-se no ministerio com a pasta dos negocios estrangeiros até 1825, e falleceu em 1826.

De 15 de Novembro de 1823 até sua morte o visconde da Cachoeira soffreu quebra consideravel de sua popularidade; porque o partido liberal do Brazil não lhe perdoou o ter entrado para o ministerio tres dias depois da dissolução da constituinte, (da qual fôra membro distincto e muito considerado) tomando por esse facto manifesta responsabilidade daquelle desastroso golpe de estado.

Como o visconde da Cachoeira tambem o Marquez de Caravellas (José Joaquim Carneiro de Campos) igualmente deputado da constituinte, e conselheiro de estado e collaborador do projecto da Constituição em 1823, ficou *suspeito* aos liberaes que retirarão delle todas as suas sympathias e toda a confiança.

Entretanto erão ambos liberaes moderados, notaveis e illustrados pensadores, que após a dissolução da constituinte provavelmente entendêrão que o seu dever de patriotismo exigia delles o sacrificio da popularidade que gozavão, em proveito, e no interesse da *monarchia constitucional representativa*, que fôra, e era o systema de governo de suas idéas politicas.

A historia começou já a fazer justiça aos varões illustres mal julgados pelas paixões da época.

Em frente á casa do visconde da Cachoeira, ou do *Hotel Ravot* vê-se uma outra de duas portas e de dous pavimentos, actualmente occupada por loja franceza de *toilettes*.

Foi nesse modesto *ubi* que se fundou em Maio de 1869 a *Reforma*, orgão do partido liberal em opposição.

Como já ficou dito, Sabino Reis, finado este anno em Pariz, foi o gerente, e dedicadissimo administrador da *Reforma*, que lhe deveu sacrificios de tempo, de actividade e de dinheiro.

Tenho saudades da primeira época daquelle diario politico liberal que iniciou na sua redacção a pratica generosa de ser cada artigo assignado pelo seu autor: nem uma só vez deu-se abuso ou dissimulo do proprio nome com o emprestimo de alheio: nem um só dos escriptores liberaes recuou jámais ante a responsabilidade das suas idéas, e do seu esgrimir na polemica seria, energica, e ás vezes ardente com os adversarios. Estava tambem systematica ou consequentemente assentado, que dada a hypothese de responsabilidade effectiva de qualquer artigo, o seu autor se apresentasse prompto a sujeitar-se á acção da lei.

Essa pratica não pôde resistir por muito mais de anno á luta desigual com os *anonymos* da imprensa adversaria. A *Reforma* seguiu seu caminho prestando serviços, como ainda presta, ao partido liberal, de que é orgão na imprensa; mas eu creio que ella não teria a influencia que teve e tem entre os liberaes do Imperio, se não rompesse logo em Maio de 1869, ganhando incontestavel força moral com os seus artigos *todos assignados* por escriptores liberaes, *todos bem conhecidos* e todos tomando a responsabilidade legal de suas idéas, e do modo ou da *fôrma*, com que menos ou mais fervorosos as expunhão e prégavão.

Este capitulo sahio-me quasi todo cheio de reminiscencias politicas, de que, supponho-o, os meus

CAPITULO XVII.

Como depois de saudar de ante-mão o termo da nossa viagem pela *rua do Ouvidor*, paramos em frente da immensa loja de modas *Notre Dame de Pariz*, encontrámos nella comprehendida a antiga e pequena casa *celebre* que foi loja de papel e de objectos de escriptorio do *Passos*, republicano inoffensivo, mas inabalavel, de cuja velha meza de pinho na saleta do fundo ainda muita gente ha de lembrar-se: como em seguida as recordações do *Passos*, trata-se por excepção da grande *loja de modas* composta de *lojas confederadas* com sala central, armazem no fundo, sobrado por cima, portas de entrada e de sahida, aqui, alli, e acolá, e tudo de modo a tornar indispensavel uma carta topographica para uso dos freguezes, e a proposito conta-se a historia ingenua de Alexandre e de Elvira, dous noivos namorados, que andarão mais de uma hora perdidos um do outro na loja de modas *Notre Dame de Pariz*. E com essa historia põe-se o suspirado ponto final nas *Memorias da rua do Ouvidor*.

Haja alegria!...

Hoje, sim, chega definitivamente á seu termo a nossa viagem pela *rua do Ouvidor*.

Ainda em frente da casa do visconde da Cachoeira e do actual *Hotel Ravot*, ostenta-se conquistador de antigos humildes tectos o—armazem—ou bazar—ou loja *logissima* de modas denominada—*Notre Dame de Pariz*.

Por excepção nas mínhas abstenções de cousas e casas da actualidade, terei de contar uma *historia ingenua*, de que foi theatro innocente essa loja *logissima*, que ainda ninguem calcula onde irá parar em suas conquistas ao norte, á sul, á lesle e á oeste.

Agora lembrarei que a *segunda porta* e nos limites do segundo *departement* actual, e a pouco mais de 20 annos assento alli inicial daquella *Notre Dame de Pariz*, pouco antes era celebre pequena casa terrea de duas portas para a *rua do Ouvidor* e de fundo muito limitado,

Desde annos antes de 1840 até depois de 1853, com certeza, essa casa terrea apresentava simples muito simples loja de papel e de objectos de escriptorio, e onde tambem se vendião. com regular porcentagem, *periodicos politicos*; somente, porém, os *do partido liberal*.

Não sei bem d'onde provinha esse exclusivismo, se da intolerancia do proprietario da loja, se da antipathia ou tambem da intolerancia dos *conserva-*

dores. E' provavel ou quasi certo que as duas intolerancias contribuissem para o facto.

Era essa a celebre loja do *Passos*.

Homem, cuja instrucção se limitava á primaria; mas de idéas claras, e de character muito firme, o *Passos* era em politica inoffensivo republicano; mas ligado ao partido liberal que fez decretar a maioria do Imperador.

Já avelhantado e sugeito a ataques erysipelatosos nas pernas e ainda assim de actividade e diligencia notaveis, e de economia que levava á exaggeração o *Passos*, que morava no bairro da Gloria, vinha todos os dias de manhã á pé para sua loja, da qual só se retirava á noite.

Havia quem se queixasse do *Passos* pelo zeloso cuidado com que elle guardava o que era *seu*, e pelas consequencias da exaggeração da economia em transacções, á que difficilmente se prestava; mas nunca houve pessoa alguma que puzesse em duvida a fidelidade de suas contas.

Fóra dos negocios, em que se impunha positivo, e frio como a arithmetica, o *Passos* era outro homem.

De mediana estatura, de côr morena; casca grossa, de olhos pequenos, de musculos faciaes quasi inertes e todavia de expressão physionomica agradavel, attractiva para os amigos, e em geral para os *liberaes*

conhecidos e pronunciados, o *Passos* teve sem o pensar nomeada que lhe ia custando cara.

Em politica era de tolerancia *absolutamente illimitada*; mas só com os liberaes: recebia, agradava, attrahia aos liberaes de todos os matizes... sómente porém aos liberaes.

Em frente da sua loja estava o balcão, até o qual erão admittidos todos os compradores de papel, de objectos de escriptorio, e de periodicos liberaes, todos, ainda mesmo os mais ardentes conservadores (dos quaes aliás nenhum lhe entrava na loja); mas do balcão para dentro o caso era muito differente.

O fundo da loja era uma saleta modestissima, pobre; no meio da saleta havia rude e velha mesa de pinho; mas em torno dessa mesa sentavão-se frequentemente quasi todos os dias, honrando a sociedade do *Passos* muitos liberaes pronunciados na imprensa e no parlamento e alguns dos chefes do partido liberal.

Eu por mim dou testemunho de que no meu tempo ainda lá encontrei muitas vezes o actual Sr. visconde de Abaeté, o velho Costa Ferreira, barão de Pindaré (assiduo e espirituosissimo conversador), o senador Alencar, Salles Torres-Homem, depois visconde de Inhomirim, o Dr. José de Assis, o padre José Antonio de Caldas, que com o Ractikliff e outros

fôra condemnado á morte em 1824, Theophilo Ottoni e muitos outros.

Mas a data de 1848 em que ainda florescia no fundo de sua loja o *Passos*, prova que elle por firmeza de character, e de idéas politicas, não quebrara, nem torcêra com a experiencia da adversidade; por que em 1842, tendo rebentado as revoltas liberaes das provincias de S. Paulo e de Minas Geraes, e sabendo o governo com reaes e bons fundamentos, que o principal fóco da conspiração revolucionaria estava no Rio de Janeiro, fez prender ao actual Sr. visconde de Abaeté, á Salles Torres Homem, Dr. Meirelles e outros, entre os quaes o depois meu amigo *Passos*, que era em verdade incorrigivel republicano de aspirações, ardentemente desejoso do triumpho daquellas revoltas; incapaz, porém, de fazer por ellas sacrificios que aproveitassem á causa que fôra levada ao campo da illegalidade, e dos combates.

Ainda bem que por excepção individual um pouco menos violento e oppressor o governo. limitou-se a pôr o inoffensivo *Passos* debaixo das vistas da policia, e o excluiu do numero dos nobres proscriptos de então.

Mas o *Passos* não se corrigio!... em 1848 e ainda annos depois conheci-o, frequentei-o, e sempre o

apreciei inabalavel em suas opiniões, com as quaes morreu.

Como todos os homens, elle tinha predilecção firmada em confiança. O yarão predilecto do *Passos* era o celebre e estimadissimo estadista Limpo de Abreu, o actual Sr. visconde de Abaeté.

Quando morreu, o *Passos* deixou em verba testamentaria pequeno legado; mas grande prova de amizade antiga e profunda ao Sr. visconde de Abaeté, o qual aliás (sempre é bom dizel-o) nem soubera, nem procurára saber se o seu amigo tinha feito ou não testamento.

O *Passos* foi verdadeiro exemplo de lealdade e de firmeza inabalavel em suas idéas politicas: era rude e pertinaz republicano, que todavia fraternizava com os monarchistas liberaes, sendo-lhe só impossivel entender-se com os *conservadores*.

Se a sua agreste e velha mesa de pinho do fundo da loja fallasse, diria cousas capazes de apagar crenças no animo do povo, e de confundir e de envergonhar não poucos *varões illustres*.

Felizmente ninguem sabe onde pára a tradicional velha mesa de pinho, e que o soubesse alguem, a pobre mesa não poderia repetir os cantos de palinodia, e as escandalosas metamorphoses politicas que contrastarão com as protestaões e juramentos

de propaganda de constituinte e de republicanismo, que junto della o *Passos* ouviu enthiasmado de 1849 em diante para morrer poucos annos depois ainda republicano, mas descrente e maldizendo dos seus republicanos mais ardentes, que se transformárão em *dedicações sem limites* da monarchia.

O *Passos* ganhava muito pouco na sua loja, e creio que só a mantinha como centro de reunião diaria de amigos politicos, e porque não pagava aluguel da casa, que era de sua propriedade.

As desillusões politicas, o desgosto profundo que lhe causou o ver que alguns dos liberaes e republicanos, em quem muito confiára, tinham quasi de subito desertado para os arraiaes conservadores, levárão o *Passos* a pensar mais sériamente nos cuidados que exigião as suas erysipelas, a fechar a loja e a vender a casa a M. Décap.

E ainda bem que ninguem pôde dizer ao velho *Passos*:

— *Faites des perruques.*

Quando M. Décap comprou a casa do nosso amigo *Passos*, já se achava estabelecido com a sua loja de modas, creio que no pavimento terreo da casa onde floresceu o *Hotel Damiani*; de modo que não lhe foi preciso senão atravessar a rua, indo quasi de um salto occupar o seu tecto proprio.

Que mudanças e que conquistas effectuadas em menos de um quarto de seculo !...

A loja de modas *Notre Dame de Pariz*, que começou com *uma porta e duas vidraças* na antiga casa do *Passos*, tem hoje doze (contadas as portas e as *vidraças*), abrindo-se para a *rua do Ouvidor*; as *cazinhas* terreas transformárão-se em vistoso sobrado, cuja frontaria é illuminada na linha superior por numerosa série de bicos de gaz.

E não pára ahí a historia.

Não podendo (por ora) levar além suas conquistas á direita e á esquerda na *rua do Ouvidor*, M. Décap avançou pelo fundo em direcção á *Sé Velha* ou á igreja do Rozario, e diante della abriu sahida de importancia estrategica com uma fortaleza de portão de ferro. Finalmente (por ora), o insaciavel conquistador acaba de realizar, com habil *marcha de flanco*, novo augmento de dominios lateraes, que abrem attractiva communição com a *praça de S. Francisco de Paula*, para a qual apresenta gracioso *chalét*.

Em falta de espaço para jardins, o vasto sobrado da loja é um tecido de labyrinthos, onde os estranhos e curiosos importunos perder-se-hião sem achar fio de Ariadne.

A loja *Notre Dame de Pariz*, bem que não seja exclusivamente de fazendas e de modas francezas para

senhoras é contudo principalmente attrahidora do bello sexo, e representa no seu immenso mundo capital avultadissimo, que deve vencer *juros* pagos pelos consumidores e consumidoras; além disso, a loja contém e alimenta numerosa *população* de empregados de escriptorio, de caixeiros ás dezenas, de modistas e costureiras em numero elevado, de serventes e criados todos vencendo honorarios e alugueis.

Calcullem a despeza do estabelecimento que aliás floresce e se agiganta! ... que somma de contos de réis gastos annualmente com essa população! ...

Calcullem o que ganhão em seu commercio as muitas outras embora menos gigantescas lojas de modas da *rua do Ouvidor*, e hoje de outas ruas.

Calcullem e façam idéa do que custa a moda e a elegancia da cidade do Rio de Janeiro! ...

Porque em cada córte de seda, em cada *toilette*, em cada chaile, chapéo, gravatinha, etc., a compradora paga e deve pagar no seu tanto proporcional, além do valor e lucro do objecto que adquire o aluguel da casa, e os honorarios dos empregados de escriptorio, dos caixeiros, das modistas, das costureiras, dos serventes e dos criados, e antes de tudo isso os tributos da alfandega, que na verdade são de arrazar! ...

Minhas bellas e Exmas. leitoras, eu devo confessar a mais incontestavel verdade: as modas, o luxo, a chamada elegancia das senhoras custão muito caro!... mas tambem juro, e sustento que as senhoras merecem isso e muito mais; tem direito de educação mal dirigida; imposta porém, pela sociedade despotica e oppressora do sexo feminino a esses sacrificios materiaes, que são em enfeites, flôres e fantasticos artificios, adornadores ficticios, ephemeros, pobres compensações da escravidão da mulher em nossa vida, e em nossos costumes sociaes.

Portanto bem podia haver ainda mais duas duzias de lojas de modas, como a de *Notre Dame de Paris* na cidade do Rio de Janeiro sem que o *sexo feio* tivesse o direito de queixar-se dos tributos que paga á vaidade do *bello sexo*.

Quanto á mim a loja de modas *Notre Dame de Paris* só apresenta possiveis inconvenientes na grande extensão dos seus dominios que acabaráõ por tornar indispensavel aos seus freguezes conhecimento exacto de sua carta topographica.

E vem aqui a proposito a *historia ingenua* que prometti contar.

D. Elvira tem apenas 16 annos de idade e está casada á quatro mezes. Alexandre de Menezes, o

escolhido do seu coração, joven bonito e rico que ainda vai completar os seus 22 annos.

Duas crianças, noivos, que passam a lua de mel á brincar, dous namorados que vivem em doces enlevos á acariciar-se mutuamente. Elvira e Alexandre ainda não podem separar-se durante uma hora sem saudades.

O mais ligeiro incidente, um espinho de roseira que no jardim prenda passageiramente o vestido de Elvira, sobressalta Alexandre, temeroso de algum arranhão no pé ou no braço da esposa: esta, se uma abelha morde a bella fronte do noivo, se afflige, e maldiz das flores que attrahem as abelhas.

São dous esposos que se viverem vinte e cinco annos, hão de celebrar o casamento de prata, e se chegarem aos cincoenta celebraráõ o de ouro.

Agora supponhão que o que vou referir se passou ha dous mezes, ou ha um mez, ou ha quinze dias, pouco importa quando.

Um dia Alexandre levou Elvira á passear pela *rua do Ouvidor*; um criado os acompanhava; porque naturalmente o joven esposo contava que a menina esposa, comprando córtes de sedas e enfeites, quereria fazel-os conduzir logo para casa.

Esta explicação seria de todo vã, se ella não

servisse para indicar que os dous noivos preferião sempre passear, estar, viver a sós.

Era uma hora de tarde: os esposos namorados tinham já tomado sorvetes, fallado para Petropolis pelo telephono, admirado tranças e crescentes para penteados, que Elvira não comprou, *lastimando-se* de não poder usal-os; porque os seus cabellos negros e ondeados que soltos lhe cahirião até um palmo acima dos pés, e para a frente levados a escondérião toda em densa nuvem de enchentes de anéis, não lhe permittião sem *hyperbole* monstruosa crescente suplementar.

O criado já levava em cartões, caixas e embrulhos duas ricas toilettes, um chapéo maravilhosamente extravagante, tres córtes de seda para vestidos, duas estupendas saias de cauda, um delicadissimo guarda-joias e não sei que mais...

Era uma boa carga de objectos de luxo conduzida um pouco *fóra de villa e termo*, atrás daquelle casal de pombinhos que não davão satisfações ao mundo; porque na perfeita felicidade do seu amor só se occupavão de si mesmos.

O egoismo abençoado!...

Era, porém, uma hora da tarde, quando Alexandre e Elvira, já de volta de seu passeio entrá-

rão na loja *Notre Dame de Pariz* pela segunda porta, segunda para quem sobe a rua.

E' indispensavel breve indicação topographica para que possam entender a historia aquelles que não conhecem a casa de modas *Notre Dame de Pariz*.

Abre ella para *rua do Ouvidor* quatro lojas como independentes, e cada uma com duas vidraças de exposição e sua porta de entrada: todas quatro se communicão; porque cada qual tem sua porta, ou antes passagem lateral, e todas quatro acabão no fundo completamente abertas para a galeria central de exposição de vestidos, de *toilettes*, etc.

A galeria central communica-se pelo lado direito com um vestibulo que tem porta para a praça de *S. Francisco de Paula*, e pelo fundo um pouco á esquerda com a porta da escada para o sobrado. e bem no meio lança corredor que termina no armazem, que mostra o seu portão de ferro diante da igreja do Rosario, ou da Sé velha.

Ora bem: os dous esposos namorados entrarão na segunda das quatro lojas confederadas, isto é, na loja das *sedas*.

Elvira ficou embevecida examinando bellissimas sedas que lhe apresentavão, e Alexandre vendo lindos vestidos expostos na galeria central, subio a esta

para escolher algum e preparar com elle surpresa agradavel á esposa.

Emquanto Alexandre escolhia o vestido, Elvira deu por falta do marido, e foi procural-o na terceira loja; e em seguida na quarta.

Mas o esposo estremecido, tendo feito a escolha, de que se occupára, e dado as suas ordens, desceu da galeria central e pôz-se a viajar pelas quatro lojas *confederadas* em busca de Elvira, que aliás acabava de subir para a mesma sala, donde elle tinha sahido.

Por explicavel vexame, nem Alexandre perguntava aos caixeiros por Elvira, nem esta pelo marido, e um e outro andavão a fazer voltas pelas lojas e pela galeria central, não lembrando a nenhum dos dous que o mais acertado era ficar esperando.

Essa idéa veio emfim; mas infelizmente ao mesmo tempo a ambos: Alexandre na primeira loja, e Elvira na quarta esperarão debalde um pelo outro dous ou tres minutos.

Perturbarão-se os dous esposos namorados sem saber o que pensassem e forão de mal a peor.

Alexandre pôz-se de novo á procurar Elvira, e foi dar comsigo no armazem do fundo da casa, e sómente parou esbarrando no portão de ferro, e vendo defronte a Sé Velha.

Elvira agitada e temerosa á buscar o marido sahio pela porta que abre para a *praça de S. Francisco de Paula*, e, perdendo a diligencia, deu volta pela *rua do Ouvidor*, e apenas achou o criado que esperava firme á porta da segunda loja.

Não lhe dando o criado noticias do marido, Elvira pensou nas modistas e nas costureiras, e, ciumenta pela primeira vez, avançou para dentro da loja, atravessou a galeria central, e subio para o sobrado.

Alexandre voltava então do armazem do fundo, e se tivesse levantado os olhos para a escada, diante da qual passava, teria visto a esposa subindo-a; elle porém, vinha já desapontado; porque um caixeiro que fôra em serviço ao armazem acabava de dizer-lhe que *sua senhora* tinha sahido pela porta da *praça de S. Francisco de Paula*.

Por essa mesma porta se lançou Alexandre, e depois de gastar brevissimo tempo á olhar para todos os lados sem avistar a sua Elvira, fez o que ella tinha feito, deu volta pela *rua do Ouvidor*, e foi encontrar o criado immovel no seu posto de obediencia.

Sabendo que Elvira ha pouco entrára de novo na loja, o esposo namorado e já senão suspeito ao menos apprehensivo, recomeçou os seus rodeios pelas

lojas até que lhe veio á lembrança o sobrado, e partio para atravessar a galeria central, e subir a elle :

Elvira não se perdeu nos labyrinthos do sobrado; porque conhecia bem o caminho das salas das modistas e costureiras, e lá chegando, pedio, para dissimular loucas suspeitas que trazia, que lhe mostrassem os mais ricos vestidos feitos, enquanto com olhos penetrantes, e com instincto feminil estudava physionomias, e procurava indicios, do que em ciumes imaginára..

No meio da exposição e elogios que lhe fazião de *delirantes* vestidos Elvira preocupada e menos circumspecta voltou-se rapida e sem explicações, nem despedida sahio accelerada.

A modista, que acudira ao seu chamado, e que assim ficára *sem saber como* com um vestido entre as mãos e a fregueza em retirada, disse em francez ás companheiras :

— Esta senhora trouxe e leva ou o marido ou o amante em incendio na cabeça.

Vejão como a senhora mais honesta, e nenhuma podia sê-lo mais do que Elvira, se expõe por imprudentes commoções mal contidas á mãos e injustos juizos!...

Mas, feliz coincidencia, quando Elvira, tendo descido a escada, voltava pela sala central para a

primeira loja, Alexandre vinha da segunda para subir ao sobrado.

Era isso ao mesmo tempo, e ainda assim tão desatinados ambos, que já passavam sem se ver, nem dar um com o outro, quando Elvira, que era sempre mulher, ao olhar-se embora sem parar, á um espelho, vio nelle a imagem de Alexandre em rapido vôo, e gritou-lhe doce e anciosamente.

— Alexandre!...

O final da historia advinha-se.

Os dous noivos namorados quasi que se abraçãrão alli mesmo; mas ainda bem que apenas risonhos e aditados limitãrão-se a apertar as mãos em consideração aos circumstantes.

Ah! e se não fosse o espelho?!!!

Erão duas e meia horas da tarde, quando Alexandre e Elvira perdidos um do outro desde mais de uma hora conseguirão encontrar-se!...

Que *se mirem naquelle espelho* as minhas Exmas. leitoras e os meus leitores para que penetrando naquella immensa republica de *lojas confederadas*, de *territorios annexos*, e de portas de entrada e de sahida, e de labyrinthos do sobrado da grande e espaçosissima loja de modas *Notre Dame de Pariz* não se exponhão por leve descuido a perderem-se

alguma vez os pais e as filhas, os maridos e as esposas, como aconteceu a Alexandre e a Elvira!

Agora cumpre-me declarar que a historia ingenua de Alexandre e de Elvira foi por mim imaginada sem malicia alguma e só no intuito de offerecêl-a em despedida ás minhas Exmas. leitoras, e amolados leitores; pois que recebem aqui o seu ponto final as *Memorias da rua do Ouvidor*.

FIM

CAPITULO XVIII.

Tres annexos ás Memorias da rua do Ouvidor.

Como depois de dar por terminadas as *Memorias da rua do Ouvidor* fui accusado de tres omissões de casas celebres, e para remissão desse peccado, tenho de ajuntar á obra tres *Annexos*. Como no *Annexo I* trato de um livreiro notavel, e acho azada occasião para referir o interessante caso que levou o illustre Salles Torres Homem, depois visconde de Inhomerim, a entrar na vida politica contra sua vontade. Como no *Annexo II* me occupo da loja de cabeleireiro *Cabeça de Ouro* que se tornou celebre por formosissima *trança de cabellos* que media na vidraça onde foi exposta onze palmos e mais algumas pollegadas (dous metros e meio); digo donde era a senhora, a quem se cortarão esses maravilhosos cabellos, e onde elles forão parar. Como emfim deixo adiado o *Annexo III* por não caber no Folhetim, que já ficou longo com os dous primeiros.

Bem disse eu, muitas omissões havião de ser notadas nas *Memorias da rua do Ouvidor*!

Terminando o Capitulo XVII dessas *Memorias*

tomei larga respiração, escrevendo a palavra mais suave que os autores conhecem :

FIM.

Eis-me hoje obrigado a voltar ao *Folhetim do Jornal do Commercio* para que me absolvão de tres esquecimentos involuntarios pelos quaes me chamarão a contas.

Mas eu não me sei arranjar com a palavra *Fim* que escrevi, acabando o capitulo XVII, e com um novo capitulo depois do *Fim*, senão tomando o exemplo e seguindo a lição dos ministros de estado, que depois do *Fim* dos seus relatorios ajuntão sempre a estes os *Annexos*.

Não tremão, porém, de medo os meus leitores: os *Annexos das Memorias da rua do Ouvidor* não hão de ser dez vezes maiores do que o corpo da obra, como se observa nos excellentissimos relatorios.

Recebi tres protestos, tres obsequiosas censuras, tres assetinadas e penhoradoras accusações de esquecimento de outras tantas casas notaveis, e fazendo confissão do meu involuntario descuido, vou corrigil-o neste capitulo de *Annexos*.

E tenho para mim que neste reconhecimento e na emenda do meu erro dou prova de exemplar virtude; pois que vivo em tempos, em que a vaidade

humana tornou dogma o *quod scripsi, scripsi* de Pilatos, sendo todos os homens infalliveis como o Papa.

Leitores pacientissimos! não ha recurso: é indispensavel voltar a fazer viagem pela *rua do Ouvidor*.

Mas que viagem!... ao que vos convido, ou quasi que vos obrigo, não é mais a viajar, é a dar tres grandes saltos; porque cada uma das casas notaveis esquecidas está em quarteirão distincto.

Ainda bem que a gymnastica já entra sériamente no systema de educação publica, e na provincia do Rio de Janeiro adoptou-se até a gymnastica apropriada para o sexo feminino na esecola normal.

Declaro em defesa prévia que não acabo de fazer censura, nem epigramma. Eu reconheço a conveniencia e eplaudo a applicação do ensino da gymnastica.

Portanto, meus leitores, estamos habilitados para dar sem perigo tres saltos em honra dos tres *Annexos*.

ANNEXO I.

A casa hoje occupada pela livraria dos Srs. Barbosa e Irmão, e sita na *rua do Ouvidor*, entre as *Nova do Ouvidor* e dos *Ourives*, foi justificadamente celebre, sendo tambem livraria de *Mongie*.

Filho de livreiro notavel de igual nome estabelecido em Pariz e alli muito conhecido e estimado edi-

tor, que as bibliographias não esquecerão, Mongie veio para o Rio de Janeiro, e na casa mencionada, defronte da então florescente loja de perfumarias dos *Desmarais* abriu em 1832 livraria, cuja importancia era grande e muito explicavel pelas relações com a casa paterna, em França.

Mongie tinha instrucção variada, trato ameno, e excellente character. A sua livraria muito rica de boas obras vendidas a preço que não o prejudicava, mas não aturdiã o comprador, foi preciosa fonte de civilisação, e era frequentada pelos homens de letras, e pelos cultivadores das sciencias, que achavão nella os melhores livros de publicação recente, e o gozo da conversação illustrada e espirituosa com o livreiro.

Contemporaneo do Albino Jordão, Mongie não tinha em menospreço a loja de livros em grande parte velhos, e de brochuras antigas e modernas; pelo contrario muitas vezes procurava o patriarcha dos nossos alfarrabistas, entretinha-o quanto podia, e comprava-lhe livros antigos e folhetos, cuja materia excitava sua curiosidade.

Muito amigo do seu visinho fronteiro, Mr. Desmarais, que ainda felizmente vive, ás vezes brincando, e alludindo á sala de cabelleireiro da loja do perfumista, dizia-lhe em optimo francez :

— Você adorna as cabeças por fóra, e eu as adorno

por dentro : crêio que sou mais util ; mas você tem mais cabeças a adornar.

E o Desmarais respondia :

— Concordo ; mas troquemos as lojas com a condição de trocarmos tambem as cabeças, não as dos freguezes, sim as nossas.

A loja de livros de Mongie foi a mais consideravel do seu tempo , e ponto de reunião de sabios e de litteratos , que alli tinham por segura palestra animada, interessante e espirituosa, na qual o dono do estabelecimento era excellente e estimado compa-nheiro.

Um dos mais assiduos frequentadores da loja de livros de Mongie de 1836 em diante foi aquelle homem de intelligencia superior que se chamou Francisco de Salles Torres Homem , e em seus ultimos annos visconde de Inhomirim.

Vem aqui a proposito curiosa informação que não deve escapar aos futuros biographos do illustre visconde.

Salles Torres Homem , chegado da Europa creio que em principio de 1837 , ardia por tomar posição e *reapparecer* na imprensa politica do Rio de Janeiro , e apenas se continha (eu lh'o ouvi por vezes), esperando por Evaristo Ferreira da Veiga, que estava então em Minas - Geraes , e que era o

estadista de sua maior confiança, de cujos conselhos não queria prescindir.

Evaristo voltou de Minas-Geraes a 2 de Maio de 1837 e dez dias depois falleceu — no Rio de Janeiro.

Salles Torres-Homem achou-se privado do conselheiro patriota, e deliberou por si, publicando o *Jornal dos Debates*, no qual teve por collaboradores os seus contemporaneos de estudos, em França, os Srs. João Manoel Pereira da Silva (actual conselheiro) Domingos Gonçalves de Magalhães (depois visconde de Araguaya) e Manoel de Araujo Porto-Alegre (ulteriormente barão de Santo Angelo).

O *Jornal dos Debates*, periodico de doutrinas liberaes, mas em opposição ao governo do regente padre Feijó, produzia por excellente e apurada redacção notavel impressão no animo do povo.

Salles Torres-Homem, o redactor principal da parte politica do *Jornal dos Debates*, ganhava credito e firmava opinião.

Um dia no mesmo anno de 1837, Mongie conversando em sua loja com Salles Torres-Homem, disse-lhe, alludindo aos seus eloquentes artigos de opposição no *Jornal dos Debates*:

— O senhor teve a felicidade de seguir acertadamente a sua vocação: nasceu predestinado para

fulgir na imprensa politica, e para elevar-se por ella ás mais altas posições no seu paiz.

Salles poz-se a rir e depois respondeu :

— E se eu te dissesse que sou politico por violencia feita á minha vontade, e por imposições arrebatadas de minha propria vaidade? ...

— Apezar seu ?

— Ao menos contra a mais decidida negação á politica, e contra assentados planos do futuro de minha vida.

— O facto me pareceria, não digo singular, mas com certesa interessante.

— Pois eu lhe revelo o que ainda ninguem me otvio, e que nem porisso lh'o digo com pueris reservas de segredo.

E Salles Torres-Homem contou a Mongie o que com elle se passara em 1832, como depois o referio a diversos amigos seus, entre os quaes se contou quem hoje escreve estas linhas.

E' o que se segue :

Salles Torres-Homem acabava de formar-se na academia medico-cirurgica do Rio de Janeiro, e até então sentira absoluta negação para a politica, e preparava-se para entrar em concurso a uma das cadeiras da nova escola de medicina (1832), quando soube que o tinham feito membro da *Sociedade Defen-*

sora da Liberdade e Independencia Nacional (sociedade politica representante do partido liberal moderado que era o dominante) eleito para o conselho director e membro da commissão redactora da imprensa da sociedade.

(O facto explica-se: Evaristo Ferreira da Veiga empenhava-se em recrutar para o partido de que era chefe os jovens mais notaveis pela intelligencia.)

Salles revoltou-se contra aquella especie de violencia, mas passou a noite em claro aguilhoado pela sua *vaidade* a pensar que se rejeitasse, como a principio resolvera, aquellas nomeações, talvez julgassem que a rejeição era determinada por elle se reconhecer incapaz de escrever artigos sobre assumptos politicos.

Na manhã seguinte deixou o leito com a firme resolução de ir á sociedade, de escrever dous ou tres artigos e depois dar demissão de redactor, de conselheiro e de socio, para occupar-se só do seu concurso.

Mas Salles era (*dizia elle*) da mais completa ignorancia em politica.

Que faz então ?

Pobre a não poder distrahir alguns mil réis das magras despezas diarias, Salles toma metade dos seus livros de medicina, leva-os a um livreiro da

rua dos Latoeiros, onde elle tambem morava; e pedelhe que os receba, e que lhe dê em troca algumas obras de *sciencia politica*.

— Mas que obras prefere? perguntou-lhe o livreiro que era seu freguez.

— Eu sei lá!... respondeu-lhe Salles; dê-me aquellas que são mais procuradas pelos *deputados* e homens politicos.

O livreiro sorrio-se, deu a Salles o *Curso de politica constitucional* de *Benjamin Constant* e a *Historia da revolução franceza*, de *Thiers*.

Salles poz-se a ler com ardor, e no fim de uma semana escreveu, e mandou para a imprensa o seu *primeiro artigo politico* que devia ser publicado no dia seguinte.

O novo publicista quasi logo arrependido do que fizera, medroso do *fiasco* que se lhe afigurava certissimo, encerrou-se em casa até dous dias depois, em que um amigo lhe appareceu entusiasmado, trazendo-lhe a *Aurora Fluminense*.

Na sua *Aurora*, Evaristo Ferreira da Veiga saudava a revelação da mais bella intelligencia naquelle artigo em que um joven escriptor se estreára com um triumpho de eloquencia e com evidente prova de sérios estudos.

Evaristo, o grande patriota, chefe do partido

moderado, era por seu illustrado talento, pelas suas virtudes, e pelo seu exemplar desinteresse o enthu-siasmador da mocidade.

A apreciação do *artigo* publicado na *Aurora* por Evaristo decido do destino de Salles Torres-Homem, que arrebatado pela *vaidade* (dizia elle) abando-nou a idéa do concurso, e a profissão da medicina que pretendia seguir, e dedicou-se todo á imprensa politica, e a principio com a exclusiva lição do *Curso de politica constitucional de Benjamin Constant e da Historia da revolução franceza de Thiers*.

Eu creio que nesta revelação da origem do seu pronunciamento, e da sua entrada na vida politica Salles exaggerava muito, tanto a propria negação á envolver-se nas lutas dos partidos em 1832, como a inverosimil e absoluta ignorancia da *sciencia politica* e tal e tão profunda, que elle nem tinha idéa *daquellas duas obras* que o livreiro lhe deu; mas é positivo que esse illustradissimo varão contava assim a historia do quasi recrutamento forçado que o levou a jurar bandeira no partido liberal, e a tornar-se homem politico.

O livreiro Mongie, que antes de todos mere-cêra receber esta curiosa informação, e que na cidade do Rio de Janeiro de tanta estima foi objecto, nella falleceu depois de poucos annos de florescimento,

deixando-lhe lembrança de honrado nome, e parentes que se enraizárão no Brazil.

ANNEXO II.

Uma loja de cabelleireiro florescia ha mais de dezoito annos no n. 110, entre as ruas dos *Ourives* e dos *Latoeiros*, tendo então por emblema a *Cabeça de Ouro*.

Vendião-se alli tranças, crescentes e fazião-se penteados, mas certamente a loja não era celebre. De subito mais ou menos todos, e as senhoras principalmente, sem excepção, estacavão diante da vidraça da *Cabeça de Ouro*, e alli se deixavão em contemplação.

E havia justificada razão para isso n'uma trança de cabellos exposta na vidraça.

A trança era muito basta, de cabellos finos e de côr castanha, quasi pretos, de formosa *nuance*, e tão longa se estendia, que se mostrava em tres lanços ou voltas na vidraça.

Erão cabellos de comprimento extraordinario e de belleza notavel: medião nada menos que *dous e meio metros*, fóra o que delles ficára ornando ainda a cabeça da senhora que, sem duvida, a seu pezar si privára de thesouro tão singular; devião, pois, ter sido na cabeça de sua dona cabellos de doze a treze palmos de compridos.

Quando ella os abandonasse soltos, aquelles immensos e formosos cabellos não lhe cahião até os pés, como os imaginarios de uma das mais bellas heroínas dos romances de Alexandre Dumas, arrastar-se-hião seis ou sete palmos pelo chão, como estupenda cauda de um manto de madeixas.

Era um prodigio da natureza, e em face do prodigio geralmente se acreditou em artificio, suppondo que na trança subtilmente se tinhão prendido uns aos outros cabellos de muito menor comprimento, como os cabelleireiros muitas vezes o fazem em tranças e crescentes de menor preço. Mas não houve quem descobrisse o artificio.

As senhoras e muitos homens entravão na loja da *Cabeça de Ouro*, vião, examinavão com avidos olhos e muito de perto a maravilhosa trança; cresciam-lhes, porém, a suspeita de illusão, porque o zeloso dono defendia o seu precioso thesouro de exames manuaes que poderião prejudical-o. Fizerão-se na cidade apostas pró e contra a realidade do comprimento natural daquela trança.

A procedencia dos cabellos era tambem questão que excitava muito a curiosidade daquelles que não tinhão suspeitas de artificio; mas a principio o dono guardava segredo; porque o mysterio ainda

mais augmentava essa curiosidade e o concurso de senhoras e cavalheiros na sua loja.

D'entre os adivinhadores, uns dizião que os cabellos tinhão pertencido á cabeça de uma pobre camponeza italiana, que os deixára cortar, vendendo-os por pequeno preço, que lhe parecêra, coitadinha, elevada quantia, quasi riqueza. Outros pretendião saber que aquelles cabellos tinhão sido de uma senhora hespanhola, e cortados depois que ella morrerá. Outros, talvez leitores entusiastas das *Mil e Uma Noites*, asseguravão, e serião capazes de jurar, que a trança maravilhosa provinha do Oriente, onde coroára sublime a cabeça de linda Georgiana ou Circassiana, misera escrava, e victima dos ciumes de perverso bachá.

Além dessas imaginavão-se outras procedencias, de Portugal, da Grecia, e nem sei donde mais. Predominavão nas adivinhações o sul da Europa, e o Oriente. E ninguem, e nenhum tinha a idéa, ou a conjectura de uma *brasileira*, como triste sacrificadora de seus extraordinarios e maravilhosos cabellos.

Rião-se, zombavão desses sonhos ou imaginações os suspeitosos que teimavão em considerar a trança exposta na vidraça da loja da *Cabeça de Ouro*, como habilissima e illusoria obra de arte consummada.

Por fim fez-se a luz. A trança que tantos suppunhão artificial e de falso comprimento de cabellos era natural e absolutamente verdadeira. Eis aqui a simples historia da *trança* de cabellos prodigio.

O Dr. Antonio da Costa foi chamado para tratar de uma senhora ainda joven e casada, natural da cidade de Marianna (provincia de Minas-Geraes), e dalli recentemente chegada.

Qualquer que fosse a molestia que atormentava a formosa senhora mineira (porque formosa era, como me informáráo) soffria ella tambem constantes dôres de cabeça, e no correr do seu tratamento o Dr. Antonio da Costa, que aliás se maravillára, vendo e contemplando os admiraveis cabellos da doente, exigio com a maior pena que elles fossem cortados, e, amigo que era do dono da loja, foi dar-lhe noticia daquella riqueza immensa de extraordinarios cabellos, contra os quaes a sciencia medica impuzera a tortura horrivel da tesoura.

Consummou se o sacrificio da bella victima, que vio em pranto cahirem cortados seus maravilhosos cabellos: em compensação voltou ella perfeitamente restabelecida para Marianna, e o dono da *Cabeça de Ouro*, que aproveitára os avisos do seu amigo o Dr. Antonio da Costa, procedeu regularmente e de

modo que ficou com os preciosos despojos do sacrificio da tesoura.

Forão pois de uma brasileira, de uma senhora mineira esses cabellos admiraveis, finos, abundantes formosos, que expostos em trança passarão por inverosimeis em seu comprimento de mais de onze palmos.

Mais tarde escolhidos da cópia immensa daquelles cabellos sorprendentes, quasi inverosimeis, os que mais compridos erão, forão mandados para a Exposição Universal de Londres (a segunda), e finda esta vendidos por 5:000\$000 do nosso dinheiro, tão grande foi a admiração que elles causarão.

E alonguei-me tanto que o terceiro Anexo não cabe neste folhetim.

CAPITULO XIX.

ANNEXOS.

Como, falhando-me o assumpto com que contava para o terceiro *Anexo*, acho excellente recurso nas celebres casas de modas de *madame gorda*, e das tres *judias*, e finalmente completo esta capitulo que é agora e decididamente o *ultimo*, contando uma *historieta*, que as senhoras casadas não devem ler.

Vá a quem toca, e que eu não sei quem seja, mas a quem aliás agradeço a obsequiosa suavidade da carta anonyma que me dirigio.

Procurei zelosamente informações da casa celebre *loja de brinquedos*, á rua do *Ouvidor* quina da de *Gonçalves Dias*, e fiquei *in albis*. Apenas me fallarão de *loja* desse genero *proxima* á rua do *Ouvidor*; mas na de *Gonçalves Dias*, e bem que este nome esteja gravado profundamente no meu coração, denomina

rua cujas casas não podem entrar nas *Memorias da rua do Ouvidor*.

O meu leitor anonymo, que tanto me hourou, é quem póde melhor orientar-me; porque, lh'o digo, consultei *a dous* velhos respeitaveis dos que me assignalou, outr'ora jovens estudantes e frequentadores da *loja de brinquedos* da rua do *Ouvidor* quina da de *Gonçalves Dias*, e ambos me responderão pela negativa, e tão decididamente, que me desanimarão o empenho de outras informações.

Ora o caso é que me achei em apuros de compromettimento. A tal *loja de brinquedos* devia ser o meu *terceiro annexo*, e por força maior reconheci-me *desannexado*!

Mas (vaidade de autor que é tão estulta como todas as outras vaidades deste nosso mundo, planeta de doudos) eu faço, ou fiz de conta que os meus *numerosissimos* e *enlevadissimos leitores* e principalmente *leitoras* (ainda mais vaidade no caso) esperavão com interesse e ardor o terceiro annexo, e agora positivamente ultimo capitulo das *Memorias da rua do Ouvidor*, obra dantenica, buenarotica, homerica, e destinada a atravessar os seculos.

Em tão grande aperto, não quiz dar o meu braço a torcer, e viajando eu só de cima para baixo, e de baixo para cima á procurar *materia nova*

para encher o terceiro annexo, descobri *notabilidades* que me darião assumpto para escrever ainda uns vinte capitulos.

Mas eu já declarei que a minha obra monumental estava acabada e não quero ir além do terceiro annexo para não comprometter as condições architectonicas do edificio que levantei.

Entre dezenas de recordações algumas cabelludas e outras descabelladas desta mina inesgotavel da *rua do Ouvidor* desde meio seculo e alguns annos tomarei de preferencia *duas lojas celebres e uma historieta*, conto imaginario, ou verdade verdadeira.

ANNEXO III.

Lembrarei em primeiro lugar a mais moderna das duas *lojas celebres*, aquella que ainda ha menos de doze annos occupava a casa do actual n. 108, contigua á da *Estrella*.

Annos depois de 1840 tiverão nessa casa loja de modas duas francezas de meia idade, irmãs, das quaes uma alta e quasi magra e a outra notavelmente gorda.

Ou porque fosse a principal socia da casa ou por aquella distincção physica a irmã gorda deu não o nome, mas a alcunha á loja.

Como as duas irmãs se chamavão nem eu sei nem creio que alguém cuidasse em sabê-lo: o nome

da loja era o da familia de ambas, estava escripto no portal; mas ninguem o lia.

Loja de madame gorda era a denominação conhecida.

As duas irmãs não podião agradar por bonitas; erão porém francezas que sabião attrahir freguezes por seus modos affaveis, e que gozavão credito de modistas de bom gosto.

A loja de *madame gorda* foi muito concorrida, e portanto a propria irmã que era magra ia engordando financeiramente.

Estabelecido o *Alcazar Lyrico* depois *Theatro Lyrico Francez* na rua da *Valla* (da *Uruguayana* actualmente) as principaes nymphas alcazarinas forão aos poucos tomando *madame gorda* por modista, e emfim a celebre *Mlle. Aimée* firmou o reinado da tesoura de *madame gorda* nas *toilettes* das alcazarinas florescentes.

Até ahi não havia que dizer; as novas freguezas pagavão caro, e gastavão como se fossem pescadoras do Pactolo. Erão poucas, [sómente as mais famosas, as alcazarinas a quem *madame gorda* servia; mas cada uma dellas valia por dez á despender na loja.

Isso não espantou a antiga e séria freguezia de *madame gorda*.

Mas em breve *Mlle. Aimée*, e logo a imital-a as

celebridades *alcazarinas* não se contentarão com a sua exposição ás vezes em semi-nudez na scena escandalosa do *Alcazar*, que determinou a decadencia e a corrupção da arte dramatica na capital do Imperio: ellas quizerão ainda por-se em exhibição reprehensivel de dia, e *madame gorda* prestou-se á essa exploração do vicio.

As taes alcazarinas, tomando como em prova seus novos e riquissimos vestidos, fugião do interior da loja; e era junto ás portas desta e em face do publico á passar pela rua, que *madame gorda* e *madame magra* as cercavão, simulando marcar suppostos defeitos em sua obra, ora alisando com os dedos os talhes do corpinho, ora fazendo *aquellas freguezas* de collo nú, e nuas espaduas executar longo e moroso movimento de rotação, como bonecas-figurinos de vidraça de cabelleiro, emquanto ellas, as duas irmãs, em fingido e activo exame indicavão aos observadores curiosos as fórmas e os contornos dos corpos assim expostos, e o inconfessavel *prestigio* de tanta riqueza de vestidos.

Ora é clarissimo que não se provão innocentemente vestidos ás portas da rua. As pessoas gordas não se abaixão com facilidade; mas *madame gorda* rebaixou-se muito.

Era de mais. A freguezia antiga e séria aban-

donou a loja de *madame gorda*, Em breve (para alguns sem duvida *em longo*) Mlle *Aimée* como andorinha que era *bateu a linda plumagem* (verso de modinha antiga) e foi fazer *verão* em outras cidades, as suas companheiras de ruim nomeada cahiráó aqui no *inverno* do desprezo merecido, ou fizeram á cidade do Rio de Janeiro o grande favor de ir arranjar *primavera e outono*, onde melhor lhes pareceu.

Historia de *ciganas nomades*.

E *madame gorda* sempre a engordar cada vez mais physicamente, sentindo-se, por justa punição de peccado, emagrecer economicamente, trancou as portas de sua loja de modas, e foi longe do Brazil maldizer da vil condescendencia com que se prestára a servir ao impudor das alcazarinas.

E' caso de dizer—*bem feito*.

A outra loja, tambem celebre, menos moderna, porém, occupou a casa 'quasi fronteira da de *madame gorda*, e que hoje é muito conhecida pela sua denominação de *Dous Oceanos*, como se não fosse bastante um oceano só para afogar os freguezes.

Desde perto de quarenta annos floresceu nessa casa a *loja das judias*: a denominação escripta na tableta não era essa; o publico, porém, não conhecia nem admittia outra.

A loja erá de modas, nella, além de se fazerem

vestidos, vendião-se chapéos e diversidade de enfeites para senhoras.

O chefe e dono do estabelecimento era um francez (Alsaciano) *judeu*, cujo nome não sei; mas notabilissimo por ser pai de tres bonitas filhas, tres *judias* jovens, solteiras e espertas, que erão as principaes recommendações da loja.

Declaro que vi muitas vezes e sem o menor perigo para a minha virtude *madame gorda* e sua irmã quasi magra; mas não tenho idéa, ou não conservo lembrança das tres *judias*, que representavão o contraste daquellas duas irmãs.

Informão-me que a *loja das judias* foi muito afreguezada, teve fama e credito, e que as tres jovens bonitas, faceiras, e de affabilissimo trato, *judias* que erão, *judiárrão* o mais que é possivel com dezenas de elegantes mancebos, e com alguns ridiculos velhos, que se enamorarão dellas.

As *judias* deixavão-se namorar, sorrião-se aos namorados, fazião vestidos e vendião chapéos e enfeites ás esposas, ás filhas e ás irmãs dos seus apaixonados, *judiavão* com estes, e se conservavão honestas.

Dizem-me que das tres irmãs a segunda na conta dos annos, e erão vinte nesse tempo, a segunda que apezar do—*in medio posita do virtus*, foi a menos contida, ou a mais ousada, muito urgida

por um seu ardente apaixonado, que era então membro da camara dos deputados, dera-lhe, o mil vezes pedido, longo anel de seus cabellos louros a troco de um collar de finas perolas.

O illustre parlamentar, que foi realmente illustre e depois senador, etc., pensou que poderia tecer com os cabellos do aureo anel lisongeira corda para prender a *judia*; mas que havia de acontecer?... a camara foi dissolvida, e o deputado *dissoluto*, voltando á loja das *judias*, e alli fazendo á namorada proposições ternissimas, recebeu em resposta a mais cruel *judiação*:

— Ah, doutor!... palavra de honra, depois da dissolução da camara o seu amor não póde mais entrar na *ordem do dia*.

O ex-deputado teve o bom gosto de rir-se; mas sahio da loja desapontado; mais tarde, quando era senador, e foi mais alguma cousa, já as *judias* tinham-se retirado da cidade do Rio de Janeiro, e se recolhido á França.

Uma dellas casou-se aqui creio que: com um *judeu* a quem amava: das outras não sei: deixarão fama de *judiação* namoradeira; mas sem descredito aviltador.

Ganhárão bom dinheiro na loja, e zombarão dos namorados intencionaes-seductores.

Direito perfeito: erão *judias*, e como taes *judiárão*.

Madame gorda e *madame* quasi magra sua irmã, multiplicadas por si mesmas não valião o proprio collar de perolas que a troco do anel de seus cabellos louros recebeu *menos dignamente* de seu apaixonado a segunda das tres *judias*.

Acabão aqui os annexos ; segue porém como appendice a *historieta* que prometti, e que vai sem declaração da loja, e do anno em que se passou para que não me accusem de leviandade.

Mr. Tal estava de máo humor e com alguma razão tendo encontrado entre outras sedas e fazendas em remessa chegada de Paris dez córtes de seda para vestidos, todos de padrão igual e horriavelmente espantador com extravagante mistura de côres vivissimas, e de ramagens grandes e pequenas amarellas, vermelhas, negras, etc.

Mr. Tal não quiz expôr semelhante *espanta-frequezas* ; *Mr. Qual*, porém, que era desde algum tempo socio em parte dos lucros da loja, jurou que venderia todos os dez córtes, e poz um delles sufficientemente desenrolado na vidraça.

Mr. Tal disse ao socio :

— Venda-os a todo preço, a quarenta mil réis ou menos cada um, se apparecerem *gostos estragados* á compral-os.

No primeiro dia não houve homem ou senhora que, passando por defronte da loja, não indicasse como que admiração, e repugnancia, vendo tão espantadora e medonha seda.

Mas no dia seguinte á uma hora da tarde parou de repente á porta da loja bonito phaetonte tirado por cavallos negros, trazendo dentro (não dos cavallos; mas delle phaetonte) recostada, em estorso *Mlle. Bibi* (nome que lhe dou) com os cabellos á Magdalena; *et cætera*.

Mademoiselle saltou do phaetonte, entrou na loja e pediu para examinar a seda, que *Mr. Qual*, acudindo logo, apresentou-lh'-a dizendo:

— Ultima e delirante moda de Pariz! recebemos vinte córtes desta seda, e só nos resta este que é o ultimo: vestido á — *je ne veux pas qu'on m'aime!* — *Mme. Mac Mahon* ha pouco mais de um mez fez com um destes vestidos verdadeiro furor no baile do Elysêo.

— Sim, respondeu *Mlle. Bibi* a rir; é mais do que feia, é tão horripilante esta seda, que por força obriga a attenção; por consequencia convem-me. O preço?

— Por ser o ultimo cóрте... e porque *Mlle.* o distinguio... duzentos mil réis...

— Que diabo! mas que me importa o diabo do

preço?... quero esse córte de horrorosa seda... ponha-o de lado que é meu; daqui a meia hora ha de vir quem lh'o pague.

E Mlle. Bibi voltou-se com artificioso movimento, e a olhar para a direita, para a esquerda e para o frente lançou-se dentro do phaetonte, e outra vez reclinada de estorso, e pondo á mostra uma das altas botinas toda cheia de laços e de fivellas, tendo dado ordens ao cocheiro, foi levada a trote largo pela *rua do Ouvidor* acima.

Menos de meia hora depois, e sem vergonha nenhuma o *commendador Crispim* (eu vou chrismando os verdadeiros personagens da historia), homem de quarenta annos e casado com senhora ainda moça, bonita e virtuosa, entrou ne loja, vio e pagou o córte de vestido de seda, pediu papel e tinta e (mal inspirado poeta) escreveu a seguinte quadra:

Ahi tens a mais feia seda,
Que se fará bella em ti;
Pois tudo é bello em teu corpo,
Meu anjo, minha *Bibi*.

E logo collocou o seu verso entre as dobras da seda, fez acondicionar esta em cartão bem arranjado e escreveu sobre o cartão a necessaria in-

dicação da rua e do numero da casa da *Bibi* e deu ordem para ser immediatamedte levada a encomenda ao seu destino.

Um caixeiro sahio logo com o córte de seda.

O commendador Crispim que, embora fôsse rico, era muito economico, e frequentemente queixava-se á esposa das despezas que ella fazia com suas *toilettes* de modo a vexal-a não pouco, acabava de pagar duzentos mil réis por córte de abominavel seda coagido por exigencia do vicio que o escravisava.

Raras vezes a esposa tinha merecido seda de tanto preço ao marido sovina. É verdade que Crispim pagara os duzentos mil réis, lamentando semelhante capricho; mas sommas muito mais avultadas já por castigo lhe tinha custado a sua *fraqueza*.

Não é *fraqueza* que se diz? ...

Mas Crispim ia sahir da loja, quando parou á porta vendo aproximar-se outro commendador (no Brazil os doutores e os commendadores são como as folhas do bosque e as areas do mar), o seu concunhado Theotonio, e ambos ficárão a conversar.

A conversação foi confidencial, e versou sobre as *impertinencias* das esposas e sobre os expedientes com que elles as mystificavão.

Os dous commendadores casados com duas se-

nhoras irmãs e honestísimas, erão maridos como ha por ahi outros que, ainda mesmo sem commenda, são maridos de encommenda.

Crispim, depois de ouvir o que Theotonio lhe dizia da sua Luizinha, que ás vezes ciumenta o massava, chorando, mas sempre acabava por acreditar na sua innocencia, tomou a palavra por sua vez.

— Olha, Theotonio, a minha Clotilde só me atrapalha, vindo alguns dias encontrar-me na *rua do Ouvidor*; hoje, porém, como eu podia correr certo perigo, livre-me absolutamente da Clotilde. Foi uma dos diabos... estou quasi arrependido.

— Que foi?

— De um retalho de seda azul que lhe ficára de um vestido, ella arranjou uma gravata para o nosso sobrinho Quincas, e esta manhã fingi por isso tal accesso de ciumes, que a deixei chorosa, desganhada...

— Mas que loucura cruel! o Quincas tem apenas dezeseis annos de idade, e desde os cinco em que perdeu seus pais é nosso filho de adopção...

— Chegando á casa eu pedirei perdão á Clotilde; era-me porém necessario livrar-me hoje della na *rua do Ouvidor*.

Os dous forão interrompidos pelo caixeiro que tinha ido levar o córte de seda á casa de *Mlle. Bibi*.

Crispim chamou a um lado o *pequeno* e interrogou-o sobre o desempenho da commissão; mas quasi logo levou as mãos á cabeça, e recuou exclamando:

— Oh, diabo! que foi fazer este pastrana!...

O desazado caixeiro, que costumava levar ás vezes fazendas á casa do commendador, não julgara preciso ler as indicações escriptas sobre o cartão e fôra entregar o córte de seda á esposa de Crispim.

Mr. Tal e Mr. Qual acudirão á exclamação, e sabendo do *qui pro quo*, emquanto o primeiro reprehendia o caixeiro e jurava ir despedil-o; o segundo, abusando da perturbação e do desespero de Crispim, disse-lhe:

— Talvez que V. Ex. esteja afflicto, além de outro motivo, tambem pela falha do... da *encommenda*, por ter sido aquelle córte de seda o *ultimo*.. mas acabamos de descobrir outro córte, e, se quer que o mande levar... eu sei onde é... não haverá engano... V Ex. quer que o mande levar?... quer?...

— Mande... mande; respondeu sem pensar no que dizia o commendador Crispim em apuros.

Theotonio ouviu-lhe a historia do fatal *qui pro quo* com a circumstancia aggravante da *quadra*, prova evidente da culpa.

Ficarão os dous a olhar um para o outro e *junto de um penedo outro penedo*.

— Que entrosga! murmurou Crispim finalmente.

— E o meio de sahir della?... disse Theotonio.

Ambos por mais de uma hora alli se deixarão a imaginar explicações impossiveis, até que de subito parou á porta da loja um carro (da praça), e delle se apeiou Clotilde.

Fação idéa da cara e da compostura de Crispim. Isto se passava em fins de Junho, e o pobre homem suava a causar pena.

Clotilde vinha pallida, levemente tremula; mas *senhora*.

Ella deu a mão ao marido e ao cunhado, e disse com brandura áquelle:

— Crispim, fizeste hoje um despeção commigo! o caixeiro me informou do preço da seda: agradeço-te muito o bello presente e a graça dos versos.

O marido respondeu estupidamente, fingindo rir, e fallando ao ouvido da esposa:

— Ah! causei-te ciumes?... era o que eu queria para vingar-me.

Clotilde tornou dizendo-lhe docemente:

— Bem sei, e podias tel-o dito em voz alta; bem sei que a minha vontade e até os meus caprichos são a tua lei, e vou proval-o.

Avançando então para dentro da loja, ella disse a *Mr. Qual* que se apresentára:

— Quero um outro córte daquella seda.

— Pois o que foi, é pequeno?...

— Não, Crispim; a seda porém é lindissima, e eu desejo outro córte para augmentar a cauda do vestido, e para fazer algumas gravatas que destino ao nosso Quincas.

O marido sovina sentio o golpe, e chegando-se para Theotónio disse-lhe baixinho:

— Ainda bem que o derradeiro depois do ultimo.....

Mas não acabou, porque *Mr. Qual* acudio, dizendo:

— Pensavamos ter osgotado os córtes da delirante *je ne veux pas qu'on m'aime*; mas de mistura com outras sedas novissimas um caixeiro achou mais um..... eil-o, é de V. Ex.!

— Mande-o pôr no carro.

E voltando-se para o marido Clotilde accrescentou:

— Mais duzentos mil réis para augmento da cauda do meu vestido, e para gravatas do nosso Quincas, por certo que te não causão pena.....

— Oh!.. não... não!... balbuciou Crispim, que suava cada vez mais.

— Aquelle córte de seda é o *ultissimo*; disse Theotónio em tom muito baixo a Crispim.

— Que está dizendo a meu marido?.. perguntou Clotilde sorrindo:

— Dizia-lhe, que a delirante seda é feia, como o inferno....

— Isso é inveja, mano; e o que eu sinto é que não haja ainda um córte, porque, em lembrança da optima companhia que o senhor faz a Crispim, eu levãfia de presente á Luizinha...

— Oh, minha senhora!... parece milagre de V. Ex! ... exclamou *Mr. Qual*; encontrãrão-se mais dous córtes da *je ne veux pas qu'on m'aime* no ultimo caixão que acaba de se abrir neste momento.

— Dous! meu Crispim, sê condescendente... tu és tão bom para mim!... eu quero os dous... um para Luizinha, e outro que mandarei á prima Antonica, que faz annos amanha...

— Mas repara... balbuciou todo banhado em suor e concentrando a furia o marido sovina.

— Os dous córtes de seda no carro! disse Clotilde a *Mr. Qual*, que logo obedeceu á ordem.

E quasi terna ella continuou, fallando ao marido:

— Quero-os, e tu escreverás uns versinhos, *como aquelles*, para que eu os mande pregados na seda á prima Antonica.

Theotonio mal continha o impeto de desatar a rir da vingança da ciumenta cunhada.

Crispim alagado em suor e obrigado a submeter-se, embora furioso pela despeza de quatro córtés de seda além do reservado para a *Bibi*, temendo que apparecessem inesperados ainda outros que a vingativa esposa abrazada em ciume quizesse tomar, disse a esta :

— Agora vamos para casa : dar-me-has um lugar no carro.

— Não posso : só ha lugar para dous, e o nosso Quincas me espera na praça de S. Francisco de Paula.

E Clotilde, aceitando graciosa e risonha a mão que o marido lhe offereceu, entrou no carro, que immediatamente partio.

— Melhor do que eu esperava e temia ! disse Theotonio ao con-cunhado.

E o sovina Crispim respondeu :

— Mas quatro córtés... afóra o outro !... um conto de réis !... um conto de réis !...

— E a tua *quadra* á *Bibi* ?...

— O diabo leve a poesia !...

E o miseravel vicioso deu dous passos para o interior da loja, e disse a *Mr. Qual* :

— Não esqueça a... *encommenda*.

E sahio com o con-cunhado, que era tão bom marido como elle.

Clotilde nem recebeu o Quincas na praça de S. Francisco de Paula, nem fez vestido, nem gravatas, nem presentes da seda maldita.

Melancolica, mas placida recebeu em casa o marido sem atormentar-se, nem atormental-o com increpações, e scenas tristes de ciumes.

Mas vingou-se devéras!...

Dos quatro córtes de seda — *je ne veux pas qu'on m'aime* — fez uma duzia de *robes de chambre* — para o seu Crispim, e d'ahi em diante não poupou mais despezas com as suas *toilettes*.

O melhor desta historia é que hoje, sendo lido o folhetim, um dos meus leitores da *rua do Ouvidor* dirá aos seus freguezes de confeitaria:

— O caso foi falsificado: o *qui pro quo* verdadeiro aconteceu com uma rica bandeja de doces...

Outro dirá na sua loja de ourivesaria:

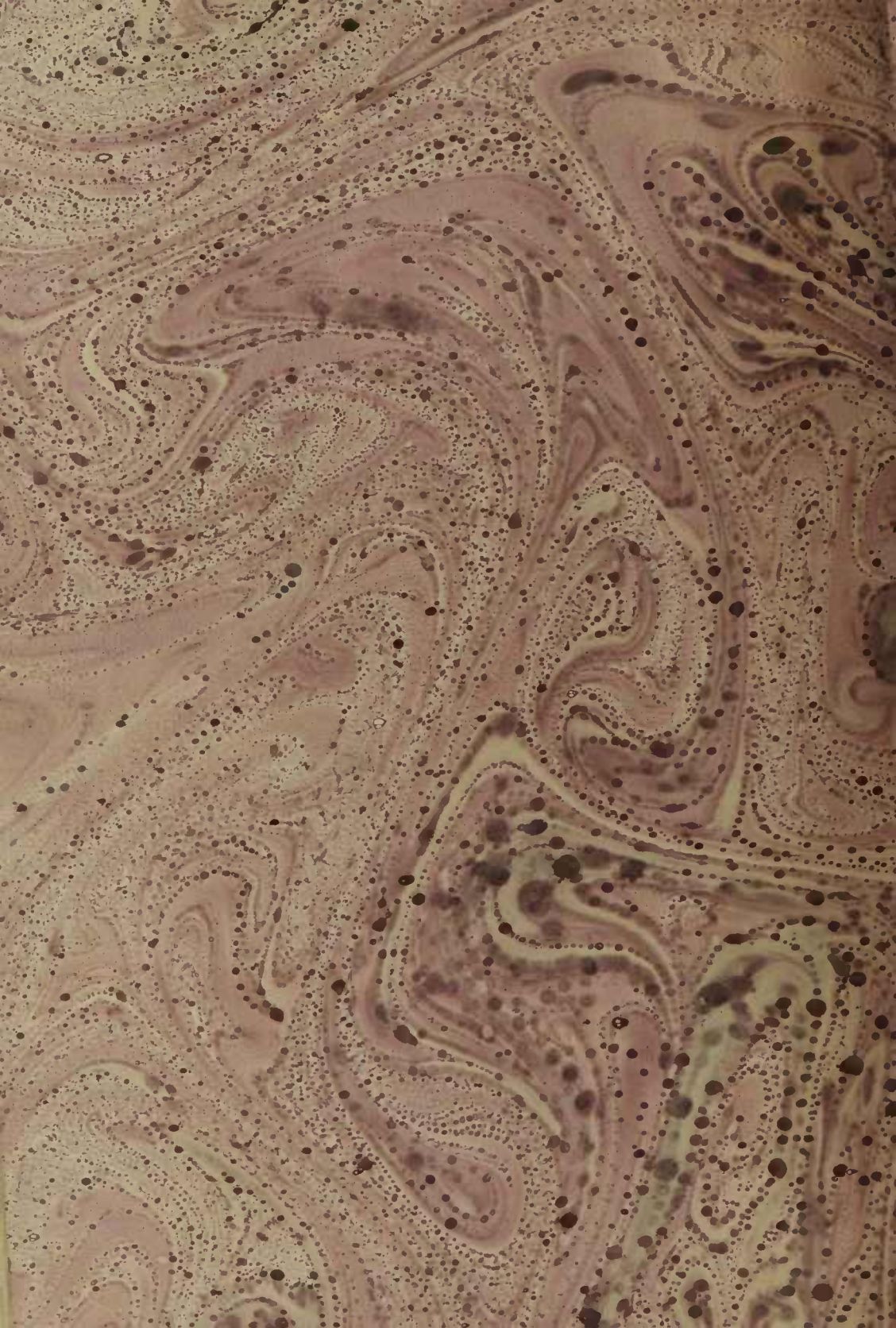
— Que peta! não houve historia de córte de vestidos; o que houve foi... quasi o mesmo... o engano na entrega de rico relógiozinho de ouro...

Tres edições afóra as que ignoro de historia que é a mesma no fundo.

Eu por mim não rejeito, e, ao contrario, aceito as diversas edições ou corrigendas da minha — *histo-*

rieta — : mas dou *vista* da causa aos maridos moços e principalmente aos velhos para que cada um diga o que fôr de seu direito á sua respectiva esposa.

FIM







BRASILIANA DIGITAL

ORIENTAÇÕES PARA O USO

Esta é uma cópia digital de um documento (ou parte dele) que pertence a um dos acervos que participam do projeto BRASILIANA USP. Trata-se de uma referência, a mais fiel possível, a um documento original. Neste sentido, procuramos manter a integridade e a autenticidade da fonte, não realizando alterações no ambiente digital - com exceção de ajustes de cor, contraste e definição.

1. Você apenas deve utilizar esta obra para fins não comerciais. Os livros, textos e imagens que publicamos na Brasiliiana Digital são todos de domínio público, no entanto, é proibido o uso comercial das nossas imagens.

2. Atribuição. Quando utilizar este documento em outro contexto, você deve dar crédito ao autor (ou autores), à Brasiliiana Digital e ao acervo original, da forma como aparece na ficha catalográfica (metadados) do repositório digital. Pedimos que você não republique este conteúdo na rede mundial de computadores (internet) sem a nossa expressa autorização.

3. Direitos do autor. No Brasil, os direitos do autor são regulados pela Lei n.º 9.610, de 19 de Fevereiro de 1998. Os direitos do autor estão também respaldados na Convenção de Berna, de 1971. Sabemos das dificuldades existentes para a verificação se um obra realmente encontra-se em domínio público. Neste sentido, se você acreditar que algum documento publicado na Brasiliiana Digital esteja violando direitos autorais de tradução, versão, exibição, reprodução ou quaisquer outros, solicitamos que nos informe imediatamente (brasiliiana@usp.br).